



ACERTO DE CONTAS

HERÓIS MARCADOS

GWYN
MCNAMEE

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



ACERTO DE CONTAS

HERÓIS MARCADOS

GWYN
MCNAMEE

GWYN MCNAMEE

ACERTO DE CONTAS

Tradução: Alessandra Cristina Rodrigues

1ª Edição



GRUPO EDITORIAL

Five

2024

Porto Alegre

Acerto de Contas

Copyright © 2021 Gwyn McNamee

Copyright da Tradução © 2024 Editora Five

Todos os direitos reservados.

Produção Editorial: Grupo Editorial Five

Arte de Capa: Joy Design Editorial

Tradução: Alessandra Cristina Rodrigues

Preparação: Naiara Chiquetto

Revisão: EN Serviços Editoriais

Diagramação: Carol Dias

Imagens de diagramação: shmai/Flaticon

Nenhuma parte do conteúdo desse livro poderá ser reproduzida em qualquer meio ou forma — impresso, digital, áudio ou visual — sem a expressa autorização sob penas criminais e ações civis.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas ou acontecimentos reais é mera coincidência.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M478

McNamee, Gwyn.

Acerto de Contas [livro eletrônico] / Gwyn McNamee ;
tradução Alessandra Cristina Rodrigues — 1. ed. — Porto
Alegre, RS : Grupo Editorial Five, 2024. — (Série Heróis
Marcados ; 1)
epub

Título original: Dead Reckoning

ISBN 978-65-85185-89-5

I. Ficção norte-americana I. Título. II. Série.

CDD-813.5

Índices para catálogo sistemático:

I. Romances : Literatura norte-americana

813.5

Sumário

[Início](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Sobre a autora](#)

[Sobre a Five](#)

Aviso:

*Este livro contém assuntos e cenas sensíveis,
que podem ser gatilhos para alguns leitores.*

Leia com cautela.

PRÓLOGO

Reaper

O calor opressivo e a umidade pesam sobre meu corpo como um cobertor molhado. Cada respiração atrai ar quente e abafado para os meus pulmões, sem oferecer nenhum alívio. É mais como beber sopa do que respirar, na verdade. Estar sentado na vegetação densa e exuberante, encharcada com as chuvas recentes, não ajuda as coisas, mas me fornece o ponto de vista perfeito para vigiar meu alvo. Uma cobertura completa, onde posso me misturar com a paisagem e, daqui, entregar a morte.

Ele não me viu nem uma vez desde que comecei a segui-lo há mais de uma semana, perseguindo-o pela cidade, avaliando cada movimento seu, observando seus padrões para encontrar a oportunidade perfeita para atacar. Eu poderia tê-lo matado mil vezes, dado um tiro que acabaria com sua vida e o faria pagar pelo que fez a Evangeline. Mas esperei paciente por esse exato momento. Porque eu sabia que aquele filho da puta não estava tramando nada de bom e que não estava sozinho.

Nervoso e empolgado, o homem praticamente gritou: “*Olhe para mim! Vou aprontar de novo!*” nos últimos dias. Corresponde às informações que Cutter e Preacher me forneceram, sugerindo que ele repetiu o novo empreendimento desde que vendeu sua noiva para traficantes de pessoas. Ele encontrou uma maneira nova e fácil de ganhar muito dinheiro e está aproveitando o máximo que pode.

Mas esperar valeu mais a pena do que eu jamais imaginaria e me abriu a porta não só para matar o filho da puta que traiu Eva, mas também vários de seus contatos responsáveis pela quadrilha de tráfico aqui nas ilhas.

Todo mundo sai ganhando.

O que mais eu poderia pedir?

Este ponto de encontro é ideal para o que tenho em mente a fim de iniciar seu castigo eterno. Esse homem não merece uma morte rápida. Não quando ele fez Eva e inúmeras mulheres depois dela

passarem por esse tipo de agonia vil.

Não, esta noite ele vai pagar pelo que fez de uma forma muito mais adequada.

Primeiro, preciso acabar com seus amigos, aqueles que adquirem todas as garotas e as vendem em sua versão sinistra do inferno. Vejo todos em minha mira, conversando perto da traseira do carro de Danilo. Um deles aponta para o porta-malas e ri.

Filhos da puta.

Tenho que engolir um rosnado porque sei o que está no porta-malas. Eu sei o que meu alvo colocou lá... ou, devo dizer, *quem* ele colocou lá. Aquela pobre garota que pegou na rua há apenas duas horas, antes de dirigir até aqui, nas colinas isoladas, para entregar a esses idiotas.

A confirmação de que ele ainda está executando seus velhos truques. O fato de o idiota ainda estar repetindo o que fez com a garota de Elijah torna isso ainda mais fácil. Uma verdadeira justificativa para o que estou prestes a fazer. Remover a escória da Terra sempre foi parte do trabalho, mas este terá um sabor especialmente doce.

É hora de todos esses filhos da puta conhecerem o ceifador.

Disparo cinco tiros precisos, tão rápidos que os homens nem têm tempo de reagir quando as cabeças de seus amigos explodem e eles desmoronam no chão, um ao lado do outro. Danilo é o único que ficou de pé, coberto pelo sangue deixado por seus comparsas desalmados quando foram se encontrar com o Diabo.

Surpresa, seu pedaço de merda inútil.

Ele leva um momento para reagir. Tempo suficiente para eu recolher os cartuchos vazios do chão e já estar descendo a colina em sua direção antes que ele enfim consiga tirar o celular do bolso em desespero. Pego o meu e pressiono o botão no dispositivo que irá bloquear os sinais do celular por quilômetros ao nosso redor.

Ele não vai receber ajuda de ninguém. Não aqui em cima. Nunca.

O homem está tão absorto tentando fazer o telefone funcionar que não me vê chegando até que seja tarde demais. Sua cabeça levanta assim que eu o alcanço, e eu o agarro pelo pescoço e o prendo contra o carro.

O celular cai no chão enquanto ele luta e arranha meu braço, e eu abaixo meu rifle com calma e o pressiono contra o carro. Sua resistência não me incomoda, mal percebo, considerando o tipo de dor que estou acostumado a suportar.

Encontro seu olhar castanho aterrorizado, os olhos livres de qualquer remorso pelo que fez ou empatia pela mulher que colocou neste maldito porta-malas. Apenas preocupação consigo mesmo os

preenche.

O desejo de apertar mais o pescoço dele, de vê-lo ofegar e me arranhar enquanto luta pelo ar que nunca mais vai respirar, surge em minhas veias. Mas esse não é o plano. Preciso que ele esteja consciente o suficiente para entender a mensagem que estou prestes a transmitir antes de tirar sua vida.

Dou um sorriso perverso, aquele que eu gosto tanto de usar antes de tirar a vida de alguém que não merece viver.

— Olá, Danilo. Eva manda lembranças.

Seus olhos se arregalam ligeiramente e ele balança a cabeça, ainda agarrando meu pulso, cravando as unhas na carne ali.

Eu me inclino para ele e zombo.

— Não adianta resistir. É hora de você receber o que merece.

Na verdade, até isso é pouco para um homem como ele — para *qualquer um* desses homens. Mas não tenho tempo de fazer o que quero de verdade, acabar com ele ao longo dos dias, destruí-lo física e mentalmente, prolongar a morte que ele sabe que está chegando, até que esteja literalmente implorando por ela.

Então, isso vai ter que servir.

Pego minha faca *Yarborough* da bota com a mão livre e a enfio em seu estômago em um movimento suave, então serro a lâmina para frente e para trás enquanto, puxo para cima e para fora, garantindo que cause o máximo de dano interno e a maior dor possível.

Ele abre a boca para dizer algo ou gritar, mas tudo o que sai é um suspiro e um gemido estrangulado. Afrouxo um pouco o aperto em seu pescoço, o suficiente para permitir que ele respire só um pouco.

— Se... se me deixar ir, vou te dizer onde pode encontrar as outras.

Suas palavras enviam gelo em minhas veias e arrepios se espalham pela minha pele, apesar do calor do ar noturno.

As outras?

Claro, devia haver mais garotas em algum lugar. Uma operação tão grande e bem estruturada quanto a que manteve Eva cativa não estava apenas começando. Já estava consolidada.

Tive esperanças de que Danilo me levasse a quaisquer mulheres em cativeiro durante o tempo em que o observei, mas parece que ele é apenas um fornecedor de rua e não conhece nenhum dos grandões por trás da organização. Portanto, duvido muito que tenha alguma informação útil.

— Besteira. Você não sabe de nada.

Ele acena com a cabeça, contra o meu aperto em sua garganta.

— Se-sei, sim — ele se esforça para colocar as palavras para fora. — Eu ouvi a conversa deles.

— Me conta. — Enfio minha faca em seu estômago novamente,

garantindo que a dor permaneça nova e extrema, como um incentivo para ser honesto.

Ele só consegue acenar e suspirar de novo.

— Nova York. Russos. Algum clube. Não sei o nome.

— Russos? — Eu olho para os cinco homens mortos no chão.
— Seus amigos aqui são todos filipinos.

Ele dá um aceno rápido.

— Eles... eles são os fornecedores. Levam as meninas pros barcos. Mas trabalham com esses russos de Nova York. E também ouvi, acho, alguns albaneses de Chicago.

Rosno e o jogo contra o carro novamente, minha raiva ganhando vida e aquecendo o sangue pulsando em meus ouvidos.

Esses filhos da puta criam laços com qualquer um por um preço, ao que parece.

Essa segunda parte se encaixa com o que Cutter disse quando ligou para me pedir esse favor. A equipe dele havia invadido um barco albanês no lago Michigan, cheio de mulheres que haviam sido traficadas a caminho de Chicago para serem vendidas para quem pagasse mais. Embora Cutter tenha garantido que eles cuidaram das coisas com o chefe da família em Chicago para terminar tudo por lá, essa missão de localizar Danilo, e qualquer pessoa deste lado do mundo que possa estar envolvida, coube a mim.

Mas a reviravolta russa é inesperada.

Ela cria uma questão nova em meu plano. A missão deveria ser apenas matar esse filho da puta, fazê-lo *pagar* pelo que fez a Evangeline, e talvez aproveitar para salvar mais algumas vítimas aqui. Mas não consigo esquecer que existem outras mulheres inocentes por aí, algumas potencialmente detidas e vendidas em solo americano. Não quando eu posso fazer algo sobre isso.

Enfio a faca nele de novo, torcendo e cortando, e ele grita, o som ecoando pelo ar calmo da noite. Mas aqui fora não há ninguém para ouvi-lo. Ninguém que escute os tiros que dei. Ninguém para descobrir o massacre, talvez por vários dias. O lugar remoto que escolheram para o encontro de hoje selou seu destino, embora eu os tenha marcado para morrer há muito mais tempo.

— Você... disse... que não ia me matar... — ele mal consegue pronunciar as palavras em meio ao sangue que sai de sua boca.

Eu sorrio para ele e esfaqueio novamente.

— Eu não disse tal coisa. — A raiva me enche enquanto cuspo em seu rosto e a observo escorrer por sua boca manchada de sangue.
— Você está recebendo o que merece.

No segundo em que o solto, ele cai no chão, e vou até o portamalas e abro. A garota está amarrada e com os olhos vendados, tremendo, ainda com o uniforme escolar que usava na cidade, quando

o vi atraí-la para o carro antes de segui-lo até aqui.

Estendo a mão para o braço dela, que chuta violentamente com as pernas amarradas, ainda com energia para resistir, apesar do que já passou nas mãos deste monstro.

— *Huwag kang magalala.*

Meu filipino é uma completa merda, mas espero que entenda o que estou tentando dizer, minha garantia de que ela está bem e que não vou machucá-la.

Ela congela e vira a cabeça para mim, embora não consiga ver nada. Seu lábio inferior treme, e as lágrimas escorrem por baixo da venda que cobre seus olhos e escorrem pelas bochechas.

Eu gentilmente coloco a mão em seu braço.

— Você fala inglês? — Ela oferece um pequeno aceno de cabeça. — Vou te tirar do porta-malas e colocar você de pé. Os homens que a levaram não podem mais te machucar. Entende o que estou dizendo?

Mesmo no porta-malas, ela deve ter ouvido os tiros que mataram os amigos de Danilo, e deve ter entendido um pouco do que eu disse a ele, mesmo que apenas fragmentos abafados.

A garota tem razão em ter medo de mim.

Ela acena com a cabeça, tremendo descontrolada, apesar do calor sufocante que devia estar no porta-malas.

— Bom. — Eu a pego em meus braços como se ela não pesasse nada.

Seu corpo inteiro vibra tanto que, quando a coloco de pé, tenho que estabilizá-la por um momento, antes que ela consiga se equilibrar. Usar a mesma faca ensanguentada que matou Danilo para cortar as amarras em seus tornozelos e pulsos parece quase poético, mas, quando ela estende a mão para tirar a venda, seguro seu pulso com a mão livre.

— Deixe a venda. Conte até duzentos. Em seguida, entre neste carro e dirija até a primeira delegacia de polícia que encontrar. Entendeu? — Ela assente com a cabeça.

Não posso correr o risco da garota me ver e me descrever para a polícia.

Eu nunca conseguiria sair do país se estivessem me procurando. Mas ela parece entender exatamente o que estou dizendo sem ter que explicar mais. Talvez sinta que foi salva e queira que eu saia ileso, mesmo sabendo o que acabei de fazer.

Essa pobre garota nem consegue compreender o que teria acontecido com ela se eu já não estivesse observando e planejando isso. Se eu tivesse vindo na próxima semana, amanhã ela estaria em um navio com destino só Deus sabe para onde.

Meu coração aperta no peito, e solto um suspiro profundo.

Descanso minha mão em seu ombro, e ela se encolhe. Esfrego com suavidade e me inclino para ela.

— Você vai ficar bem — prometo.

Não é uma promessa que posso fazer, e definitivamente não posso ajudar a cumpri-la de forma alguma — isso depende cem por cento dela e de como vai permitir que o que aconteceu a afete a longo prazo — mas espero que seja verdade. Como Eva, rezo para que consiga superar o que fizeram com ela e encontrar uma vida normal com alguém que a ame.

Não que todo mundo chegue a viver isso. Com alguns de nós, nunca acontece.

Olho para o celular de Danilo.

— Há um telefone no chão bem perto de você. Caso precise. Diga a eles que era do homem que levou você.

O homem que vim matar nas Filipinas está sangrando no chão, gorgolejando e ofegante.

Missão cumprida!

Ele não vai durar o suficiente para qualquer ajuda chegar, mas ainda é uma morte boa demais para ele. Teria sido bom passar alguns dias, ou mesmo uma semana com ele, para fazê-lo sofrer e desmontá-lo pedacinho por pedacinho. Mas vou aceitar essa vitória, mesmo que não seja exatamente como eu queria.

As coisas quase nunca são. Apreendi a aceitar que nunca serão.

Dou um chute forte no estômago de Danilo. Ele grita, sua excitativa se encolhe e se afasta um pouco do som, mas começa a contar.

— Um. Dois. Três. Quatro...

Merda!

Eu não queria assustá-la mais, só precisava dar uma última boa olhada antes de pegar minha arma e pegar o caminho de volta até a pequena clareira para desaparecer na escuridão da selva.

Vai ser como se eu nunca tivesse estado aqui.

Entre. Saia. Não deixe nada além de corpos para trás.

Quando ela terminar de contar, a carnificina será a única prova de que já estive aqui.

Um fantasma.

Um ceifador em uma missão para corrigir essa injustiça em particular.

É a única coisa em que sou bom.

Só que parece que esta é apenas a ponta do iceberg. Próxima parada: Nova York.

CAPÍTULO 7

Viktoria

O baixo grave bate no chão e vai direto para minhas têmporas, ameaçando causar uma enxaqueca com a qual não posso lidar agora. Preciso estar cem por cento concentrada esta noite para ter alguma chance de encontrar algo que possa ajudar na investigação. Se o que Hank disse for verdade, expor este caso exigirá foco absoluto.

Mas só de estar no B66 faz com que o desconforto se enrole em minha coluna e aperte a cada minuto que passa. E não é só porque Hank me pediu para vir aqui com ele, fora do horário de trabalho, sem uma investigação formal aberta, com base no que parece ser alguma dica obscura que recebeu de uma fonte “misteriosa”.

Sou totalmente a favor de usar quem preciso nas ruas para reunir informações, mas me infiltrar em uma boate de propriedade da russa Bratva traz um risco muito maior do que qualquer outra coisa em que estive envolvida desde que me tornei uma das melhores detetives da *NYPD*.

Entrei para a polícia para não acabar em um lugar como este — como tantas das garotas com quem cresci, que tinham grandes sonhos, mas acabavam bebendo e chupando paus apenas para sobreviver mês a mês, ou sentir como se pertencessem a algum lugar.

Este clube é um ímã para mulheres desesperadas como elas, e homens com muito dinheiro e sem ética. Não é de se admirar que Hank suspeite que seja o centro da quadrilha de tráfico humano que, há muito sabemos, opera aqui em Nova York.

Então, embora eu tenha lutado muito para ficar longe de lugares como a B66, saber o que pode estar acontecendo aqui com mulheres inocentes significa assumir o risco e vir ver o que consigo identificar, por mais desconfortável que isso possa me deixar.

Embora, verdade seja dita, talvez não seja apenas este espaço e as pessoas nele me deixando desconfortável. Pode ser o homem no final do bar, à nossa frente.

Alto.

Musculoso.

Sombrio.

E, apesar de haver uma série de ameaças no clube — *gângsteres* portando armas carregadas sem registro, mulheres vendendo a si mesmas e drogas, o potencial de encontrar um rosto familiar — não consigo desviar minha atenção dele.

Ele é novo — se fosse uma figura local, eu o reconheceria. Ele tem um daqueles rostos que você não consegue esquecer — mandíbula forte e barba por fazer; olhos azuis penetrantes visíveis mesmo de tão longe — e, apesar me esforçar muito para manter o foco onde precisa estar esta noite, algo sobre ele continua chamando minha atenção.

E não é só porque ele é muito bonito.

Tem algo de errado com ele, desde o minuto em que entrou aqui e se sentou no banco.

Seu olhar nunca para de se mover — da porta aos clientes, até o mezanino de onde Yankovich dirige seu império. Ele examina o clube como se estivesse procurando por alguém ou esperando que algo aconteça. Dezenas de mulheres seminuas atendem os clientes e tentam se aproximar dele, oferecendo de tudo, desde drogas e bebidas até sexo, mas o cara não parece nem um pouco interessado. Ele lhes oferece um meio-sorriso que não atinge seus olhos e diz algo que as faz fugir rapidamente. No entanto, permanece imóvel quase que por completo, calmo e casual — pelo menos, para um olho destreinado. Mas para mim está claro: ele está aqui por um motivo.

Talvez o mesmo que nós.

O boato é que eles ainda traficam mulheres trazidas de todas as partes do mundo. Inocentes, arrancadas das ruas, e até mesmo direto de suas casas, depois jogadas em enormes navios de carga nos quais vivem na miséria por semanas ou até meses, atravessando os Estados Unidos, onde são vendidas como escravas sexuais para o doente que pagar mais.

Eu cutuco Hank com o cotovelo e inclino a cabeça em direção ao homem misterioso, enquanto faço parecer que estou apenas me inclinando para falar por cima da música alta.

— O cara no final do bar.

Hank levanta uma sobancelha e, disfarçando, olha para o homem por cima do ombro, enquanto toma um gole de cerveja.

— O que tem ele?

— Acho que ele está aqui querendo comprar. — *E não estou falando de drogas.*

— O que te faz dizer isso?

Continuo de olho no homem enquanto finjo rir de algo que Hank disse. É importante nos misturarmos aqui. Se formos reconhecidos como policiais, isso pode acabar com um banho de

sangue. E embora eu não fosse me importar de ver alguns dos homens de Yankovich em sacos para cadáveres pelo que fizeram, prefiro manter Hank e eu fora deles.

— Observe como ele está olhando ao redor. Não está prestando atenção nas garotas. Está procurando por algo ou alguém em particular.

— Yankovitch?

— Talvez?

Faria sentido se ele estivesse aqui pelo mesmo motivo que nós. Yankovich administra este lugar e a Bratva em Nova York. É o encarregado de qualquer tráfico que esteja acontecendo. O homem que precisará aprovar todos os compradores.

— No entanto, eu não o vi descer do segundo andar nenhuma vez desde que chegamos.

E ele tampouco desceria.

Yankovich é inteligente o suficiente para não sujar as mãos, especialmente em um lugar público como este. Qualquer um poderia entrar da rua e testemunhar negócios fechados no mezanino. Ele não vai querer ser visto fazendo nada que possa colocá-lo na cadeia.

Eu odeio criminosos espertos.

São os mais difíceis de pegar e, em geral, os que se safam com as coisas mais nojentas. O tipo de coisa que mantém pessoas como eu — que precisam limpar sua sujeira e lidar com as consequências — acordadas à noite.

Hank passa o braço em volta de mim e se inclina para perto, nós dois tentando fazer parecer que somos um casal, e assim, garantir que nossa conversa não seja ouvida por ouvidos curiosos perto de nós. Embora, com tanto barulho aqui, isso seja improvável, de qualquer maneira. Talvez o *único* ponto positivo do som batendo em meu cérebro implacavelmente.

— O que você quer fazer? Quer pegar o cara?

Eu coloco a mão sobre a dele no meu ombro e roço minha boca contra sua orelha, enquanto espio o homem com o canto do olho. Ele não se moveu daquele lugar no bar, e seu comportamento desinteressado também não mudou.

— Observá-lo. Ver se conseguimos alguma confirmação do que ele está fazendo aqui.

Não há muito mais que possamos fazer no momento. Ainda não testemunhamos nada ilegal, além de garotas desaparecendo no corredor dos fundos com os clientes do bar. Mas o que acontece atrás de portas fechadas lá atrás é a menor das nossas preocupações. As meninas aqui estão fazendo isso porque querem, e não são nossa principal preocupação. Embora eu fosse adorar tirá-las desta vida, ajudá-las a abandonar o vício e conseguir empregos decentes que não

exijam que abram as pernas ou engasguem em paus por dinheiro, nosso foco de hoje à noite são as mulheres que não escolheram isso foram compradas e vendidas.

Um aceno de cabeça confirma que Hank concorda com o plano de esperar e observar. Então, fingimos flertar e beber nossas bebidas devagar, mantendo vigilância atenta sobre o homem e o resto dos clientes, caso mais alguém interessante apareça.

Com Michail Yankovich enfiado em segurança no mezanino privado do segundo andar, supervisionando seu reino, mas mantendo distância da ação, não será fácil atribuir nada a ele. Mas se conseguirmos alguém de dentro, alguém que nos forneça informações ou que possamos forçar a cooperar, talvez possamos derrubar o homem responsável por tanta tristeza.

Talvez seja uma ilusão da minha parte, mas tenho que acreditar que o bem triunfará sobre o mal, ou não conseguiria fazer esse trabalho dia após dia. Ver o que vemos todos os dias, a destruição e a vilania com que os humanos tratam uns aos outros, pesa na minha alma de uma forma que nunca imaginei que fosse possível. Em primeiro lugar, é a única razão pela qual concordei com a vinda não oficial que Hank propôs esta noite, mas, agora que estou aqui, não posso simplesmente ir embora sem conseguir *algo*.

E esse momento pode enfim ter chegado...

— Aguarde. — Aperto Hank com a mão. — Alexei Kosofik acabou de sair do corredor dos fundos, e o cara o agarrou.

Hank dá risada.

— Ele é corajoso de encostar no Kosofik.

— Ou muito burro.

No entanto, algo me diz que não é o caso. Esse cara é muito cuidadoso. Muito meticuloso como se apoia no bar, observa todos, se move e não dá as costas para a porta da frente.

Algo está definitivamente errado aqui.



Reaper

Tomo um gole da minha tônica com limão e examino o bar pelo que parece ser a centésima vez desde que cheguei. Definitivamente não é o tipo de lugar que eu quero passar minha noite. Mas quando cheguei a Nova York e comecei a falar com as pessoas que sabem, todas os caminhos me trouxeram até aqui. E até Michail Yankovich.

— *Eles conseguem o que você quiser. Os leilões são os melhores de que já participei.*

Fiquei incomodado ao ouvir a maneira como as pessoas de quem fingi ser amigo falavam sobre essas mulheres... até crianças. Como se fossem uma mercadoria para comprar, vender e negociar pelo lance mais alto, em vez de seres humanos com famílias, vidas, esperanças e sonhos que foram destruídos quando foram levados. Mas eu posso atuar. Posso desempenhar qualquer papel para chegar ao meu objetivo final. Então, sorri, balancei a cabeça e disse as palavras que precisava para chegar até aqui... na B66, o centro das atividades da Bratva na cidade.

Agora tudo que preciso fazer é encontrar Alexei Kosofik, subchefe de Yankovich. O bastardo não apareceu nos últimos três dias em que estive por aqui, e o boato sugere que outro leilão acontecerá em breve. Isso significa que não tenho muito tempo para brincar. Ele provavelmente está ocupado com os preparativos finais, mas se eu quiser pegar as garotas antes que sejam vendidas debaixo do meu nariz, preciso encontrá-las primeiro. Isso só acontecerá através *dele*.

Eu viro e me inclino contra o bar para olhar casualmente para o mezanino privado onde Michail Yankovich sempre fica — fora do alcance de qualquer um, exceto aqueles que considera dignos. Não o vi pisar aqui nenhuma vez, embora este estabelecimento seja dele. O homem usa o mezanino como um trono em que governa seu reino, sem se importar com o fato de que o que está fazendo com essas mulheres não está destruindo apenas as vidas delas.

Ele não presta atenção em mim, observando-o de baixo, apenas examina a multidão, então volta para o sofá de couro contra a parede para beber e rir com os comparsas.

Filho da puta.

Homens como ele são a razão pela qual entrei para o exército, para começo de conversa, só que nunca esperei encontrá-los em solo americano. Pelo menos agora que fui forçado a me aposentar, continuo ocupado usando as habilidades que o bom e velho “Tio Sam” me deu para eliminar filhos da puta como ele e garantir que inocentes não sofram com seu negócio de perversidade.

Eu me viro para o bar e tomo outro gole da bebida enquanto examino o clube. A morena do outro lado do bar, que eu peguei me observando algumas vezes, fixa os olhos verdes em mim por um segundo, antes de desviar o olhar com um movimento do longo cabelo escuro e se inclinar para murmurar algo para o homem ao seu lado.

Ele a envolve com o braço, como se fossem um casal e a puxa para mais perto, mas a linguagem corporal está totalmente errada. Bufo e mastigo um pedaço de gelo. É óbvio que são policiais. Não poderia ser mais óbvio se eles tivessem um sinal de néon acima deles, apontando para baixo e dizendo: “*Os tiras*”.

E provavelmente eles estão aqui pelo mesmo motivo que eu —

porque os russos não estão tramando alguma coisa. As meninas são apenas uma parte muito pequena de seus negócios, que é lucrativo. Um negócio que pretendo usar para colocar o pé na porta e conseguir as informações de que preciso.

Falando em portas...

A que leva ao corredor dos fundos se abre. Seguindo por ali, há salas privadas, e continuo vendo as dançarinas e garçonetes desaparecendo por lá com os clientes. Alexei Kosofik sai, ajustando o pau atrás do zíper.

Esta pode ser minha única chance.

Antes que ele consiga passar por mim, estendo a mão e agarro seu braço, parando-o no meio do caminho.

Um movimento estúpido para qualquer um, mas intencional da minha parte.

Devo parecer um idiota que não sabe o que está fazendo. Algum caipira do meio oeste que veio aqui comprar algo muito específico, mas que é ingênuo e sem noção sobre o comportamento deste mundo tão sombrio.

Eu coloco meu sorriso mais idiota no rosto.

— Ei, você é Alexei Kosofik?

Ele empurra minha mão e avança para mim com um rosnado, estufando o peito.

— Quem diabos está perguntando?

Recuo um pouco, me encolhendo e erguendo as mãos em sinal de rendição, tentando parecer intimidado com a atitude, embora eu pudesse matá-lo com minhas próprias mãos em dez segundos exatamente onde estamos.

— Peguei seu nome de um velho amigo. Ele disse que você talvez tenha o que estou procurando. Potencialmente em vermelho?

Kosofik me olha por um momento, das minhas botas sujas, até o jeans e camiseta preta.

— Quem é esse seu velho amigo?

Eu dou de ombros e olho ao redor, mas não vejo ninguém prestando muita atenção em nós além da morena.

— Ele pediu que eu não usasse o nome dele. Você sabe, dadas as circunstâncias. Mas eu tenho dinheiro. O que for preciso para encontrar o que estou procurando. É difícil encontrar, de onde eu venho.

Ele dá uma olhada no clube, depois inclina a cabeça para o barman, que lhe entrega um cardápio encadernado em couro. Ele o ergue e se inclina para mim.

— Você me diz o que está procurando, depois me dá o número do seu celular e eu mando uma mensagem com a hora e o local.

Progresso!

Eu sorrio para ele e pego o “cardápio” de sua mão. O ácido sobe pela minha garganta enquanto eu o abro e leio as páginas. Claro, eles não são estúpidos o suficiente para tornar óbvio o que estão vendendo. Está disfarçado de carta de “vinhos”, com características das moças descritas em termos que qualquer leigo jamais suspeitaria.

Blend tinto — safra 2014. Fruta cultivada na América do Sul.

A água tônica com limão revira com força no meu estômago.

Uma criança de sete anos, porra.

Eu tenho que me forçar a não ser afetado e fechar o menu lentamente. Devolvendo-o a Kosofik, sorrio.

— A blend tinto de 2000, Romênia, seria adorável.

Ele acena com a cabeça e pega um guardanapo e uma caneta no bar, e eu rapidamente anoto o número do telefone descartável que comprei.

— Qual o seu nome?

A pergunta contém todas as suspeitas que ele ainda tem sobre mim, então é hora agir de verdade.

— Adam Jones. De Minneapolis.

A mentira sai da minha língua com facilidade. E eu sei o suficiente sobre a vida que o Adam levou antes de morrer para responder a quaisquer perguntas que esse cara possa ter quando, sem dúvida, me verificar antes de me dar qualquer informação adicional.

Tenho certeza de que Adam não se importaria se eu usasse sua identidade por uma boa causa. Ele morreu protegendo os inocentes, e agora seu nome pode ajudar a salvar outros.

Descanse em paz, irmão.

Kosofik acena com a cabeça em direção à porta da frente.

— Eu sugiro que você saia agora.

Levanto minhas mãos e me afasto.

— Vou esperar sua mensagem.

Ele fecha a cara e me observa sair. Dar as costas parece errado e estranho, e vai contra tudo o que já fui treinado para fazer quando se trata do inimigo, mas é uma ação necessária aqui. Ele tem que acreditar que sou burro demais para fazer qualquer coisa que interfira em suas operações — sou apenas um garoto de fazenda completamente sem noção na cidade grande, procurando por algo que só eles podem fornecer.

No segundo em que saio pela porta para o ar noturno não tão fresco da cidade, acendo um cigarro e sigo em direção onde estacionei a caminhonete alugada, descendo a rua. Passos seguem atrás de mim — leves e casuais. Alguém que sabe o que está fazendo e que duvido que qualquer outra pessoa notaria.

Quando me aproximo da esquina do prédio, onde começa o beco, o homem que estava com a morena passa ao meu redor e entra

na minha frente, para bloquear o caminho. Os passos atrás de mim param, olho por cima do ombro e a encontro a apenas alguns metros, pronta para caso eu faça qualquer tentativa de fugir.

Dou uma tragada no cigarro e volto a me virar para erguer uma sobrançelha para o homem à minha frente.

— Posso ajudá-lo com algo, policial?

Ele franze a testa para mim e olha para a porta da frente do clube, provavelmente preocupado que alguém tenha ouvido o que acabei de dizer, mas estamos muito longe para que alguém tenha sido alertado sobre quem e o que ele é, isto é, se ainda não soubessem, dado o quão óbvio foi para mim no clube.

Jogo o cigarro na calçada e apago com a bota.

Seu olhar segue o movimento, e ele levanta uma sobrançelha para mim e inclina a cabeça para a mulher atrás de mim.

— Algeme-o.

Merda. Não tenho tempo para isto.

Suspiro e reviro os olhos.

— Qual é a acusação, policial?

O policial zomba de mim enquanto sua colega agarra meu pulso e o puxa para minhas costas. Meu instinto inicial é derrubá-la, derrubar os dois e fugir daqui antes que entendam o que aconteceu, mas isso só faria o NYPD colocar um alvo nas minhas costas. Essa é a última coisa de que preciso em uma missão como esta.

Ele dá um passo à frente e se abaixa para pegar a ponta de cigarro na calçada.

— Jogar lixo na rua. Violação da Seção 16-118 do Código Administrativo da Cidade de Nova York.

Filho da puta presunçoso.

Eu sorrio para ele enquanto sua parceira prende as algemas no meu outro pulso.

Isso é chato e vai consumir tempo valioso, quando eu poderia estar reunindo mais informações e me preparando para o que vou precisar fazer, mas pelo menos vai ser divertido ferrar com os melhores de Nova York.

CAPÍTULO 2

Viktoria

— Tem algo estranho com esse cara.

Olho para a tela que mostra a imagem da câmera dentro da sala de interrogatório, onde estamos mantendo o homem que trouxemos do B66.

Roderick Dixon — pelo menos de acordo com sua identidade.

Hank ergue os olhos do celular, no qual está grudado desde o momento em que voltamos e olha para mim.

— Por que diz isso?

Suspiro e me jogo na cadeira.

— Faz duas horas que o deixamos lá dentro e ele mal se mexeu. Só está sentado lá, como uma maldita estátua. A maioria das pessoas estaria inquieta, suando, nervosa. Mas não esse cara.

— Então, o que você está pensando?

Suspiro e fico de pé.

— Ainda não sei, mas vou descobrir que diabos ele estava fazendo no B66.

Hank se mexe inquieto e olha para o telefone novamente.

— Eu, é, preciso fazer uma ligação. Começa com ele. Você sempre é boa em irritar esses tipos.

Fazendo uma ligação em vez de interrogar nossa possível porta de entrada para o B66? O que diabos você está fazendo, Hank?

Estreito meus olhos nele. Não faz sentido ele não querer participar desse interrogatório. A vigilância toda foi ideia dele, em primeiro lugar, foi esquema dele. Algo está acontecendo com meu parceiro também, mas só consigo lidar com um homem de cada vez. E, agora, o que está naquela sala tem que ter prioridade. Posso lidar com Hank e fazê-lo confessar mais tarde.

— Faça sua ligação rápido.

Ele inclina a cabeça concordando antes de eu seguir pelo corredor até a sala de interrogatório. Qualquer que seja o lance do sr. Dixon, ele vai me esclarecer esta noite. É importante demais para não

esclarecer. Se o que Hank suspeita estiver certo, há garotas inocentes por aí que precisam ser encontradas — rápido.

Mesmo quando destranco a porta e abro, Dixon não se mexe. Nem olha na minha direção, apenas olha para a frente como se estivesse dormindo com os olhos abertos. Considerando a preocupação dele, ele poderia estar sentado em uma praia, relaxando sob o sol, em vez de enfiado aqui, sem janelas, com muito pouco fluxo de ar e em uma cadeira bamba.

A porta se fecha atrás de mim com um clique e, devagar, me sento na cadeira em frente a ele.

Olhos azuis encontram os meus, mas não revelam nada. Piscinas cristalinas perfeitas nas quais eu poderia nadar — mas vazias.

Como diabos ele faz isso?

Empurro seu maço de cigarros e o isqueiro sobre a mesa para ele.

— Achei que você poderia querer um desses. Já está aqui há um bom tempo.

Ele sorri para mim, o primeiro sinal de qualquer emoção que vi nele desde que o apanhamos do lado de fora do B66, e estende a mão para pegar o que ofereci. Mãos grandes acendem um cigarro com facilidade, e meu foco segue quando ele o leva à boca e dá uma tragada com os lábios perfeitos.

Merda. Estou encarando.

É difícil não fazer isso com um cara como esse. Tem alguma coisa nele. A maneira como se comporta. A maneira como fala. Ele é o tipo de homem que pode ser letal para a libido de uma mulher, e provavelmente de outras maneiras também.

Eu me forço a olhá-lo nos olhos, e ele levanta uma sobrancelha para mim, esperando que eu fale.

— O que você estava fazendo no B66, sr. Dixon?

Dixon solta uma nuvem de fumaça no ar e se inclina para trás na cadeira com casualidade, cruzando um braço sobre o tronco largo, fazendo com que a camiseta escura fique apertada nos peitorais e bíceps bem formados.

— Pensei que vocês tivessem me prendido por jogar lixo na rua.

Espertinho.

— Prendemos, e você será acusado disso, mas isso não significa que não podemos conversar sobre outra coisa.

Ele me oferece um encolher de ombros casual que eu sei que é tudo menos isso. É tudo um ato, um que ele faz bem.

— Eu estava lá para beber.

Mentira.

— Não, não estava. O barman serviu tônica e limão para você

a noite toda. Não teve uma gota de álcool em nada que você bebeu.

Um sorriso que ele tenta conter puxa os cantos de seus lábios, e ele dá outra tragada, liberando um anel de fumaça que devagar se dissipa no ar entre nós.

— Você prestou atenção. Estou impressionado.

Eu bufo e balanço a cabeça, segurando minhas mãos em cima da mesa de metal.

— Por que isso é tão chocante? Uma mulher não pode ser uma policial boa e observadora?

Ele franze a testa e se inclina um pouco para a frente para bater o cigarro no cinzeiro de aparência surrada sobre a mesa.

— Não. Porque imaginei que você tivesse coisas mais importantes com que se preocupar do que com o que eu estava bebendo, como Yankovich.

Yankovich.

Meu coração tropeça contra minha caixa torácica. Eu certamente não esperava que ele mencionasse o homem pelo qual estávamos lá, mas isso me dá a abertura que estou procurando.

— O que você sabe sobre ele?

Dixon dá de ombros mais uma vez e dá outra tragada, soprando a fumaça pelo canto da boca.

— Só que ele é o dono do lugar.

Besteira.

Um homem como Dixon não fica em um lugar como o B66 à toa, ignorando as garotas e sem beber álcool. E eu não gosto de dar voltas em torno da verdade, muito menos de ser enganada.

— O que havia no menu de couro que Alexei Kosofik entregou a você?

O azul de seus olhos escurece ligeiramente quando ele se inclina para mim e apaga o cigarro no cinzeiro.

— Uma carta de bebidas. Para eu pedir algo um pouco mais interessante do que água tônica.

Droga de espertinho. Isso não vai a lugar nenhum.

Faço uma careta para ele, me afasto da mesa, destranco a porta e saio, deixando-a fechar atrás de mim e trancá-lo lá dentro. Mal começamos e ele já me irritou. Em vez de eu *irritá-lo*, ele conseguiu dar um jeito de *me* irritar. E não posso perder a calma. Isso não nos levaria a lugar nenhum, ou seja, *mais ainda* a lugar nenhum, quero dizer. Preciso descobrir quem e o que esse cara realmente é para que eu possa voltar melhor preparada e quebrar aquele ar de machismo presunçoso que ele exala.

Entro na sala do esquadrão, localizo Hank usando o celular no corredor em direção aos banheiros e aponto para nossas mesas.

Ele termina a ligação e se aproxima de mim, com as

sobrancelhas levantadas.

— E aí?

Eu caio na minha cadeira e bato o punho na mesa.

— Nada. Mas ele com certeza sabe de alguma coisa.

Hank pega uma folha de papel da minha mesa que eu nem havia notado.

— Verificamos os antecedentes criminais e não tem muita coisa.

Pego a folha, que deve ter chegado depois que entrei na sala de interrogatório, e a examino rapidamente.

Nada. Literalmente nada.

Não há uma única multa por excesso de velocidade, prisão, nem mesmo uma maldita multa de *estacionamento* listada nesse cara.

— Isso é tudo que temos sobre ele?

Ninguém é um fantasma. Ninguém. Todo mundo tem um passado. Todo mundo tem esqueletos escondidos em seus armários — até eu. E, pela maneira como Hank está agindo, com certeza parece que ele também tem. Tudo o que preciso fazer é encontrar qual é a do o Dixon e terei como forçá-lo a abrir a boca.

Hank encolhe os ombros.

— Parece que sim.

— Impossível... A menos que...

A menos que alguém limpasse alguma coisa para que ninguém encontrasse nada.

— O que você está pensando, Vik?

— Operações especiais, talvez? — Eu ligo meu computador e pego o telefone da mesa para pedir um favor. — Vou ver o que consigo descobrir sobre esse cara.

— Você quer soltá-lo?

— Não. Me dá um tempo para ver o que consigo encontrar.

Hank aponta para a sala de interrogatório.

— Deixe-me ir ver se eu tenho mais sorte com ele nesse meio-tempo. Podemos brincar de policial mau e policial bom.

Eu bufo e balanço a cabeça.

— Qual deles eu sou?

Hank sorri para mim e dá de ombros.

— Isso nós vamos descobrir.

Ele segue em direção à sala de interrogatório enquanto disco um número que sei de cor. Não gosto de pedir favores quando isso pode colocar alguém em apuros, muito menos os favores *ilegais*, mas só conheço uma pessoa que tem acesso aos registros militares.

Anya atende no segundo toque.

— *Vik? E aí?*

Eu olho pela sala para garantir que ninguém esteja escutando.

Seria muito ruim se alguém ouvisse o pedido que estou prestes a fazer.

— Preciso de informações sobre alguém que acho que é das forças especiais, pode estar ativo, potencialmente aposentado.

Ela suspira.

— *E suponho que você não queira que eu diga como vou conseguir?*

— Exatamente!

Usar Anya para obter informações que de outra forma não estariam disponíveis não está no topo da minha lista de coisas favoritas a fazer. Eu só pedi a ajuda dela uma vez antes, e isso pesa na minha consciência desde então. Sou uma boa policial que gosta de fazer as coisas de acordo com as regras, mas momentos especiais exigem medidas especiais, e algo me diz que Roderick Dixon não será fácil de pegar — pelo menos, não por nenhum meio legal.

— *Me manda o que você tem, mana, e verei o que posso fazer.*



Reaper

Dou uma tragada no cigarro e mexo no isqueiro, abrindo e fechando, o clique da tampa o único som na sala enquanto espero... de novo. A sensação familiar do metal em minha mão ameaça trazer memórias com as quais não consigo lidar agora.

Seria perigoso deixá-las vir à tona enquanto estou em um lugar como este, preciso manter a calma. Apesar de estarem se esforçando muito para me desestabilizar e me abalar, isso não vai acontecer.

Isso é importante demais para estragar tudo. As memórias de como consegui este isqueiro e o que ele passou comigo permanecerão enterradas sob anos de tecido cicatricial destinado a mantê-las afastados pelo maior tempo possível.

Espero que para sempre.

Eu não ficaria surpreso se eles me deixassem aqui por tanto tempo. Eles provavelmente o fariam se a lei permitisse. Esses dois parecem ser do tipo que pensa que me deixar enlouquecer vai me fazer desembuchar. Esse pensamento traz um sorriso aos meus lábios enquanto dou outra tragada no cigarro. Assim como lembrar o brilho de raiva nos olhos da morena, quando me recusei a dar o que ela queria. A paixão daquela mulher ferve sob a superfície contida, reprimida, pronta para explodir.

A maçaneta gira, só que em vez da morena sexy, é seu parceiro que entra, com um sorriso de desdém nos lábios. Ele passa a mão sobre a barba, encontrando meu olhar com o seu, ríspido.

Bem, isto é uma surpresa. Achei que ela voltaria para a segunda

rodada.

Levanto uma sobrelanceira e me inclino para trás na cadeira.

— Sua vez? — Cruzo os braços sobre o peito. — Vocês dois realmente levam jogar lixo na rua à sério, hein?

Ele puxa a cadeira à minha frente, a mesma que sua parceira ocupou há menos de uma hora, e se senta devagar. Seria muito mais divertido com a morena bonita, mas parece que eles decidiram brincar de policial bom/policial mau comigo.

No entanto, não tenho certeza de qual deles é para ser qual.

Sua parceira sexy ficou bem irritada e confusa durante nossa breve conversa, mas não foi hostil ou agressiva. Parecia mais tesão — embora talvez seja apenas brincadeira minha. Nossa interação definitivamente causou coisas boas no meu corpo.

Acho que isso significa que esse homem é o “policial mau”.

Ele se recosta na cadeira, cruzando os braços sobre o peito, combinando com a minha posição. Deve ser para ser intimidador, mas esse cara é tudo menos isso. Policiais não me assustam. Poucas coisas assustam, depois de tudo que vi e fiz. Depois de tanto sangue, de tanta violência. A natureza agressiva da raça humana. O que os loucos fazem pelo poder. Achei que nada mais poderia me afetar.

Até agora...

Pensar naquelas garotas sendo vendidas para filhos da puta doentes que as usarão em todo tipo de tortura depravada traz um medo que eu nunca experimentei. Aquela coitadinha presa no portamalas do carro de Danilo, lá em Manila. A maneira como ela tremia, incontrolada. Ela se esquivando do meu toque, mesmo quando era para ajudá-la e confortá-la. Isso mexeu comigo, mais do que eu jamais admitiria em voz alta para ninguém.

— Pare com essa merda, Dixon, ou seja lá qual for o seu nome. O único problema que eu e minha parceira temos, é que estamos desesperados para manter as ruas de Nova York limpas, e não estou me referindo à porra do seu cigarro, mas acho que você já sabe disso.

Claro que sei.

Eles não estariam no B66 se já não suspeitassem que algo suspeito estava acontecendo lá; no entanto, ainda resta ver o que eles de fato sabem. Minha informação sobre a rede veio direto da fonte: Danilo me indicou a direção antes de eu matá-lo, e não há dúvida de que ele estava envolvido, já que Evangeline deixou claro quem a vendeu. Aí meu pessoal aqui só confirmou o que eu já sabia.

O que esses policiais sabem é outra história. Tenho certeza de que têm suas próprias fontes, pessoas em quem podem confiar, mas isso não significa que *eu* confio neles ou nas informações que talvez tenham.

Detetive Grayson descruza os braços e se inclina para frente,

apoiando os antebraços em cima da mesa de metal.

— Eu acho que você e eu não somos tão diferentes. Inferno, acho que nós dois estávamos no B66 pelo mesmo motivo.

Eu arqueio uma sobancelha.

— Está procurando uma bunda gostosa também? — Inclino a cabeça e gesticulo com o queixo em direção à porta. — Se for o caso, da próxima vez, talvez seja melhor deixar sua parceira em casa.

De jeito nenhum ele ia chegar a algum lugar com Yankovich ou Kosofik com uma mulher como a parceira do lado. Os homens que eles *querem* em seus leilões, comprando suas mulheres, não vão aparecer com alguém tão refinada e bonita quanto a detetive Garin para fazer uma compra.

Ele cerra os punhos sobre a mesa e acena com a cabeça, a evidência de seu aborrecimento e frustração aumentando, assim como aconteceu com a parceira quando ela estava aqui.

Aposto que ele nem sabe que notei que está mordendo a parte interna da bochecha.

— Esse é um bom conselho, e eu poderia acreditar que você estava lá só pra transar se tivesse prestado um pinga de atenção nas vadias que se penduraram em você, mas você dispensou todas elas. Eu vi a interação com Kosofik.

Eu levanto uma sobancelha para ele de novo.

— E daí?

Não vou oferecer a ele a informação que é óbvio que está procurando. Ele não sabe merda nenhuma e não tem nada contra mim para me manter aqui depois que formalizarem as acusações de “jogar lixo na rua”, das quais sem dúvida posso me livrar depois de pagar uma multa simples.

— *E daí* que você está perdendo a porra do seu tempo. Meu pai inventou a justiça vigilante, cara. Ele ajudou a derrubar os dois irmãos de Yankovich, mas levou anos para fazer isso. Você está perdido e não tenho tempo a perder com você, então você tem uma escolha a fazer. Ou você baixa bola e larga o que quer que esteja fazendo, ou me conta o que sabe, e enterramos esse cara antes que qualquer outra garota desapareça ou se machuque.

Baixa a bola? Quem diabos esse cara pensa que é?

De jeito nenhum vou deixar ele ou a parceira atrapalhar minha missão. Podemos ter um objetivo em comum, mas prometi a Cutter que faria Danilo e todos os outros responsáveis pagarem pelo que fizeram a Eva. Cutter veio até mim por um motivo — ele sabe que não vou parar até que cada um dos envolvidos esteja a dois metros de profundidade.

Policiais só fodem as coisas. Suas mãos estão atadas por regras e regulamentos. Preocupam-se com os superiores e com a lei. Nada vai

me segurar quando chegar a hora, e não posso deixá-los estragar tudo com essa besteira ética.

Detetive Grayson empurra a cadeira para trás e se levanta.

— Não posso te manter aqui. Mas posso prometer que se você ficar no meu caminho, existe um exército de pessoas que não têm nenhum problema em te fazer desaparecer.

Eu bufo e rio.

— Eu gostaria de ver vocês tentarem, porra.

Esse cara não tem ideia de com quem está lidando. Mas, se interferir na minha missão de novo, logo vai descobrir do que sou realmente capaz.

Ele enfia a mão no paletó, tira um cartão de visitas e o coloca sobre a mesa.

— Se você quer tanto esse cara, vai ter que passar por mim. Ele empurra o cartão em minha direção. — Escolha com sabedoria, Dixon.

A porta se fecha atrás dele, e eu estendo a mão e pego o cartão, girando-o lentamente em minha mão.

Escolha com sabedoria.

Parece algo que meu pai teria dito antes de eu sair de casa em uma noite de sexta-feira, quando eu era adolescente. Está claro, não foi apenas um aviso. Foi uma ameaça.

Detetive Grayson talvez tenha mais culhão do que eu pensava.

Se ele tem ao menos uma ideia de quem sou, me ameaçar assume um significado totalmente diferente. Ele está colocando um alvo nas costas, um que eu posso acertar com facilidade... mesmo com a porra dos meus olhos fechados.

Que comece o jogo.

CAPÍTULO 3

Viktoria

Eu me inclino para trás na cadeira em minha mesa e lanço um suspiro pesado ao telefone, olhando para a mancha que vi crescer devagar nos azulejos velhos e deformados do teto ao longo dos anos.

— Obrigada, Danny. Agradeço pela tentativa.

— *Desculpe não ter ajudado muito, Vik.*

— Não é culpa sua. Falo com você mais tarde.

Termino a ligação e jogo meu telefone na mesa com um pouco de força de mais, fazendo-o deslizar pelo tampo de madeira gasto.

Outro beco sem saída.

Não sei por que pensei que minha amiga do *FBI* poderia encontrar algo que eu não consegui sobre Dixon, mas tive que seguir todos os caminhos disponíveis enquanto esperava que Anya fizesse um milagre. Mas se minhas suspeitas sobre ele estiverem certas, talvez Danny tenha encontrado algo e simplesmente não possa ou não queira me contar. Sigilo do governo e toda essa merda. De qualquer maneira, minha frustração aumentou o suficiente para minhas têmporas começarem a latejar.

Talvez Hank esteja tendo mais sorte com ele.

Talvez seja nossa única esperança de descobrir qual é o interesse dele em Yankovich e B66.

Eu me afasto da mesa para dar uma olhada no interrogatório, mas meu telefone toca e me faz voltar.

O nome de Anya pisca na tela.

Por favor, tenha algo...

Caio de volta na cadeira, pego meu telefone e atendo:

— Ei, conseguiu alguma coisa?

— *Você estava certa.*

Eu sorrio e me inclino para trás, esfregando a têmpora com a mão livre.

— Normalmente estou.

Any a bufa.

— *Esse cara que você me pediu para investigar. Presumo que não queira saber como consegui a informação.*

A culpa agita o ácido no meu estômago.

— Não quero.

Abaixo a mão e olho ao redor da sala, para me certificar de que ninguém esteja perto para ouvir.

— O que você descobriu?

— *Ele entrou para o exército aos dezoito anos, logo após o colegial, e aos vinte e dois foi transferido para o Combat Applications Group, em Fort Bragg.*

— *Combat Applications Group?* Não entendi.

— *Esse é um dos codinomes da Força Delta.*

— Merda. Então, eu estava certa?

Com certeza explica muita coisa.

— *Sim, então, parece que ele foi membro dessa unidade pelos últimos dez anos, mais ou menos. Se aposentou há cerca de seis meses.*

— Ele parece muito jovem para se aposentar.

O som dela clicando em um teclado flutua pela linha.

— *Parece uma licença médica. Não consegui entrar em nenhum arquivo mais específico, porque essas coisas estão mais trancadas do que o Fort Knox, mas é possível que ele tenha sido ferido.*

— Ele com certeza me pareceu saudável e em forma...

A maneira como seus músculos duros flexionavam sob sua camiseta a cada pequeno movimento que fazia no clube e na sala de interrogatório definitivamente sugere um homem em boa forma.

Mas o que diabos um ex-agente da Força Delta estava fazendo no B66 e se envolvendo com Yankovich?

— Conseguiu mais alguma coisa?

Anya zomba.

— *Você tem alguma ideia de como foi difícil de conseguir isso? Que tal um agradecimento?*

Eu esfrego meus olhos, tentando combater a crescente enxaqueca atrás deles, que parece ter migrado de minhas têmporas.

— Você tem razão. Desculpe. Obrigada. Mas você conseguiu mais alguma coisa? Qualquer coisa que eu possa usar? Talvez de onde ele veio ou algo que possa fazer com que ele perceba que precisa abrir a boca?

— *Vik, esse cara provavelmente tem recursos que você nem imagina. Mesmo aposentado, ele tem um conjunto de habilidades e treinamentos que o tornam mais do que capaz de lidar com o interrogatório de uma policial de Nova York. E deve ter acesso a todos os tipos de identidade, passaportes e documentos de viagem. Mesmo que eu tente rastreá-lo ou onde ele esteve, não tenho como saber com que nome ele estava viajando.*

— Merda. — Bato a palma da mão na minha mesa e recebo alguns olhares de algumas pessoas na sala. — Eu nem tinha pensado nisso.

— *Quem é esse cara? Por que está tão interessada nele? Ele é um suspeito?*

Será que é?

Ele com certeza estava agindo de forma suspeita no B66, e sua pequena conversa com Kosofik sugere que pode estar procurando pelas garotas. Mas o *porquê* não está claro. Ele não me parece um comprador, mas isso não significa que ele não esteja trabalhando para alguém que seja — talvez pegando o “pacote” e entregando para o filho da puta doente que fez a compra.

— Eu não posso te dizer. Mesmo se eu quisesse. E não quero. — Já é ruim o suficiente eu tê-la arrastado para um caso, pedindo para investigá-lo, por meios ilegais. Não preciso que ela esteja mais envolvida nisso. — Então, por favor, não pergunte de novo.

Anya suspira mais uma vez, aquele mesmo som irritado que ela sempre usa, desde a infância, quando fica frustrada comigo.

— *Vik, estou preocupada com você. Esse não é o tipo de cara com quem você quer se envolver.*

— Eu dou conta disso. Dou conta *dele*.

Ela bufa e ri.

— *Já ouvi isso antes.*

Eu me inclino para trás na cadeira e examino a sala do esquadrão, em busca de alguém que possa estar espionando.

— Tenho que ir. Mas, obrigada pela informação. Essa conversa nunca aconteceu.

— *Claro que não. Vou continuar procurando, para ver se encontro algo útil.*

— Obrigada.

Encerro a ligação e olho para o corredor, em direção às salas de interrogatório. Ainda sem sinal de Hank, então ele deve estar lá com Dixon. Ligo o monitor do computador para tentar espiar a conversa deles através da transmissão ao vivo, mas a tela da sala em que deixei nosso suspeito está preta.

Que diabos?

— Algo errado, Vik?

Pete olha a tela por cima do meu ombro.

Gesticulo para a tela em branco.

— Eu estava tentando verificar um interrogatório, mas a transmissão não mostra nada.

Pete se inclina e usa meu mouse para clicar em outra tela que aparece na hora, mostrando o detetive Jacobson interrogando um suspeito em uma sala diferente.

— Parece que os outros estão funcionando. Talvez haja um mau funcionamento neste? Verifique o equipamento.

Merda.

Se Hank está tendo algum sucesso com Dixon, nada disso estará em vídeo ou áudio, o que torna dez vezes mais difícil levarmos um caso a julgamento no futuro.

Eu me afasto da mesa, volto para as salas de interrogatório e quase esbarro em Hank quando ele vira o corredor.

— Você chegou a algum lugar com Dixon?

Hank para e esfrega a nuca, olhando para a sala atrás de mim.

— O cara não me entregou nada, assim como fez com você.

— Bem, acabei de receber a confirmação de uma fonte de que ele é *mesmo* ex-Força Delta. Não me surpreende que esteja sendo difícil. Mas talvez eu possa usar essa informação para irritá-lo.

— Eu o deixei ir, Vik.

— O quê? Por que diabos você fez isso?

Eu não estava nem perto de terminar a interrogar aquele homem, e ainda não temos nenhuma das respostas de que precisamos. Com um pouco mais de tempo, eu poderia ter arranco algo útil daquele cara bonito e durão.

Hank gesticula em direção à sala onde sentei em frente à Dixon há pouco tempo.

— Porque a acusação de jogar lixo na rua era baboseira, e você sabe disso. Mesmo que o promotor decidisse acusá-lo, teria sido arquivado. E esse não é o tipo de cara que você quer chateado com você.

Fecho as mãos em punho de raiva.

— Eu poderia ter feito ele falar, Hank. Eu poderia ter descoberto o que estava fazendo no B66. Qual é o interesse dele em tudo isso.

— Acho que esse cara não se desvia por nada, Vik. Exceto, talvez, um cervo na estrada. Deixa isso para lá, vamos continuar nossa investigação.

Que diabos? Deixar para lá?

Se eu não estivesse aqui e não tivesse ouvido com meus próprios ouvidos, não acreditaria que essas palavras saíram da boca de Hank. Ele nunca foi do tipo que deixa as coisas para lá. Nem eu. É por isso que sempre trabalhamos tão bem como parceiros. Não estamos dispostos a deixar as coisas escaparem.

Mas, por alguma razão, ele estava disposto a deixar Dixon ir embora sem obter nenhuma resposta, quando poderíamos tê-lo mantido pelo menos mais algumas horas e pressioná-lo mais. O cara nem pediu um advogado depois que declamamos seus direitos e o trouxemos. Tínhamos rédea solta... pelo menos por mais algum

tempo. E Hank o liberou.

A filmagem em branco toma a dianteira da minha mente.

— Eu tentei assistir à filmagem do interrogatório quando você estava com ele, mas estava em branco. O que aconteceu?

— Ah é? — Hank olha para trás em direção à sala e esfrega o pescoço novamente. — Não consegui fazer o equipamento funcionar.

Mentira.

Em todos os anos em que trabalhamos juntos, nunca vi Hank tão inquieto, desviando os olhos, tentando afastar minhas preocupações.

Ele está mentindo.

O que quer que tenha acontecido entre Dixon e Hank naquela sala, ele não queria que fosse registrado, e então mandou nosso suspeito embora antes que eu pudesse interrogá-lo mais uma vez. Isso foi intencional. Não tenho a menor sombra de dúvida.

A questão é... por quê? Por que Hank ajudaria alguém que é claro que está envolvido na merda obscura acontecendo no B66?

O foco de Hank está centrado em algo atrás de mim.

— Merda. Desculpe, Vik, Tiffany está aqui, por algum motivo. Tenho que ir falar com ela e ter certeza de que Brady está bem.

Você só pode estar brincando comigo...

Que conveniente que a ex-esposa dele apareça bem quando estou prestes a tentar arrancar mais respostas sobre Dixon.

Hank está tramando algo, e, seja o que for, não é bom.

Nunca pensei que diria isso, mas estou começando a não confiar no meu próprio parceiro.



Reaper

Abro meu isqueiro e acendo um cigarro, mas colocar a tão necessária nicotina no organismo não ajuda a diminuir a frustração, cada vez maior, que tensiona meu corpo. O detetive Grayson me liberou vinte e quatro horas atrás, e ainda não recebi nenhuma palavra de Kosofik. Além disso, tudo que consegui de minhas outras fontes na cidade foram um beco sem saída após o outro.

O que quer que esteja acontecendo com este leilão, qualquer um que saiba de alguma coisa fica de boca fechada. O que torna minha missão quase impossível. Normalmente, é muito fácil conseguir as informações de que preciso — às vezes com o uso da força —, mas dessa vez só dou de cara em nada, não importa o que eu faça.

É possível que minha aparição no B66 tenha enviado um sinal de alerta para a equipe de Yankovich que fez com que apertassem o

cerco e emitissem advertências para qualquer um que soubesse de alguma coisa. Porém, o mais provável é que tenham sido os detetives Grayson e Garin. Eles chamavam atenção como uma porcaria de outdoor dizendo “peixe fora da água” — pelo menos para mim. E, se algum dos homens de Yankovich também reparou, com certeza terão entrado no modo de contenção de crise.

Dou uma tragada no cigarro, fecho os olhos, e a imagem do “cardápio” pisca em minhas retinas, me fazendo estremecer como se alguém tivesse me dado um soco direto no estômago.

Os sons da cidade me cercam na escada de incêndio. Buzinas tocando. Gritos. Risada. Com mais de vinte milhões de pessoas na área metropolitana de Nova York, encontrar essas mulheres inocentes será impossível sem ajuda. O que significa que preciso de mais gente em campo, mais pessoas para ajudar a descer porrada em qualquer um que possa ter alguma informação sobre o leilão ou a respeito de onde posso encontrar as meninas.

E há apenas duas pessoas em quem posso confiar com isso sem pensar duas vezes. Os homens a quem confiei minha vida e que confiaram a deles a mim. Mais irmãos do que amigos, eles virão sem questionar e farão o que for preciso. E, quando descobrirem o que está acontecendo aqui e como meu pequeno favor para Cutter me colocou nesta posição, eles aparecerão armados e prontos.

Yankovich e sua equipe são exatamente o tipo de gente contra quem passamos anos lutando e eliminando. Os homens que nos fizeram perder outros irmãos e acabarmos ensopados em seu sangue. São as pessoas que dedicamos nossas vidas a eliminar. Então, eles virão. Sem dúvida.

Largo meu cigarro e o esmago com a bota na escada de metal enquanto ligo para Chaos. Enquanto toca, eu me inclino para frente e apoio os cotovelos nos joelhos, inspirando o ar repleto de todos os cheiros de milhões de pessoas.

Chaos atende no segundo toque.

— *Alô.*

— Sou eu. Tá ocupado?

Algo de metal bate ao fundo antes que o telefone dê um solavanco e ele volte.

— *Tenho um minuto.*

— Preciso de você em Nova York. Vou mandar uma mensagem para o Mouth e ver se ele pode vir.

Mais ruídos de empurrões na linha, então um suspiro pesado que sei que não devo levar para o lado pessoal.

— *Estou meio que no meio de uma coisa. O que tá acontecendo aí?*

Passo a mão pelo cabelo, jogo a cabeça para trás e olho o céu noturno, embora não consiga ver nenhuma estrela aqui na cidade. Tão

diferente de tantos lugares em que já estive, lugares com deserto ou selva sem fim, sem cidades por centenas de quilômetros.

— Cutter ligou e me pediu para cuidar de um extermínio em Manila.

Chaos ri baixinho.

— *Ele me contou isso na semana passada, quando conversamos. Parece que foi tudo bem, então por que você parece tão irritado?*

— Essa parte sim, mas descobri que temos um problema maior de vermes.

— *Merda.*

— Sim. — Resisto à lembrança da garota que tirei daquele porta-malas e do que fiz com Danilo para conseguir a informação que me trouxe até aqui. Não há necessidade de entrar em detalhes por telefone. Chaos e Mouth sabem que eu não ligaria se não fosse importante e necessário. — Está feio.

— *Com o que estamos lidando?*

— Um monte de ratos bebedores de vodca.

— *Merda. Não sei bem quanto tempo vai levar para limpar o que eu tenho aqui.*

— Vem assim que puder. As coisas estão complicadas. Tem uma... policial metendo o bedelho onde não deve.

Chaos retruca com uma risada.

— *Mulher, é? Não sabia que um rabo de saia conseguia te tirar dos eixos.*

— Sim, bem, você verá por quê. Avise quando estiver a caminho.

— *Fique longe de problemas até eu chegar.*

Dou uma risada e termino a ligação, então abro logo as mensagens e mando uma para Mouth.

Eu: Problema de vermes em Nova York. Preciso da sua ajuda.

Os três pontinhos que me informam que ele está respondendo aparecem quase no mesmo instante.

Mouth: Me dá alguns dias.

Meu peito aperta e o esfrego com a mão livre.

As meninas podem não ter alguns dias.

O leilão de Yankovich poderia estar acontecendo agora, e eu não teria como saber. Se Kosofik tiver sacado a minha, ele não vai enviar a mensagem com as informações, e as garotas podem ir embora antes mesmo que eu possa fazer qualquer coisa.

Só posso continuar procurando e interrogando minhas fontes, e

torcer para que algo dê certo enquanto espero Chaos e Mouth chegarem para ajudar.

Sou apenas um homem em uma cidade de milhões. Mas, quando eles chegarem aqui, nós três juntos seremos uma força considerável. Os russos não têm ideia do que está por vir, e teremos sucesso. Contanto que o detetive Grayson e sua bela parceira, a detetive Garin, fiquem fora do nosso caminho.

Grayson e eu podemos compartilhar o mesmo objetivo, mas só vou me juntar com ele se não tiver alternativa. Se não conseguir desenterrar nada útil nos próximos dias, verei o que ele está disposto a compartilhar comigo.

Até então, estou pronto para fazer o que for preciso para encontrar essas garotas e levá-las para casa em segurança, não importa quanto sangue eu tenha que derramar.

CAPÍTULO 4

Reaper

— Puta merda.

Termino a chamada, jogo o celular no console central e bato o punho contra o volante antes de encarar o trânsito e ir para a reunião que nunca achei que marcaria.

— Filho da puta desgraçado!

Não acredito que acabei de ligar para o maldito policial.

Envolver o detetive Grayson nisso vai contra todo o meu treinamento. Pode interferir no que eu vou ter que fazer. Ter a porra dos policiais acompanhando ou se intrometendo limitará minhas ações de uma forma que não posso me dar ao luxo. Mas depois de quase dois dias tentando desenterrar informações até meus dedos quase sangrarem, ainda não consegui descobrir onde Yankovich mantém as garotas, e Kosofik não me contatou pelo telefone descartável com a hora e local. No entanto, o boato que circula é de que o leilão ainda vai acontecer — e em breve.

Isso significa que Kosofik não vai me dar a informação nunca — porque percebeu que eu estava mentindo ou talvez tenha visto os policiais me prenderem do lado de fora da boate — ou que só vai mandar no último minuto, e não vou conseguir ir libertar as meninas antes que o lugar esteja fervilhando com ainda mais seguranças e canalhas para comprá-las como gado.

Significa que estou ficando desesperado, coisa que nunca acontece.

O tempo está acabando para essas meninas. É a única razão pela qual liguei para o detetive Grayson e pedi para nos encontrarmos. Mesmo com Mouth e Chaos concordando em vir a Nova York para me ajudar, não vai adiantar nada se não conseguirmos a localização das garotas. Mouth, Chaos e eu sabemos como cumprir uma missão difícil, então se Grayson não tiver o que preciso, talvez eu tenha que recorrer a meios mais sangrentos para obter as informações. Mas temo que isso apenas alerte os homens por trás da operação de que estou indo atrás

deles. Eles vão deslocar as meninas e se esconder antes que eu possa fazer qualquer coisa. Isso só pioraria tudo para as vítimas.

Que presepada.

Nem eliminar Yankovich vai acabar com o problema. Por mais que eu adorasse acreditar nessa besteira de “arrancar a cabeça da cobra”, existem homens como Kosofilk que assumirão a posição e manterão esse trem sinistro em movimento. Para acabar de fato com o problema, precisamos eliminar todos eles. E não podemos fazer isso se não conseguirmos encontrá-los.

Com sorte, algo com que o detetive Grayson pode ajudar...

Paro no *Roll N Roaster*, onde vamos nos encontrar, e estaciono ao lado do prédio, examinando as ruas em ambos os lados do restaurante, que fica em uma esquina. O cheiro de óleo de fritura sopra na minha cara pela janela aberta e revira meu estômago, mas não tanto quanto imaginar o que está acontecendo com aquelas garotas.

O detetive Grayson sai de uma caminhonete algumas vagas adiante e passa pelo meu veículo em direção aos fundos do restaurante, aparentemente esperando que eu o siga até os fundos. Nesse horário, não deve ser fácil nos ver juntos, o que é bom para nós dois, considerando as circunstâncias.

Ainda examinando a área, desço da caminhonete e sigo o policial. O ar fresco do outono seria muito melhor se desse para sentir o cheiro de qualquer coisa além da comida deste lugar e da sujeira da porra da cidade.

Viro a esquina e o encontro parado ao lado das lixeiras e caixas de gordura, com as mãos enfiadas nos bolsos.

Ótimo pra caralho. Acho que não vou respirar durante esta reunião.

Ele acena para mim quando me aproximo, então examina depressa o estacionamento e a rua.

— Que bom que fez a escolha certa, Dixon.

Eu bufo e balanço a cabeça.

— Ainda não fiz escolha *nenhuma*, Grayson. Não encare meu convite para esta reunião como uma declaração de que agora somos amigos ou que pretendo trabalhar com você em qualquer coisa.

Ele torce os lábios em uma carranca e dá um passo em minha direção.

— Então por que diabos você me ligou?

Passo a mão pelo cabelo e verifico a pequena faixa de rua visível atrás de Grayson, procurando por qualquer um que possa estar perto o suficiente para ouvir o que estamos discutindo. Este assunto certamente não é algo que queremos compartilhar com o público. A área parece limpa, exceto por um grupo de adolescentes caminhando

pela calçada, longe do restaurante.

Ainda assim, dou um passo mais perto dele, para que possa manter a voz baixa.

— Se o que você disse na delegacia é verdade e estamos procurando a mesma coisa, então temos um verdadeiro problema. Minhas fontes na cidade e aqui na Costa Leste me disseram que um leilão importante acontecerá em breve. Tipo, muito em breve *mesmo*. E tenho tido dificuldades para encontrar um local onde possa interceptar os “*lotes*” antes de serem vendidos pelo lance mais alto.

— Porra. Um leilão? — Ele se mexe e olha por cima do ombro antes de voltar a atenção para mim. — Sabíamos que eles estavam traficando, mas nem fazíamos ideia de leilão nenhum.

— Eles são muito bem organizados, o que significa que não temos tempo a perder.

— Também significa que Michail mudou a porra do método dele.

Eu estreito meu olhar sobre ele.

— Se você souber de algo que possa me ajudar a encontrá-los, preciso que me diga agora. Minhas mãos não estão atadas como as suas. Eu posso fazer o que precisa ser feito. Nada está fora de questão.

Ele me examina por um momento, e abre a boca como se estivesse prestes a responder quando o rugido dos motores das motocicletas preenche o ar da noite ao nosso redor, retumbando no fundo do meu peito quanto mais perto chegam.

Que porra é essa?

Quatro motos param na rua atrás de Grayson, e minha mão se move automaticamente em direção à arma no meu quadril.

Grayson examina os recém-chegados e levanta uma mão enquanto desliza a outra no bolso.

— Espere. Eles estão comigo.

Estreito meus olhos para ele e mantenho a mão bem onde está. Isso não parece certo, e de jeito nenhum eu vou baixar a guarda enquanto ele fica de surpresa. Pelo que sei, o filho da puta combinou com esses idiotas para me eliminarem sem arriscar seu distintivo.

Ele não seria o primeiro policial corrupto que eu encontraria, e com certeza não seria o último. No entanto, não acredito nem por um segundo que a detetive Garin saiba o que ele está fazendo. Ela é certinha demais. Uma seguidora das regras. De jeito nenhum ela sabe que ele está se encontrando comigo ou que está ligado a um maldito clube.

Com a mão na arma, olho para trás depressa para garantir que ninguém esteja vindo pelo outro lado. Um breve lampejo de movimento me faz parar, mas o som de botas pesadas avançando me

faz girar de volta para ele.

— Quer me dizer que porra está acontecendo?

— Escuta. — Ele se vira para mim enquanto os quatro caras descem de suas motos, as luzes do restaurante iluminando os coletes de couro com patches do logo dos “*Satan’s Knights*”, e caminham em nossa direção. — Eles podem ajudar.

Embora cada fibra do meu ser esteja me dizendo para correr de volta para minha caminhonete e dar o fora daqui, o rosto da garota que tirei daquele porta-malas nas Filipinas surge em minha cabeça. É a única coisa que mantém meus pés firmes na calçada.

Grayson aponta para o homem na frente do grupo de motociclistas.

— Este é Jack Parrish, o ex-presidente dos *Satan’s Knights*.

Parrish me olha feio e zomba.

— Quem diabos é você?

Como se eu fosse dizer qualquer coisa a esse idiota.

Eu não sei qual é a desse policial para marcar esta reunião com esses caras e não me avisar, mas não estou gostando nem um pouco disso. Este é o tipo de situação que te mata.

E esse é o tipo de homem a quem não digo nada.

— Pode me chamar de Reaper.

Grayson se volta para Parrish.

— Ele é da Força Delta. Trouxe vocês dois aqui porque acho que a única maneira de pegar esse merda é se todos trabalharmos juntos.

Parece que o detetive sabe mais do que eu pensava sobre minha história. Alguém deve ter feito alguma pesquisa desde que me liberaram.

Grayson ou sua bela parceira?

Parrish fixa os olhos em Grayson.

O policial parece não se intimidar com a ameaça no olhar dele.

— Você conhece o passado, mas Dixon conhece o presente. Qual é, Jack, você acha mesmo que eu te chamaria aqui se eu não achasse que esse cara é legítimo? A história dele bate.

Grayson pode ter verificado quem sou, e eu pedi a Preacher para fazer o mesmo com ele antes de ligar e marcar esta reunião, mas não sei nada sobre esses caras, exceto que são criminosos — até onde sei, ele pode ter chamado esses caras aqui exatamente porque estão envolvidos com esse esquema todo.

Mantenho a mão na arma. Não importa o quão simpáticos ou não ameaçadores eles possam parecer no momento — e, na verdade, eles são as duas coisas — esse é o tipo de homem que pode se voltar contra você em um instante. É fácil reconhecer alguém tão parecido comigo, e vejo isso em cada um desses filhos da puta.

Parrish estala a língua e dá um passo para o lado, me permitindo dar uma boa olhada nos três homens atrás dele.

— Este é o Cobra...

Pop! Pop! Pop!

O tiroteio vindo da rua atrás de mim interrompe as apresentações, e eu pego a arma e mergulho para me proteger.



Viktoria

Droga!

Eu não acreditaria se não estivesse vendo com meus próprios olhos: Hank, Dixon e os Satan's Knights... juntos. Conspirando. Eu não queria acreditar. No entanto, no fundo, eu *sabia* que Hank estava tramando algo. Isso apenas confirma a sensação de desconforto que tenho há dias, desde o minuto em que ele me pediu para ir ao B66 e não iniciar uma investigação formal.

Era uma luz vermelha de alerta piscando bem na minha frente, mas eu a ignorei porque *confiava* em Hank. Porque se tratava do potencial de haver mulheres inocentes por aí precisando de nossa ajuda. Mulheres que não *conseguiríamos* ajudar sem mais informações e evidências sobre as quais agir. Então me permiti afastar o mal-estar por causa da maneira como Dixon me irritava. Coloquei a culpa nele ter me tirado dos eixos. Mas, acertei ao suspeitar que Hank estava escondendo algo e mentindo para mim.

Confiar na minha intuição nunca me enganou antes, e eu deveria ter confiado nela e o confrontado imediatamente — no momento em que ele saiu da sala de interrogatório e me disse que deixou Dixon ir.

Ir para o B66 de modo não oficial deveria ter sido o suficiente para me fazer questionar. Liberar Dixon deveria ter sido a gota d'água. E, junto com o que descobri depois, o que Hank *fez* para encobrir seus próprios rastros, ficou claro que ele tem guardado alguns segredos importantes.

Não há como a transmissão de vídeo e áudio da sala de interrogatório por acaso estarem avariados enquanto ele interrogava nosso suspeito lá. Não há, porque estavam funcionando perfeitamente bem quando eu estava lá com Dixon, poucas horas antes... e continuaram a funcionar bem quando os testei *depois*.

O sistema foi adulterado — de propósito — pela pessoa a quem devo confiar minha vida todos os dias. O que quer que tenha acontecido entre os dois naquela sala, Hank não queria que eu soubesse.

E agora ele mentiu para mim *de novo* e escapou da delegacia — aparentemente para se encontrar com um bando de criminosos.

O que ele está fazendo com os Satan's Knights? E por que diabos Dixon está aqui com eles?

A informação que Anya enfim me deu esta manhã sobre Dixon me informou que minhas suspeitas estavam certas. Ele já passou por muita coisa como membro de um dos grupos de forças especiais de elite mais importantes do mundo.

Você não entra para a Força Delta só porque quer. Eles recrutam apenas os melhores dos melhores, a nata, os agentes mais talentosos das forças armadas, o que significa que o homem é mais perigoso do que quase qualquer pessoa no planeta. E não apenas por causa de seu sorriso sexy e impressionantes olhos azuis.

Ele é letal, e junto com um policial corrupto e um motoclub criminoso, essa história parece muito ruim. O código que regia sua vida quando era Delta deve ter parado de existir depois que foi dispensado. Não seria a primeira vez que alguém vira o “vilão” depois de servir no exterior e fazer o tipo de coisa que ele provavelmente teve que fazer. Os homens mudam quando vivem assim e fazem essas coisas, e alguns deles voltam sem a capacidade básica de ter humanidade. Pode levá-los a fazer coisas bem fora do padrão.

Mas isso não faz sentido para mim. Mesmo com todas as evidências em contrário, algo me diz que Dixon não é o tipo de cara que se envolveria em algo de caráter duvidoso. Ele tem um *código de conduta*. Talvez não seja o mesmo pelo qual tenha jurado na ativa. Mas ele tem um. Um em que ele *acredita*. Um que não acho que vá violar apenas para ganhar dinheiro vendendo mulheres.

Um policial, uma gangue de motociclistas e um ex-membro da Força Delta entram em um bar...

Parece o começo de uma piada de mau gosto, e é exatamente assim que estou me sentindo agora, vendo tudo acontecer na minha frente. Se eu conseguisse me aproximar, talvez ouvisse algo que jogasse uma luz sobre o que está acontecendo entre essas pessoas que não deveriam estar juntas. No entanto, dado onde eles estão, não sei se dá para chegar perto sem que alguém me veja.

Mas preciso tentar...

Se vou confrontar Hank sobre isso, preciso de toda a munição que conseguir. Preciso saber o que estão fazendo, o que planejaram. Porque pode ser pior do que imagino. Não quero acreditar nessa possibilidade em se tratando de um homem que pensei conhecer quase tão bem quanto a mim mesma, mas isso pode acabar com nossa parceria. Talvez seja algo a ser levado para a corregedoria.

Merda. Espero que não.

Para o bem ou para o mal, Hank é meu parceiro. Ele cuida de

mim e eu dele. É por isso que o que tem feito nos últimos dias é tão perturbador. Ou está tão além do que é certo que ele sabe que nunca poderia me dizer, ou não confia em mim o suficiente para me informar. As duas possibilidades magoam demais, me doem como uma facada nas costas.

Eu preciso saber a verdade. Aqui. Agora.

Avançando devagar em direção ao grupo, parado atrás do restaurante, fico abaixada e encostada na parede do prédio para tentar continuar escondida. Se eles me virem, nunca obterei respostas. Mas ainda não consigo ouvir o que está sendo dito e só consigo vislumbrá-los por uma fração de segundo antes de ter que me esconder novamente.

Tempos desesperadores requerem medidas drásticas. Eu me arrisco e me afasto correndo da parede, para trás de uma grande lata de lixo ainda mais perto do grupo.

— *Pode me chamar de Reaper* — a voz profunda de Dixon me atinge, enviando um arrepio na minha espinha.

Reaper?

A voz de Hank se eleva acima do barulho da rua.

— Ele é da Força Delta. Trouxe vocês dois aqui porque acho que a única maneira de pegar esse merda é se todos trabalharmos juntos. Qual é, Jack, você acha mesmo que eu te chamaria aqui se eu não achasse que esse cara é legítimo? A história dele bate.

Todos trabalham juntos?

Hank quer envolver os Satan's Knights e Dixon no caso contra Yankovich. Isso explica a reunião, mas não explica o *porquê*. Podemos fazer isso pelos meios apropriados, vigiar os locais que *sabemos* que estão conectados a Yankovich até vermos algo que possamos usar. Podemos prender os homens dele até alguém falar. Poderíamos fazer nosso *trabalho* da maneira certa: dentro da legalidade e à risca. Poderíamos derrubá-los, garantir que seus rostos apareçam em todos os jornais do país e que sejam expostos pelo que estão fazendo.

Antes que eu possa ouvir qualquer outra coisa que talvez responda à minha pergunta, o estalo forte de tiros irrompe pela noite, e uma pontada aguda de dor no meu flanco direito me derruba no chão.

A agonia embaça minha visão enquanto tento procurar o atirador na rua após o beco, e me esforço para pegar a arma no quadril. Meu braço não quer cooperar, mas, quando finalmente o coloco lá embaixo, minha mão sai coberta de sangue quente e pegajoso, e caio de costas contra o concreto.

Merda.

O tiroteio continua, ao que parece, vindo da rua e de onde todos se encontravam na lateral do prédio. Como o restaurante fica na

esquina, eles estão expostos a ataques de mais de um lado.

E eu estou exposta aqui. As balas atingem o concreto ao meu redor e a lata de lixo de metal atrás de mim implacavelmente, enquanto eu deito no chão, sangrando como um porco degolado. O que significa que ninguém vem me ajudar. Eles não podem. Não há como alguém chegar aqui sem ser atingido, mesmo que quisesse e tentasse.

Como não fui convidada para esta pequena conversa, acho que ninguém vai se incomodar. Se é para sair daqui viva, preciso fazer isso sozinha.

Levante-se, Vik. Mova-se!

Tento me apoiar no cotovelo, mas uma pontada forte de dor me faz cair de volta, e pressiono a mão contra a ferida aberta. O sangue escorre em volta dos meus dedos, e a escuridão começa a invadir os cantos da minha visão.

Fique acordada.

Não feche os olhos.

O tiroteio se aproxima.

Gritos abafados.

Uma voz grave perto do meu ouvido.

Alguém em cima de mim.

— Porra!

Braços fortes me levantando.

Pneus cantando.

E então, nada.

CAPÍTULO 5

Viktoria

Braços fortes me envolvem. O mundo gira. Algo se aperta em torno de mim. Uma palma quente pressiona com força meu flanco. A dor se espalha pelo meu corpo, ameaçando me fazer vomitar. O guincho dos pneus enche meus ouvidos. Vozes saltam em minha cabeça. Buzinas. Conversas entrecortadas. Palavras distorcidas aparecem e desaparecem com uma escuridão que ameaça me arrastar completamente para baixo.

Um toque suave afasta o cabelo do meu rosto. Tudo que quero fazer é me apoiar nele... escapar da agonia...

— A consciência dela vai e volta. O sangramento parece estar diminuindo.

Dixon?

Suas palavras vêm bem de cima, seu peito ressoa contra mim.

— E você?

Hank?

— Estou bem. — Irritação e raiva entonam a resposta cortante de Dixon. — Mas estaria melhor se chegássemos logo.

Aonde estamos indo? Aonde eles estão me levando?

O carro para, eu me mexo e gemo com a dor que dispara pelo meu lado. Mas, então estou sendo levantada, balançada, embora os braços em que estou envolvida tentem amortecer cada movimento.

A escuridão me alcança mais uma vez...

Vozes raivosas...

Gritos...

— Dá pra fazer essa merda mais tarde? — Dixon emite um rosnado baixo de advertência para alguém. — Ela tá começando a voltar a si.

Minhas costas batem em algo duro, e, sem os braços quentes me embalando, a agonia que já sentia, redobra. Aperto meus olhos e grito com os dentes cerrados, me envolvendo com os braços para tentar manter meu corpo unido, pois parece que está se despedaçando.

— Você tem algum remédio pra dor para dar a ela? — Hank rosna a pergunta para quem quer que esteja conosco.

— Esta não é a porra de um pronto-socorro, cara — alguém retruca. — Não temos morfina; temos uísque.

— Dê a ela — a ordem seca de Dixon atinge meus ouvidos.

—Você ouviu o homem — a concordância de Hank me faz virar na direção de sua voz.

— Hank? — minha voz sai suave, cheia de toda a agonia que estou sentindo.

— Estou bem aqui, Vik.

Ele segura minha mão na dele e aperta suavemente. O toque familiar, junto com saber que ele está aqui, me relaxa um pouco...

Até que alguém solta algo que estava enrolado na minha cintura e cutucar a ferida na minha costela.

Porra!

Eu me encolho e cerro os dentes para não gritar ou bater em quem quer que seja, mas me forço a abrir os olhos, e encontro os de Hank.

— Levei um tiro.

— Sim, levou, mas, você vai ficar bem. Celeste é enfermeira e vai cuidar de você agora.

— A boa notícia é que parece que a bala saiu direto. — A mulher, que deve ser Celeste, ergue os olhos do meu ferimento, me olha nos olhos, e acena para uma garrafa nas mãos de Jack Parrish, o notório ex-presidente dos Satan's Knights. — Agora pode ser um bom momento para dar um pouco disso pra ela.

Merda. Isso não é um bom sinal para mim.

Hank desliza a mão sob minha cabeça e a levanta com delicadeza, levando a garrafa aos meus lábios.

— O que é isso? — Acho que eu não deveria confiar de olhos fechados no que um dos Satan's Knights está me dando, em especial alguém com uma reputação tão ruim.

Hank sorri.

— Uísque. Vai ajudar com a dor enquanto ela fecha a ferida.

Hesito por um segundo, examinando o espaço ao meu redor com a visão embaçada. Deitada, baleada e vulnerável em uma sala cheia de criminosos não é bem como imaginei que estaria hoje. Cada fibra do meu ser quer correr — ir para a delegacia ou para o hospital e avisar as pessoas certas do que aconteceu. Mas Celeste faz algo na minha costela que acaba com qualquer resistência que me reste, e eu uivo e envolvo o pulso de Hank com a mão para beber grandes goles da garrafa.

— Uau! — Uma ruiva parada ao nosso lado ergue as sobrancelhas. — Quero ir pra balada com ela um dia.

Depois de enfim engolir o que espero ser o suficiente para aliviar um pouco a dor, afasto a mão de Hank e a garrafa e acomodo a cabeça na mesa. O movimento em conjunto com a bebida é o suficiente para fazer meu estômago revirar, limpo a boca com a mão e observo todas as pessoas ao redor enquanto Celeste faz algo na ferida que incendeia todo o meu corpo. Esse grupo estranho de pessoas traz de volta a memória da conversa que ouvi antes do início do tiroteio.

Encaro Hank enquanto Celeste trabalha ao meu lado.

— Quer me dizer o que diabos tá acontecendo? Por que você está trabalhando com os Satan's Knights? — Olho por cima do ombro para Jack Parrish. — Sem ofensas nem nada. Agradeço a médica de mentirinha que fez uma cirurgia em mim, e o uísque também é muito potente.

— Apenas o melhor para nossos irmãos e irmãs de farda. — Jack pisca para mim. — Venha nos visitar quando não estiver baleada e sangrando por tudo. Somos divertidos.

Acho difícil

Estreito os olhos em Dixon, que ficou esse tempo todo em um silêncio suspeito, de pé contra a parede, observando tudo e todos ao seu redor com um olhar astuto, a mão ensanguentada pressionando o próprio braço.

— E o que ele tá fazendo aqui?

— De nada — Dixon praticamente rosna as palavras para mim. Bufo e levanto uma sobrancelha para ele.

— Como é?

Pelo que eu deveria agradecer? O fato de ter levado um tiro?

— Talvez ela devesse tomar outra dose — a ruiva sugere.

— Olha, Vik... — Hank põe a mão no meu braço. — Vou explicar tudo, mas agora você precisa se acalmar. Aqui, tome outro gole.

Tentando me embebedar para eu não fazer perguntas. De jeito nenhum.

— Não até você começar a falar, Hank.

Algo *importante* está acontecendo aqui. Tão importante que meu parceiro mentiu para mim — várias vezes. Importante o suficiente para estar disposto a arriscar seu distintivo ao se encontrar com os Satan's Knights e um de nossos suspeitos, que ele libertou. Tão importantes que levamos um *tiro* e, em vez de denunciá-lo e ir para o hospital, ele nos trouxe para este lugar desconhecido. É melhor ele ter uma maldita de uma boa explicação.

Hank suspira e passa a mão pelo cabelo.

— Tudo bem, Parrish é quem me deu as informações sobre Yankovich. Não foi uma denúncia anônima.

Antes que ele possa dizer mais alguma coisa, a bandeja de

suprimentos cai no chão, fazendo com que todos se virem e olhem para a ruiva. Ela observa Hank com os olhos arregalados.

— Com licença, mas você disse Yankovich?

Dois dos caras dos Satan's Knights correm para o lado dela, e um a puxa para seus braços e a força a desviar o olhar chocado de Hank. Escuto palavras murmuradas do outro lado da sala. Ele está contando a ela sobre Michail e a operação que suspeitamos que ele esteja comandando.

— Então Yankovich atirou nela? — a garota gagueja, olhando para mim.

— Não sabemos quem atirou nela, Ally — Parrish interrompe. — Mas vamos descobrir, e vamos acabar com Michail assim como matamos os irmãos dele.

— Espere. — Tento me levantar, mas a dor e a mão forte de Celeste em meu peito me mantêm deitada. — Você vai *acabar com ele*? — Viro para Hank. — Nós somos policiais, Hank. Agimos de acordo com a lei. O que diabos você está fazendo?

Como ele pode achar que isso é certo? Que posso simplesmente deixá-lo ajudar Parrish a assassinar pessoas?

Hank me encara por um momento, pensando no que dizer.

— Vik, juramos servir e proteger as pessoas da comunidade, mas você sabe que às vezes até os bons policiais... inferno, até os melhores... precisam de ajuda de fora. Não vamos pegar esse cara sozinho. Não temos o apoio do departamento e, mesmo que tivéssemos, isso não mudaria as coisas. — Ele faz uma pausa e se vira para a ruiva. — Ela é a prova viva de que o sistema está falido. Se você não acredita em mim, pergunte você mesma.

— Que porra é essa? — Cobra, de acordo com o nome no colete, retruca. — Ally já passou por muita merda. Ela não vai reviver nada pra aliviar sua consciência ou a de sua parceira.

— Jagger — Ally chama, colocando a mão em seu braço. Deve ser o nome verdadeiro dele, é confuso pra caralho quando você está com muita dor. — Está tudo bem.

— Não, não tá. — O outro membro que a consolou antes, Deuce, balança a cabeça. — Cobra tem razão. Já chega disso, ou você mesmo pode consertar sua garota.

— Vocês dois precisam parar com isso — Ally grita. — Eu decido o que quero compartilhar e o que não quero. Essa é a beleza de ser resgatada. Posso ser eu mesma novamente, e vocês dois precisam parar de se intrometer. — Ela se vira e olha para Hank por um momento, então se concentra em mim. — Seu parceiro está certo; o sistema falhou comigo. Eu tinha quatorze anos e voltava da pizzaria do bairro quando uma van branca parou no meio-fio. Um homem baixou a janela, e parecia perturbado. Disse que tinha uma filha da

minha idade e que ela estava desaparecida. Na hora, só consegui pensar no meu pai. Se algo tivesse acontecido comigo, eu não iria querer que ele vagasse pelas ruas, implorando para que as pessoas o ajudassem a me encontrar, então entrei no carro dele. O homem era Vladimir Yankovich. Não demorou muito para eu perceber meu erro. Assim que ele colocou o saco de tecido na minha cabeça, bloqueando meus gritos de socorro, eu sabia que já era. Parei de rezar por resgate e comecei a desejar que minha morte fosse rápida e indolor.

— Puta merda — Cobra sibila.

— Fui forçada a fazer um boquete antes mesmo de dar meu primeiro beijo. Fui usada e abusada, e então fui vendida para um homem tão vil quanto Yankovich, e aquele cara me transformou em uma drogada. Ele me manteve prisioneira por anos. Meus pais...

— Ally, querida, vamos. — Cobra estende a mão para Ally, mas, ela afasta seu toque. — Você não precisa fazer isso.

Ela balança a cabeça e mantém o foco em mim.

— Meus pais nunca desistiram de mim. Depositaram toda a sua confiança e fé nos detetives encarregados do meu caso, mas nunca me encontraram. Nunca nem identificaram Yankovich como meu raptor. Quando o inquérito foi arquivado, meu pai contratou um caçador de recompensas. — Seu olhar vai para Hank. — Seu pai.

Hank enfia as mãos nos bolsos e acena com a cabeça.

Mantendo os olhos fixos nos meus, ela suspira e continua:

— Foi ele que somou dois mais dois e percebeu que Yankovich tinha me levado, mas aí já era tarde. Eu já estava na posse de Rush e Yankovich tinha matado meus pais. — Ela faz uma pausa e levanta o olhar para Jack, os cantos de sua boca se curvando enquanto ela lhe dá um sorriso triste. — Se não fosse por Rick Grayson e os Satan's Knights, eu estaria morta. — Ela se vira para mim. — Eu não sei o que diabos está acontecendo, mas se esse tal de Michail for parecido com os irmãos, você precisa de toda a ajuda que conseguir, porque se pelo menos uma garota inocente não escapar, a culpa é sua. Vai conseguir conviver com esse peso na consciência pelo resto da vida?

Bem, merda.

Como se a dor física de levar um tiro e depois ser examinada por Celeste não fosse ruim o suficiente, a história de Ally com certeza torna tudo muito mais complicado e doloroso.

Neste trabalho, há um limite que não quero cruzar, um que me levaria àquela área cinzenta que conduz à escuridão que transforma tantos policiais bons em maus. Sempre me orgulhei de estar do lado certo.

Mas aqui, não há limite nenhum. Não, pois mulheres inocentes estão sendo vendidas como gado e abusadas de maneiras que não consigo imaginar. Hank está certo ao dizer que seremos restringidos

pelos distintivos que usamos, pela própria lei que lutamos tanto para defender e fazer cumprir.

Essa verdade pesa muito no meu peito enquanto deixo Celeste terminar de me remendar, alternando entre fechar os olhos para não vomitar, e olhar fixamente para Ally, Hank e Dixon.

Quando minha “médica” termina e, enfim, dá um passo para trás, inspiro longa e profundamente e solto o ar antes de voltar a olhar para meu parceiro.

— Vou manter isso em segredo do departamento. Por *enquanto*. Mas só porque sei que nos tirariam de serviço e provavelmente demitiriam você por trabalhar com o clube.

Hank concorda com a cabeça.

— Acho que sim. — Ele olha para os membros dos Satan’s Knights e para Dixon, ainda quieto. — Mas, trabalhando juntos, acho que conseguimos pegar esse filho da puta e garantir que nenhuma outra mulher inocente sofra como Ally sofreu.

Eu com certeza espero que sim, porque se falharmos, não teremos explicação para o que já aconteceu. Perderemos nossos distintivos, nossos empregos, e talvez a gente acabe na prisão, se tivermos que fazer o que acho que faremos. Fecho bem os olhos, e tento forçar todas as possibilidades do pior cenário para fora da cabeça. Se pensar demais nelas, posso fazer algo de que vou arrepender, que talvez leve aquelas garotas à morte ou coisa pior.

Soltando uma respiração forte, abro os olhos e encontro o olhar preocupado de Hank.

— Eu topo. Vou ligar pro trabalho, dizer que estou doente e ficarei em casa por alguns dias, para ninguém suspeitar de nada, mas, por enquanto, só quero ir para casa, Hank. Pode me levar?

Hank levanta uma sobrancelha.

— Casa? Não, você deveria ficar aqui um pouco. Deixe Celeste ficar de olho em você e garantir que está bem.

Balanço a cabeça e cerro os dentes enquanto tento me sentar, mas fracasso.

— Vou ficar bem. Apenas me leve pro meu apartamento. Me dê uns dias para me recuperar enquanto vocês decidem os detalhes do plano.

Ele parece pronto para discutir comigo, e quando olho para a parede onde Dixon estava encostado, o local está vazio. Examino o resto da sala, mas ele não está à vista.

Onde diabos ele foi?

Não importa. Estou exausta demais neste momento para me preocupar com onde aquele homem taciturno se enfiou. Mesmo que a lembrança de seu toque, a maneira como me segurou no carro no caminho para cá, o roçar suave de seus dedos em minha pele, ainda

me aqueça mais do qualquer conhaque.



Reaper

A escuridão que me cerca pode deixar algumas pessoas desconfortáveis, mas eu a abracei por tanto tempo que é mais meu lar do que qualquer outro lugar no mundo. Nunca fiquei em canto nenhum por tempo suficiente para começar a parecer um, e trevas existem em qualquer lugar, na verdade, em todos. Então é mais fácil voltar a ela sempre que quiser.

Mas dessa vez é diferente. Por causa *dela*. Mesmo no breu, seu leve perfume floral permeia o ar, invadindo meus pulmões a cada respiração. Sentir o corpo dela mole em meus braços pesa muito no meu peito. Seus gemidos de dor ecoam em meus ouvidos.

Distraído, acendo o isqueiro, o movimento rítmico é tão familiar que me leva de volta para outro lugar. Num outro momento. Quando estava fazendo a mesma coisa em um quarto escuro, cercado por meus irmãos de armas. Antes que a coisa toda fosse por água abaixo.

Flashes de luz e estrondos que sacudiram o prédio inteiro ainda abalam meu corpo, e eu aperto o isqueiro com tanta força na mão que dói. Mas assim que percebo que estou fazendo, uma chave desliza na fechadura, rompendo a memória e o silêncio absoluto da sala, que eu estava desfrutando antes do passado resolver me atormentar.

A trava clica, e o som reverbera pela sala e parece tão alto quanto a explosão que sacudiu aquela noite, e a porta se abre devagar, deixando entrar um feixe da forte luz fluorescente do corredor. Ela corta o chão de madeira, mas antes que possa me alcançar e revelar minha presença, Viktoria fecha a porta e se recosta contra a madeira, fazendo uma careta que posso ver mesmo no escuro.

Inspira fundo devagar, várias vezes, um movimento que parece doloroso e está misturado com gemidos, então se afasta da porta e cambaleia para frente. Suas pernas vacilam e ela estende a mão para uma mesa lateral, mas erra e não pega nada além de ar. Ela começa a cair para a frente, mas eu levanto da cadeira em que estou sentado há meia hora e a seguro antes que bata no chão duro e se machuque ainda mais.

— Que porra é essa?

Viktoria vira a cabeça para trás para ver quem a pegou e tenta se soltar de mim, mas eu a seguro nos braços com mais força.

Cerrando os dentes, eu reprimo a torrente de palavras que

quer fluir em resposta aos movimentos bruscos, que são a última coisa que ela deveria fazer depois de ser baleada e remendada de qualquer jeito num apartamento acima da droga de um bar.

— Pare de lutar comigo, Viktoria, ou você vai acabar de cara no chão.

A perda de sangue que ela sofreu esta noite vai afetá-la por um tempo, deixando-a fraca e instável. Ela deveria ter ficado na sede do clube para que Celeste ficasse de olho nela por pelo menos mais um ou dois dias e garantir que recuperasse as forças antes de voltar para casa sozinha. Mas Viktoria é teimosa demais para admitir quando está fraca e precisa de ajuda. Esta mulher prefere arder em chamas do que admitir um pouco de fumaça.

Ela congela, seus olhos finalmente se ajustando à escuridão o suficiente para eles focarem em mim. Seus lábios curvados se torcem em uma carranca, e ela tenta se livrar de mim novamente, embora com muito menos luta em seu rosto — ou porque ela não tem mais energia ou porque sabe que não sou uma ameaça real.

— Reaper? O que diabos você está fazendo no meu apartamento?

— Aparentemente, impedindo você de plantar a cara no chão.

Seus lábios se pressionam em uma linha dura, o corpo fica tenso.

— Eu poderia ter te *matado*!

Eu bufo e balanço a cabeça, o que só acrescenta combustível ao fogo que dança em seu olhar.

— Improvável, já que você mal consegue parar de pé.

Como se para provar que estou errado, Viktoria tenta arrancar os braços das minhas mãos, mas só consegue se machucar — o esforço e o movimento de torção devem estar forçando os pontos. Ela cerra os dentes e estremece, então respira longa e profundamente, tentando recuperar a compostura.

— Me solta! — Ela levanta a cabeça e examina o apartamento atrás de mim. — Como é que você entrou aqui, afinal? Aliás, como sabe onde eu moro?

Foi fácil pra caralho.

Depois de escapar de todos no clube, liguei para Preacher a fim de descobrir o endereço de Viktoria. Em menos de dois minutos, consegui o que precisava e estava em um táxi a caminho daqui, garantindo que eu limpassem o local antes que ela voltasse para casa.

E entrar foi moleza.

A escada de incêndio que levava até a janela do quarto não poderia ser um convite maior para alguém mal-intencionado, e a antiga fechadura na velha moldura de madeira não durou vinte segundos, permitindo que eu subisse com facilidade ao seu mais

espaço íntimo.

Se estivesse aqui por qualquer outro motivo, ela estaria morta agora, ou pior.

— Você precisa de mais segurança.

— E *you* precisa sair — sua voz tem uma convicção firme, mas, subjacente a ela, há uma pequena oscilação provocada pelo estado físico debilitado, que entrega seus medos profundos, aqueles que não quer reconhecer. O fato de que se alguém invadissem agora, ela *não* estaria em condições de se defender de um ataque.

Eu abaixo a cabeça até que meus olhos se alinhem com os dela, verdes e desfocados, garantindo que ela veja a convicção ali.

— De jeito nenhum, querida.

Ela olha para mim, torcendo lábios de novo.

— Preciso ligar pro Hank para ele tirar você daqui?

Até parece que ele ia conseguir.

— Hank concordaria com a minha presença aqui para cuidar de você, tenho certeza disso. E não vou embora tão cedo porque estou preocupado com você, e não apenas porque este lugar é uma merda com zero segurança na qual qualquer um poderia entrar direto se quisesse te machucar.

— Por que alguém iria querer me machucar?

Seu olhar vai para onde minhas mãos seguram seus braços, provavelmente um pouco forte demais.

Entendi o recado.

Relaxo o aperto, mas espero para soltar só quando estou confiante de que suas pernas não vão ceder. Ela balança um pouco, apertando os olhos, e se segura em mim para se equilibrar. Suas mãos pressionam meu peito, e uma onda de calor se espalha pelo meu corpo a partir do ponto de contato, como se um fogo tivesse sido aceso em meu coração.

Merda.

— Estou... estou bem, Reaper. — Ela abaixa a cabeça e inspira de forma dolorosa. — Vai embora.

Maldita mulher teimosa.

— Você não está bem, Viktoria. Nem de longe.

Esta mulher claramente não tem ideia do que está acontecendo. Ela é uma policial boa e observadora, que sacou qual era a minha no B66 em um instante, mas, de alguma forma, conseguiu deixar passar o que é bastante óbvio para mim.

— Não sabe mesmo que você era o alvo do tiroteio de hoje?

Sua cabeça se levanta, com os olhos verdes arregalados.

— O quê? Não. Isso não faz o menor sentido. Por que alguém atiraria em mim?

— Essa é uma boa pergunta que precisamos responder. Pode

ser apenas alguém que você prendeu e saiu tentando se vingar, ou pode ser algo mais. — Por exemplo, talvez os russos tenham notado que ela é policial naquela noite, no clube, e querem que ela desapareça antes que interfira no que estão planejando. — Até descobrirmos, não vou deixar você sozinha.

Um rosnado baixo ressoa em seu peito, e raiva brilha em seu olhar, apesar de estar prestes a desmaiar.

— Eu não preciso de você me protegendo, Reaper — ela joga meu apelido como se estivesse disparando uma bala. — Posso cuidar de mim mesma.

As palavras mal saem de seus lábios antes que ela estremeça e se abaixe para pressionar o corpo com a mão direita. Quando afasta a mão, o sangue cobre a palma e uma mancha vermelha escura se espalha pelo tecido da camisa.

Merda. Agora ela conseguiu.

Sem dúvida, Viktoria é uma mulher forte que é boa em seu trabalho, mas se eu não tivesse pulado para protegê-la durante o tiroteio, e depois a arrastado para fora de lá, ela estaria morta. E se eu não a estivesse segurando agora, provavelmente passaria a noite sangrando no chão.

— Pode coisa nenhuma. — Eu a pego antes que ela possa se opor, ignorando a pontada de dor no braço onde fui atingido e o pequeno suspiro de surpresa que escapa de seus lábios. — Você está morta de cansaço, e sangrando de novo.

Viktoria abre a boca para contestar, mas depois estremece e passa os braços em volta do meu pescoço. Ou desistiu de discutir comigo, ou seu corpo está fazendo isso por ela. Não me importa, desde que pare de lutar. Quanto mais fizer isso, mais vai se machucar.

Eu a carrego para o quarto com facilidade, o peso morto de seu corpo em meus braços é suficiente para trazer memórias que prefiro manter enterradas. Aquelas que consegui afastar quando Viktoria chegou em casa.

A situação é outra.

Não importa quantas vezes eu tente me lembrar dessa verdade, isso não impede a ansiedade que aperta meu peito. Não estou mais em zona de guerra, mas a verdade é que acabei de trocar um tipo de guerra por outro. Tudo o que sempre fui foi um soldado. As únicas habilidades que possuo me deram o nome de Reaper, e agora não tenho escolha a não ser usá-las para fazer o que é certo, não importa a dificuldade. Mas nunca esperei uma complicação, como essa mulher linda e mal-humorada, no caminho.

Eu a coloco na cama e afasto a camisa manchada de sangue das costelas, erguendo-a em torno de seus seios. Vários dos pontos que Celeste colocou abriram. Não porque Celeste fez um trabalho ruim,

mas porque Viktoria é muito teimosa. Ela deveria ter ficado lá. Eles a teriam protegido e cuidado dela enquanto se curava e ficava bem o suficiente para depois voltar para cá.

Mas, parece que ela tem que lutar contra todos em tudo. E algo me diz que vai lutar comigo o tempo todo também.

Ainda bem que eu gosto de guerra.

CAPÍTULO 6

Reaper

— Tire a camisa — minhas palavras saem mais ásperas do que eu pretendia, mas a frustração crescendo com cada argumento que sai da boca dela está começando a transparecer na superfície do meu comportamento, que costuma ser tranquilo.

Sempre me orgulhei de minha capacidade de permanecer inalterado em qualquer situação — é uma das coisas que me torna tão bom no meu trabalho. Mas essa mulher...

Meu Deus, esta mulher...

Ela desperta algo que eu nem sabia que existia. Sempre protegi meus irmãos em combate, e fazer esse favor a Cutter significa me colocar na linha de fogo pelas mulheres inocentes traficadas. Mas Viktoria é outra coisa.

Essa *necessidade* de dizimar qualquer um que sequer *pensasse* em colocar a mão nela parece querer dominar minha lógica nessa situação, e, neste momento, estou lutando uma batalha perdida contra ceder às minhas necessidades básicas.

Seus olhos se arregalam ao meu comando, e a boca se abre com um suspiro surpreso.

— O quê?

Ignorando sua indignação, levanto da cama e entro no pequeno banheiro para pegar o que preciso para limpá-la. Prefiro não ter que arrastá-la de volta para Celeste, e consegui cuidado do meu próprio braço quando cheguei aqui com o pouco que tinha no armário de Vik. Deus sabe que lidei com ferimentos muito piores do que os nossos — mais vezes do que eu gostaria de admitir.

— Eu disse para *tirar* a camisa.

— Ah, não. Estou bem...

Enfio a cabeça no quarto pela porta e aponto para ela.

— Não, você *não* está bem. Tire essa maldita camisa para eu te limpar, ou vou tirá-la para você.

Ela franze a testa para mim e se senta encostada na cabeceira

da cama.

— Você não faria isso!

Um rosnado baixo escapa entre meus dentes cerrados antes que eu possa contê-lo.

— Pague pra ver, Vik.

Com as mãos fechadas ao lado do corpo, ela parece pronta para discutir mais uma vez, mas eu estreito os olhos, dando-lhe o meu melhor olhar de “*nem pense nisso*”, que a silencia no mesmo instante. Talvez ela pare de lutar comigo por cinco segundos de merda.

Ou talvez o inferno congele.

Algo me diz que seria mais provável do que a detetive Garin relaxar de uma vez e me deixar cuidar dela sem abrir aquela boca bonita dela para reclamar.

Ao voltar do banheiro, quase piso na camisa ensanguentada amontoada no chão — provavelmente jogada ali com despeito — e deixo meu olhar viajar até a pele exposta dela e um sutiã preto de renda que mal cobrem seus seios.

Porra.

Meu pau se contrai contra o jeans, embora seja óbvio que não é a hora nem o lugar para isso acontecer. Mas já faz muito tempo desde que ele saiu para brincar, e Viktoria é uma mulher lindíssima, mesmo em seu estado atual.

Eu teria que ser cego para não notar a maneira como a luz do abajur na mesa de cabeceira brilha em sua pele pálida, quase perfeita — marcada apenas pelo feio ferimento sangrento na costela — e a curva dos seios que sobem pelos bojos daquele sutiã delicado a cada respiração ofegante que ela dá.

Pena que está chateada e ferida, porque consigo pensar em algumas maneiras de ajudar a aliviar um pouco da dor e do estresse deste dia — para nós dois.

Ela não faz contato visual comigo, apenas olha a noite pela janela, com raiva curvando os lábios, enquanto me sento na beira da cama ao lado dela e coloco os suprimentos que encontrei no colchão. Não é o ideal, mas estou acostumado a me contentar com o que tenho disponível em lugares piores do que este.

Enfio uma toalha debaixo do corpo dela, pego a água oxigenada e despejo sobre a ferida reaberta.

Ela vira a cabeça de repente em minha direção, rangendo os dentes.

— Que porra é essa?

Sua reação natural é tentar se afastar de mim, mas pressiono uma mão firme contra seu quadril, segurando-a no lugar.

— Precisamos garantir que fique limpo antes de suturar de volta.

Aquelas esferas verdes descem até a gaze que estou segurando na costela dela, que já está encharcada de sangue.

— Merda.

Ela empurra meu ombro e tenta tirar minha mão do caminho para pegar a gaze.

— Posso cuidar disso. Vai embora.

— Pode coisa nenhuma. Se eu não estivesse aqui, você estaria cochilando numa poça de sangue na porra do chão da sala. Ou pior.

Viktoria tenta se mexer para se sentar mais, mas empurro seu peito exposto com a mão, forçando-a recuar. Meus dedos demoram um pouco demais na pele quente e macia, mas, por algum motivo, não consigo afastá-los, e ela não me obriga.

Nossos olhos se encontram. Algo arde entre nós. Algo *diferente* da raiva e do aborrecimento que parecem ser constantes desde que nos conhecemos, do lado de fora do B66. Algo muito mais perigoso do que qualquer uma dessas coisas.

Engulo em seco.

— Vamos esclarecer uma coisa, Vik. Não vou a lugar nenhum até ter certeza de que você está segura.

— Segura?

Ela procura algo em meu rosto, mas não vai encontrar. Está morto há muito tempo.

Afasto minha mão de seu peito e a outra de seu ferimento e examino o dano.

— Vou ter que fechar isso de novo.

Ela olha para baixo.

— Com o quê?

Ergo uma agulha e a linha que encontrei no armário ao lado do banheiro. Viktoria arregala os olhos.

— Você não pode usar isso.

— Você que pensa. Já usei coisas piores para fechar ferimentos muito mais feios que esse.

E a mesma dupla funcionou muito bem no meu braço uma hora atrás, quando cheguei. Felizmente, ela parece ter muitos materiais de costura.

Ela bufa e estreita os olhos nas minhas mãos, que estão preparando o fio.

— E aposto que todos morreram de infecção.

Cerro os dentes e finalizo os nós.

— Não foi por infecção. E nem todos morreram.

Apenas a maioria.

Pensar no número de amigos que perdi nos últimos quinze anos de serviço só faria meu sangue esquentar ainda mais e me arrastaria para aquele abismo alcoólico doloroso para o qual me

recuso a voltar.

Ela descansa a mão sobre a minha, eu olho para cima e encontro seu olhar suave e cheio de compaixão.

— Desculpe. Eu não quis dizer...

— Tá tudo bem. — Interrompo antes que ela possa investigar mais minha psique. Não faria bem nenhum. Pego o frasco de remédios que trouxe do banheiro. — Encontrei isso. Você deveria tomar um.

Parece que ela quer dizer outra coisa. Seus lábios abrem e fecham de novo, antes de ela aceitar o frasco que ofereço.

— *Vicodin*. Sobrou de quando extraí o dente siso ano passado.

— Isso aqui vai ser desconfortável e você vai sentir muita dor nos próximos dias. Melhor tomar. Mas não exagere.

— Parece que você está falando por experiência própria.

Congelo e olho para ela, me esforçando para não revelar nada. Esta mulher me deixou abalado; a última coisa de que preciso é que ela se aprofunde em minha alma ou em minhas fraquezas.

— Pode-se dizer que sim.

Seu olhar desce ao frasco que segura, ela remove a tampa e enfia um comprimido na boca, engolindo sem problemas, mesmo sem água. Um silêncio desconfortável se estende entre nós enquanto ela rola o frasco na palma da mão.

— E-eu sei que você era da Força Delta. Só posso imaginar o que você deve ter visto e...

— E é exatamente por isso que você deveria me ouvir quando digo que você está em perigo.

Ela balança a cabeça.

— Não entendo por que você pensa isso.

Eu a faço se deitar, então posiciono a agulha para fazer o primeiro ponto. Ela acena que está pronta. Talvez, se eu a mantiver falando, a dor não será tão ruim.

— Vik, aqueles caras não começaram a atirar até você aparecer. Você e eu fomos os dois únicos atingidos por uma razão, porque eram em você que estavam mirando e eu atrapalhei quando te cobri.

Enfio a agulha na pele e atravesso para o outro lado da ferida.

Ela range os dentes e inspira pela boca.

— Suponho que queira que eu lhe agradeça por isso.

Maldita espartinha.

Dou outro ponto em silêncio, deixando o comentário dela sem resposta. Outro deve ser suficiente para fechar e evitar mais sangramento. E eu estaria mentindo se dissesse que não estou gostando mais do que deveria da dor que ela sente a cada ponto.

Alguns podem me chamar de sádico, mas não é que eu goste de causar dor a ela. Só sei que, muitas vezes, isso me ajuda a focar e

ver coisas que não veria quando minha mente está nublada com outros pensamentos. Focar na dor ajuda ignorar o resto das besteiras na cabeça. Se Vik for assim também, talvez enxergue do que estou tentando protegê-la.

Quando enfim termino, me inclino para trás e coloco tudo na mesa de cabeceira, antes de examinar meu trabalho. Nada mal, considerando as circunstâncias e a paciente pouco cooperativa.

Viktoria acaba relaxando um pouco e solta uma longa e lenta respiração. Ela mantém os olhos fechados e a cabeça caída para trás, contra a cabeceira. Isso me dá a oportunidade que eu não precisava de olhar para seus seios perfeitos naquele maldito minúsculo pedaço de renda que mal cobre os mamilos. No momento, o tecido quase transparente mostra que estão reagindo ao leve frio do ar do outono, despontando na minha direção.

Meus dedos coçam para encostar neles e torcê-los, tanto que minha boca saliva, pensando em chupá-los e passar a língua neles.

Putá que pariu... De novo não.

Para me impedir de tocá-la, ajusto meu pau inchado e descanso a mão no colchão perto de sua perna, para cutucá-la.

— Então, sobre aquele agradecimento.



Viktoria

Esse cara tá de brincadeira?

Abro os olhos e o observo sentado à minha direita, na beirada do colchão. Uma de suas sobranceiras escuras sobe, esperando alguma resposta minha enquanto a diversão dança em olhos que parecem me ver até a alma, até aquela parte de mim que quer chutar o pau da barraca e fazer algo gostoso pela primeira vez, mesmo que seja tão, tão ruim.

O calor sobe pela minha perna, no ponto em que toca o pulso dele, e segue direto para o meu núcleo. Como fogo lambendo minha pele, rasteja sobre meus seios expostos, sobe pelo pescoço e bochechas quanto mais ele olha para mim com aquele maldito sorriso.

Não, não, não, não! Isso não vai acontecer, Vik.

Não importa o quanto ele é bonito ou quão forte é o desejo de subir nele, como se o cara fosse a porra de uma árvore. *Não* posso me atrair por esse homem. Ele é um *assassino*. Um assassino treinado pelo maldito governo. Ele literalmente veio à cidade matar pessoas. Pessoas más, mas ainda assim... *assassinato*!

É o tipo de pessoa de quem lutei muito para me afastar, leva o tipo de vida que nunca quis. Não posso confiar que vá fazer o que é

certo. Ele sempre fará o que quiser, o que conseguir justificar em sua própria cabeça, mesmo que seja errado e machuque outra pessoa.

Em especial, eu.

Assim que derrubarmos essa quadrilha de tráfico, ele partirá de novo, vai vagabundear pelo mundo, fazendo o que quer que faça agora que se aposentou. Não quero nem pensar nisso — no que um homem com seu conjunto de habilidades faz quando suas ações não são mais sancionadas pelo Tio Sam.

A palavra “*mercenário*” continua vindo à mente, mas até isso parece errado. Com um nome como *Reaper*, ceifador, meu palpite é que ele é bom demais para uma palavra como essa.

— Não vou agradecer, Reaper.

Sua outra sobrançelha se ergue para se juntar a sua contraparte.

— Ah é? Por que não? Isso é meio rude.

Eu faço uma careta para ele e cruzo os braços sobre o peito exposto, de repente *muito* consciente de como estou quase nua da cintura para cima.

— Porque, para começar, eu não teria levado um tiro não fosse por você aparecendo na cidade e agitando as coisas.

Ele dá uma risada e se aproxima de mim, até encostar na minha coxa de lado.

— Como chegou nessa conclusão?

— Hank e eu tínhamos as coisas sob controle no B66. Teríamos descoberto o que precisávamos por meios *lícitos* e prenderíamos todos os envolvidos em algumas semanas.

— Algumas semanas? — Ele bufa e balança a cabeça. — Desculpe, querida, mas isso não ia acontecer. Se eu consegui identificar que vocês eram policiais com tanta facilidade, qualquer um dos caras de Yankovich também consegue. Vocês dois nunca iriam conseguir nada, nem chegar perto de onde quer que estivessem prendendo aquelas garotas. Eu sou a única chance que elas têm.

Balanço a cabeça e tento ignorar o desejo de me inclinar para mais perto dele, em direção ao calor que irradia.

— Não acredito nisso. Mesmo que eles nos identificassem, teríamos usado nossas fontes e recursos para encontrar as meninas. Não precisamos recorrer a matar pessoas.

— Às vezes, é isso que é preciso dar conta do recado, Vik. Só faço o que faço porque as autoridades são inúteis ou estão de mãos atadas.

A raiva queima meu sangue, e eu me inclino para frente com um leve estremecimento. Apesar das drogas aliviarem a dor e tornarem o mundo um pouco nebuloso ao meu redor, ainda estou sentindo as consequências do que aconteceu hoje.

— Então, eu sou inútil? Devemos apenas deixar os justiceiros saírem matando quem consideram digno de uma sentença de morte?

Reaper se aproxima ainda mais, o ombro quase tocando meu peito, e estende a mão para afastar uma mecha de cabelo do meu rosto.

A lembrança do mesmo toque suave depois que levei um tiro, e estava oscilando entre a consciência e inconsciência, envia um arrepio de expectativa pelo meu corpo.

— Você está longe de ser inútil, Vik. Mas suas mãos estão atadas pelo distintivo que usa, e algumas pessoas merecem a morte pelo que fazem. É simples assim.

É sério?

Nunca pensei nisso de verdade antes. Quando era criança, tudo o que eu sabia era que queria uma vida diferente e estava determinada a conquistá-la, livre do crime, das drogas e do comportamento sinistro que era tão desenfreado no bairro. Consegui escapar, mas Anya não teve tanta sorte, ou, sendo mais precisa, ela só não se importou o suficiente para fazer isso. Ela se contentava em fazer o trabalho sujo — pelo menos por meios digitais — para qualquer um disposto a pagar. E embora eu aprecie seu espírito empreendedor e capacidade de usar suas habilidades para ganhar a vida, certamente não é o que eu teria escolhido para ela.

Mas pelo menos ela não está fazendo o que *ele* faz. Não está por aí puxando o gatilho e sendo a juíza, o júri e a executora.

— Eu não posso deixar você sair por aí matando pessoas, Reaper. Fiz um juramento. É meu trabalho cumprir a lei.

Ele levanta uma sobrelanceira escura para mim.

— No entanto, você não teve nenhum problema em violar esse juramento mentindo sobre o tiroteio e escondendo o ferimento da polícia?

A culpa sobe como ácido pela minha garganta, e tenho que engolir para responder. Ele me desafiou, trouxe à tona as coisas que venho tentando justificar para mim mesma.

— Isso é diferente.

Reaper bufa e cruza os braços sobre o peito.

— Então você escolhe quando é boa demais?

— Estamos falando de *assassinato*, Reaper. Você quer entrar lá, armas em punho, e matar qualquer um que aparecer no seu caminho. A gente devia informar a polícia onde estão as meninas e onde o leilão vai acontecer, se descobrirmos, para eles invadirem e prenderem os culpados. Esses homens precisam ir a julgamento. Precisam ir para a prisão e enfrentar a justiça.

Sua mandíbula apertada, e a raiva brilha em seus olhos azuis, escurecendo-os de tal forma que me faz sentir outro arrepio, embora

este seja diferente do anterior, porque vejo o perigo *real* me encarando.

— Eu *sou* a justiça. Eles vão ganhar exatamente o que merecem, e farei o que for preciso para garantir que essas mulheres inocentes sejam libertadas e nunca mais sejam feridas por filhos da mãe como Yankovich e seus homens.

Antes que eu possa abrir a boca para discutir com ele, Reaper se inclina, coloca as mãos na cama de cada lado dos meus quadris, e me faz afundar ainda mais no colchão.

Sua respiração quente flutua sobre meu rosto, o calor de seu corpo irradiando no meu enquanto a raiva sai dele em ondas.

— Eu não posso parar, Vik, e não vou deixar nada nem ninguém entrar no meu caminho.

Se Reaper pensa que vou desistir, não poderia estar mais errado. Mas com ele tão perto, é difícil pensar em qualquer coisa além de agarrá-lo e puxá-lo ainda mais contra mim, apesar da lesão. Meu corpo não parece se importar com o quão fraco esteja ou que minhas inibições possam estar suprimidas pelo maldito *Vicodin por enquanto*. Cada parte de mim ainda anseia por seu toque, boca, mãos...

Algo sobre esse homem me deixa louca — da melhor e da pior maneira. Mas a verdade de quem é o que ele é me impede de agir de acordo com o que quero. Embora compartilhemos o objetivo de fazer com que esses traficantes nojentos paguem, estamos em lados opostos quando se trata de como travar essa luta.

Engulo em seco e tento me impedir de tremer antes de responder.

— Isso é uma ameaça?

Reaper se aproxima ainda mais, seus lábios a milímetros dos meus.

— Não, querida, isso é uma promessa. Uma que pretendo cumprir.

Ele roça a boca na minha, lenta e suavemente no início, mas, quando solto um pequeno suspiro e abro os lábios, ele rosna baixo, captura meu rosto nas mãos, e inclina minha cabeça para cima, permitindo que sua língua invada minha boca.

Eu deveria afastá-lo. Eu deveria dizer *não* e lembrá-lo de que estou ferida, que estamos discutindo e de lados opostos da lei, mas não quero. Porque o Reaper se soltou. Aquele controle que exibiu na sala de interrogatório se foi, e toda aquela paixão com a qual discutimos, agora parece estar focada neste beijo. O beijo que roubou todo meu ar.

Quando ele enfim se afasta, recua e sai da cama, diz:

— Mas também vou mantê-la segura. Custe o que custar.

Custe o que custar para me manter segura.

As palavras deveriam ser reconfortantes, saber que alguém me apoia e protege. Mas, de alguma forma, parecem mais uma ameaça.

CAPÍTULO 7

Viktoria

De alguma forma, consegui dormir depois do que aconteceu com Reaper na outra noite. Deve ter sido a mistura de exaustão física, descarga de adrenalina e os narcóticos que ele me fez tomar que finalmente me capotou.

A última coisa de que me lembro é dos olhos duros de Reaper me observando como um falcão de onde estava sentado pequena poltrona do meu quarto, enquanto eu lutava contra as pálpebras pesadas.

E, quando acordei ontem de manhã... ele tinha ido embora.

Nenhum sinal dele. Nem uma única gota de sangue. Todos os suprimentos e evidências dos pontos que deu em si mesmo e em mim desapareceram como se nunca tivesse estado aqui.

Não deveria me surpreender. Não, devido ao seu passado. Ele é treinado para desaparecer nas sombras sem deixar vestígios de sua presença. Mas havia uma coisa que ele não conseguiria apagar... a sensação de seus lábios encostados nos meus.

Estendo a mão e coloco os dedos sobre o lugar exato em que ele me beijou. Mesmo com dor e com os remédios começando a fazer efeito, aquele momento está vívido na minha memória, quase como se ainda pudesse sentir o gosto dele. Mesmo depois de mais de um dia e meio desde que estive aqui, seu cheiro ainda invade cada respiração minha.

Merda.

Este homem está se tornando uma grande complicação — pessoal e profissionalmente. O que eu disse antes de ele desaparecer era verdade. Não vou deixá-lo fugir para massacrar Yankovich e seus homens sem uma prova definitiva de que estão fazendo o que pensamos que estão fazendo, e, se for possível salvar as mulheres apanhadas pela quadrilha de tráfico e também punir os homens pelo devido processo legal, escolho isso antes de aceitar a justiça feitas pelas próprias mãos do Reaper, do motoclub ou de qualquer outra

pessoa.

E, se vou aprofundar esse plano, preciso saber exatamente com o que e com quem estou lidando. Espero que Anya possa me ajudar com isso quando nos encontrarmos para almoçar hoje, mais do que o básico que já foi capaz de descobrir no início.

Só preciso ter cuidado ao encontrá-la para garantir que ninguém mais me veja por aí, agora que liguei e tirei alguns dias de folga. Isso levantou suspeita com o chefe, mas é melhor ele não me esperar por alguns dias e ficar irritado com minha ausência do que ficar me procurando.

Do jeito que ainda estou me sentindo, mesmo depois de descansar e ficar na cama o dia todo ontem, seria difícil esconder que algo está muito errado. A dor ainda me dilacera toda vez que me movo, e, embora Celeste e Reaper tenham feito um excelente trabalho me remendendo, o curativo sobre a ferida ainda carrega a evidência de meu ferimento — um vermelho pálido vazando em alguns pontos.

Merda.

Eu faço o meu melhor para limpá-lo mais uma vez, estremecendo e cerrando os dentes quando levanto o braço. Meu celular vibra no balcão, olho para a tela e a mensagem de texto de Hank, que estive esperando, já que ele também mandou uma na mesma hora de ontem.

Hank: Você está bem hoje?

Eu: Tô bem. Te vejo daqui alguns dias. Me atualize sobre qualquer coisa urgente.

Hank: Pode deixar. Ligue se precisar de mim.

Não vou ligar. Pelo menos, eu não admitiria para Hank — ou qualquer outra pessoa — se precisasse de ajuda.

Já era ruim o suficiente ter que contar com o clube de motociclistas para cuidar de mim quando levei um tiro, e, depois, Dixon para me salvar de acabar de bunda no chão quando cheguei em casa naquela noite, então não tenho planos de acabar naquela posição vulnerável de novo.

Reaper parece pensar que eu era o alvo do tiroteio, mas estou longe de estar convencida. É mais provável que eu estivesse no lugar errado na hora certa e que Dixon, ou alguém do clube, fosse o verdadeiro alvo. Ser pega no fogo cruzado faz mais sentido do que alguém mirar em mim do nada.

Mesmo assim, vou me proteger da melhor maneira possível antes de confiar em outra pessoa para fazer isso de novo. Embora eu

possa entender por que Hank fez o que fez, ele quebrou uma confiança que não tenho certeza se poderá ser consertada.

Vou cuidar deste caso para garantir que essas meninas não sofram. Mas quando a fumaça se dissipar, talvez tenha que reavaliar qual minha situação com meu parceiro.

Não há tempo para pensar nisso agora, no entanto. Só tenho meia hora até que tenha que encontrar Anya. O que significa que preciso me mexer, embora queira rastejar de volta para a cama e assistir a algo sentimental na TV.

Hoje não tenho esse luxo. Não se quiser respostas sobre o homem que entrou em meu apartamento na outra noite e deixou uma marca permanente em minha memória com aquele maldito beijo.

Meu corpo esquenta só de pensar em quão perto ele estava. Na sensação de suas mãos grandes e calejadas contra a minha pele macia. A maneira como seus lábios pressionaram os meus com uma força que deixou a mensagem clara — ele não pretende ceder sem lutar e não vai desaparecer só porque não quero, ou preciso, de sua proteção.

Isso significa que, embora tivesse ido embora quando acordei esta manhã, ele vai voltar. Preciso chegar ao meu encontro com Anya antes que Reaper faça algo para interferir.

Visto a jaqueta, estremecendo com o puxão na costela, saio pela porta e a tranco. O corredor está silencioso a essa hora do dia — todos estão trabalhando ou absortos com alguma novela.

A descida parece levar uma eternidade, o elevador antigo e rangente chacoalha de uma maneira que sempre faz meu estômago revirar, mesmo depois de cinco anos morando neste maldito prédio. Eles nunca vão consertar, não importa quantas vezes eu reclame, então é apenas uma daquelas peculiaridades de morar em um prédio antigo de Nova York com a qual tenho que conviver.

É o mesmo com o ar poluído que me atinge no momento em que saio para a calçada movimentada. Com o cheiro de escapamento dos carros. A fumaça dos cigarros e *vapes* dos pedestres. Isso me faz parar e tossir, e tenho que apertar a costela e cerrar a droga da mandíbula para não gritar de dor e chamar atenção desnecessária para mim.

Depois de algumas respirações profundas, enfim consigo me endireitar e entrar no fluxo de pessoas que andam em todas as direções, sempre com pressa.

O restaurante fica a apenas alguns quarteirões. Perto o suficiente para ter certeza de que conseguiria chegar, embora me sinta um caco. Cada passo parece cada vez mais trabalhoso, no entanto. Como se meus sapatos pesassem e meu corpo estivesse falhando.

Droga.

Estar fraca assim me irrita pra caralho. Virei policial para

poder estar no controle e sempre conseguir me proteger. Mas, agora, parece que cada par de olhos está em mim, cada carro está diminuindo a velocidade para olhar, cada pessoa na rua pode ser uma fonte de perigo.

Estou deixando Reaper entrar na minha cabeça. Isso não pode acontecer.

Afasto a paranoia rastejando nas bordas da minha mente. Estou quase lá. O restaurante fica só a meio quarteirão do outro lado da rua. Mesmo daqui, o cabelo carmesim de Anya é visível em uma das mesas ao ar livre.

O semáforo muda para vermelho e eu paro, esperando mudar para verde. Um homem alto em um casaco preto se aproxima. Seu olhar escuro se lança para mim por um breve instante, e um arrepio me percorre.

O semáforo muda e deixo que ele atravesse na frente até a esquina oposta, onde ele vira à direita enquanto preciso atravessar outra rua à esquerda para finalmente chegar ao restaurante. Como está de costas para mim, Anya ainda não me viu chegando, mas vejo a garçonete conversando com ela enquanto espero por mais um semáforo.

Quase lá.

Vai ser tão bom sentar um pouco. Eu nunca teria previsto que ficaria exausta assim depois de uma caminhada tão curta.

O semáforo muda para verde, e saio do meio-fio. Uma mão se fecha sobre minha boca e um braço forte envolve meus ombros, me arrastando para trás e em direção a uma van branca à direita antes que eu possa reagir.

Meus instintos entram em ação imediatamente, e estendo a mão para trás para tentar arrancar o olho do meu atacante, mas, de alguma forma, ele consegue desviar a cabeça e me empurrar para a porta traseira aberta.

Não deixe que ele te coloque na van. Não deixe que ele te coloque na van.

Mas é muito tarde.

Braços fortes me manobram para dentro do veículo, e um capuz preto é colocado sobre minha cabeça enquanto eu chuto e golpeio, ensandecida, com os punhos. Meu pé acerta algo — alguém — e um palavrão murmurado preenche o espaço, mas antes que eu possa agir de novo, meus tornozelos e pulsos são amarrados por mãos habilidosas.

A van balança com os movimentos do meu raptor, e os pneus cantam quando nos afastamos do meio-fio a mil por hora.

Merda. Ainda bem que eu consigo cuidar de mim mesma.



Reaper

Assistir Viktoria descer a calçada, presa na multidão de pessoas indo e voltando de almoços e compromissos, faz meu estômago revirar. Combinado com meu joelho que não para de quicar descontroladamente sob o volante, estou me sentindo bem instável, em comparação com as outras centenas de vezes em que vigiei alguém.

Ela não poderia ter ficado na cama mais uns dias?

Pelo menos, sei que ela está segura no apartamento, ao menos em partes. Fechar a janela do quarto com pregos pode ter sido um exagero, mas era a única maneira de ter certeza de que ela não se tornaria vítima de alguém que descobriu como era fácil entrar, assim como eu. Ela estava tão confusa quando chegou em casa naquela noite que nem percebeu que eu tinha feito isso, embora eu imagine que, na primeira vez que for tentar abrir, vai me xingar um pouco.

Mas é apenas uma solução temporária para o problema maior, que é descobrir quem a quer morta.

Preciso de mais tempo. Hora de conseguir a porra do apoio, hora de investigar por que ela seria o alvo de alguém, hora de localizar as garotas antes que a droga do leilão aconteça. É muita coisa com que lidar sozinho e, ao mesmo tempo, tentar garantir que ela não faça algo idiota.

Como deixar a porra do apartamento menos de quarenta e oito horas depois de ter sido baleada.

Essa porra de mulher...

Meu pau estremece e balanço a cabeça para tentar limpar a memória de como os lábios dela eram macios e doces, mesmo com toda a tensão reprimida e animosidade entre nós. Ela me beijou como se me quisesse. Mais, na verdade. Como se ela *precisasse de mim*.

E tive que me forçar a sair da cama dela e sentar na poltrona do outro lado do quarto, ou teria feito algo muito ruim para nós dois.

Mesmo sentado do outro lado do quarto enquanto ela dormia, vigiando-a como um anjo da guarda sombrio, não consegui conter os pensamentos que me atormentavam.

Pensamentos que *não eram nada* angelicais.

Longe disso.

Eles não se dissiparam no dia e meio desde que saí de lá, quando mal tirei os olhos da porra da porta da frente, exceto para arranjar um veículo novo enquanto tinha certeza de que ela estava dormindo. Eu esperava que ela não saísse de casa. Porra, *rezei* a um

Deus em que não acredito para que ela ficasse sossegada lá, se desse algum tempo para se recuperar.

Mas aquela mulher é teimosa demais para isso. Ela tinha que andar pela rua como se alguém não tivesse acabado de tentar matá-la. Na verdade, acho que o certo é “cambalear”. Seus passos lentos e deliberados provam que ela não está pronta para se levantar e sair, mesmo que sua vida não estivesse em perigo.

No entanto, lá está ela, porra.

Ela chega à esquina à minha frente e para em um sinal vermelho, pressionando a mão esquerda contra o corpo. Estremeço e cerro os dentes, quase experimentando a dor que ela deve estar sentindo por mim mesmo.

Porque eu sei como é. Muito bem. Não é divertido, não importa o quão durão você seja ou finja ser. Dor é dor e, embora seja muito possível superá-la quando necessário, ela acaba impactando você.

O que significa que o que quer que a tenha feito levantar deve ser muito importante. Pelo menos, é melhor que seja.

Porque agora ela está exposta a qualquer um que queira machucá-la, ou pior.

Examinando todas as pessoas e os carros que passam na rua, tudo o que vejo são ameaças em potencial. O problema é que metade das pessoas visíveis parecem suspeitas. Pessoas com olhos furtivos e raivosos. Pessoas com as mãos nos bolsos. Pessoas com telefones nos ouvidos, que poderiam estar chamando um carro para pegá-la na rua. Toda a situação deixa meus ombros tensos.

Um cara de aparência sinistra com cabelo escuro, vestindo um casaco preto, se aproxima de Viktoria. Ela o olha, seus olhos vagando por seu corpo muito mais alto. O corpo inteiro de Viktoria está tenso, e ela dá meio passo para longe dele, mais perto do meio-fio.

Ele a deixa nervosa. Isso não pode ser bom.

Vik é inteligente o suficiente para sentir o perigo. Para saber quando o vê. Ela com certeza sentiu comigo. E, se ela está recebendo uma vibração ruim dele, isso provavelmente significa que há razão — e que nós dois devemos ter cuidado.

O semáforo muda e Vik permite que o homem caminhe na frente dela.

Movimento inteligente, Vik. Mantenha-o seu campo de visão. Não deixe as costas expostas a ninguém em quem você não confia.

Ela se move devagar para garantir que não o alcançará e, assim que ele chega ao meu lado da rua, o homem vira para a direita sem a olhar, enquanto algo chama a atenção de Viktoria à esquerda.

O que chamou sua atenção, Vik?

Seja o que for, ela vira as costas para o homem para atravessar

a esquina oposta. O olhar que ele lança sobre o ombro para ela pode não ter sido percebido por mais ninguém. Pode não parecer suspeito para quem não está atento. Nem a contração de sua mão, perto da cintura, causaria preocupação para a maioria das pessoas. Mas eu vejo bem o está acontecendo.

— Porra.

Coloco a balaclava preta que estava no meu colo e pulo da van antes que possa me convencer do contrário.

Se não intervir agora, é provável que Vik acabe na parte de trás de uma caminhonete escura, acelerando em direção ao seu fim.

Sua distração contínua com o que quer que esteja do outro lado da rua permite que eu chegue por trás, coloque a mão sobre sua boca, silenciando qualquer pedido de ajuda, enquanto vigio o homem atrás de nós. Antes que ele possa reagir, eu a arrasto até a van, abro a porta lateral e entro com ela.

Como de costume, Vik chuta e ataca com as mãos e os pés enquanto deslizo a porta atrás de nós. Apesar de seus protestos físicos e do grito que solta, e que perfura meu tímpano, no momento em que tiro a mão de sua boca, consigo colocar o saco de tecido preto sobre a cabeça dela e prender seus pulsos e tornozelos com braceiras que devem segurá-la por tempo suficiente até chegarmos ao destino. Mas, então, seus pés acertam uma área muito sensível do meu corpo.

— *Porra!* — murmuro uma litania de outras maldições enquanto sento no banco do motorista e dou uma rápida esquadrinhada na área ao nosso redor para garantir que ninguém tenha visto o que acabou de acontecer.

Mas é bem o que eu esperava. Ninguém na rua viu — estão muito preocupados com o lugar para onde estão indo ou com quem estão falando ao telefone — ou, se viram, estão cagando. E o homem que a observava saiu disparado, seja por desinteresse ou para alertar quem o contratara de que o alvo acabara de ser retirado da rua por outra pessoa.

Coloco a van em movimento e saio do meio-fio, meu pau e bolas doendo o suficiente para me fazer querer vomitar a xícara de café, que foi meu café da manhã hoje.

Merda de mulher ...

Arrancar a máscara e jogá-la no assento ao meu lado me ajuda a inspirar fundo algumas vezes, o que acalma um pouco a náusea. Mas Vik chutando e se debatendo o máximo que pode na traseira apertada meu peito novamente.

Essa mulher pode lutar o quanto quiser. Ela não vai sair dessas amarras, o que é bom para mim, porque acho que tentaria arrancar meus olhos e o que sobrou das minhas bolas.

Mas ela vai ver só quando chegar aonde estamos indo.

CAPÍTULO 8

Viktoria

Esquerda.

Direita.

Curva acentuada à esquerda.

Outra à esquerda.

O estrondo familiar de um trem cruzando os trilhos suspensos acima de nós.

Esta van em que o idiota me enfiou acelera, me fazendo rolar no chão na traseira. O tráfego passa zunindo, então diminuímos a velocidade.

Equipamento de construção.

Buzinas estridentes e ziguezague que faz meu estômago revirar.

Chegamos na via expressa que liga o Brooklyn ao Queens.

Os sons da via expressa sobrecarregam o interior da van por vários minutos enquanto prendo a respiração, fazendo o meu melhor para ouvir cada ruído.

Uma escuridão mais intensa nos cobre pelo que parece uma eternidade, enquanto o som do tráfego ao nosso redor muda. Inclino a cabeça para virar a orelha em direção à parede da van.

O túnel Battery. Tem que ser.

Mesmo com este saco de pano preto cobrindo a cabeça, me impedindo de ver qualquer coisa que indique aonde estamos indo, não significa que eu não possa coletar o máximo de informações possível com meus outros sentidos.

Pode ser essencial para fugir quando tiver a oportunidade. Preciso ter noção do caminho. E, assim que o idiota que me agarrou tentar me tirar dessa merda de van, eu vou fazer uma tentativa.

Meu corpo pode estar fraco, mas minha vontade não foi afetada por ser baleada por algum idiota sem alma. Vou lutar com todas as forças que me restam para garantir que esse filho da puta não me leve à algum lugar do qual não possa escapar. Eu já deixei ele me

tirar do local onde ele me pegou, e não posso deixar ir além disso.

Quem diabos ele pensa que é, afinal? Me pegando na rua em plena luz do dia. Eu sou uma policial, pelo amor de Deus.

Todo o NYPD vai procurar por mim. Talvez só amanhã, já que Hank já fez seu check-in diário comigo hoje, mas, assim que ele não conseguir me encontrar pela manhã, vai enviar todos os malditos policiais da metrópole em uma caçada.

E aquele cara esquisito que atravessou a rua na minha frente tem que estar envolvido. Eu não sinto essa energia de qualquer um. Apenas quando estou perto de alguém que realmente representa uma ameaça.

Ele devia estar de guarda, observando meu apartamento o tempo todo, esperando que eu fosse burra o suficiente para sair na rua, onde poderia me pegar. E eu fiz o que ele queria. Me distraí quando vi Anya esperando por mim no restaurante e lhe dei as costas, embora soubesse que ele não estava tramando nada de bom e era má pessoa.

Fui estúpida e descuidada — algo pelo que vou culpar a dor, os remédios e a falta de sono nos últimos dias. Mas não vou cometer mais erros bobos, não quando isso pode me custar a vida.

O fato de quem me agarrou não ter me matado na hora significa que eles precisam de mim *para* alguma coisa ou precisam de algo *de* mim. Isso pode me dar um pouco de tempo para encontrar um meio de me soltar e me afastar daquele idiota.

Buzinas e os sons agitados de Manhattan enchem a van.

Pare.

Siga.

Pare.

Siga.

O tráfego na hora do almoço pode ser um verdadeiro terror, mas o cara entrou direto nele.

Onde diabos ele está me levando?

Avançamos devagar pelas ruas, movendo lentamente enquanto espero por qualquer coisa, como um barulho ou um cheiro, que me diga aonde estamos. Manhattan com certeza, mas o lugar exato, não está claro.

Então, o som da estrada sob nós muda mais uma vez. Certeza que é uma ponte.

Talvez a George Washington?

Cheira mesmo ao rio Hudson.

Então, ele está me levando para Nova Jersey?

Descemos do que suponho ser a ponte, e o som da estrada abaixo de nós muda de novo. Ele faz uma curva fechada para a direita, um pouco rápido demais, me jogando contra a lateral da van,

causando uma pontada de dor na costela. Faço uma careta e tento me levantar, mas é inútil com os pulsos amarrados.

Depois de mais alguns minutos, a van diminui a velocidade e o som de metal rangendo contra metal enche o ar ao meu redor, quase como uma porta de garagem industrial se abrindo.

Merda.

Se ele parar a van em algum lugar, vai eliminar qualquer possibilidade de alguém me ver sendo arrastada para fora do veículo e vir me socorrer. Mas está tudo bem.

Vou salvar a mim mesma, porra.

Esse filho da puta vai ter que tentar me segurar, e mesmo que meus tornozelos estejam amarrados, ainda sei como mirar onde posso causar o maior dano — suas bolas.

Se eu tiver as acertado mais cedo, como acho que acertei, um segundo ataque pode causar danos incalculáveis. E estou mais do que pronta para a batalha.

A van para, e eu deslizo contra o banco do motorista com um muxoxo. Se estão tentando me manter viva, esse cara poderia dirigir com um pouco mais de cuidado. Depois de levar um tiro, a última coisa que preciso é ser sacudida desse jeito por um motorista ruim.

Um grunhido abafado chega aos meus ouvidos antes que a porta do motorista se abra e depois feche, balançando toda a van.

Viro a cabeça para colocar o ouvido em direção à porta.

Sem conversas.

Nenhum som de pessoas se movendo.

Silêncio mortal. Tão quieto que posso ouvir meu próprio coração batendo em meus ouvidos. Onde quer que ele tenha me trazido, estamos sozinhos.

Isso é uma coisa boa ou ruim?

Provavelmente um pouco de ambos. Por um lado, significa que será muito mais fácil eliminá-lo, mas também significa que seu foco deve estar cem por cento em mim. Isso poderia dificultar minha fuga.

Mas, não há tempo para contemplar mais a situação. A porta se abre na minha frente e fico tensa, me preparando para o que terei de fazer se quiser ter alguma chance de sobreviver a isso.

Cuidado, filho da puta. Aqui vou eu.



Reaper

Cada passo que dou em torno desta van a caminho de abrir a porta deslizante envia uma pontada de dor escaldante nas minhas bolas, forte o suficiente para me fazer lutar contra a necessidade de

vomitara — de novo. E estava aqui achando que havia recuperado minhas faculdades enquanto dirigia da casa de Vik no Brooklyn para o esconderijo em Nova Jersey.

Vik me acertou de jeito quando chutou, depois que a amarrei. Se não fosse tão agonizante, eu até admitiria o quanto estou orgulhoso dela por lutar com unhas e dentes, apesar do fato de ainda estar sofrendo muito por ter levado um tiro.

Em vez disso, paro por um momento, meus dedos curvados na maçaneta da porta, e respiro fundo para me preparar. Ela vai sair chutando e gritando. Não há uma porra de dúvida em minha mente quanto a isso. Mas não quero que ela se machuque tentando fugir de mim. Isso anularia todo o propósito deste esforço.

Resgatá-la apenas para machucá-la ainda mais. Azar do caralho.

Já acho suficiente ter feito os pontos dela uma vez. A memória dela sangrando em meus braços se misturou com outras sangrentas, que vão me assombrar até acordado. Não preciso passar por isso de novo, muito menos com ela.

Abro a porta e mal tenho tempo de desviar para a esquerda e evitar que seus pés amarrados voem em minha direção com toda a força que ela consegue reunir de onde está deitada.

Porra, eu sabia!

Orgulho brota em meu peito enquanto passo os braços em volta de suas coxas, e, quando tenta me bater com os punhos cerrados, as mãos amarradas na frente, eu a jogo por cima do ombro como um saco de batatas. Eu carreguei homens com o dobro do tamanho dela através de desertos cheios de explosivos, desviando de balas. Consigo lidar com ela.

Ela solta um gritinho fraco de protesto, e cerro os dentes para conter a necessidade de me desculpar.

Deve ter doído, mas é muito melhor do que deixá-la fazer pior para si mesma.

— Pare com isso — bato na lateral de sua coxa para enfatizar o que estou dizendo.

Ela congela no mesmo instante, virando a cabeça na direção da minha voz.

— Dixon?

Merda.

Eu ainda não pretendia que ela soubesse que fui eu quem a sequestrou. Queria que tivesse algum tempo para a adrenalina diminuir um pouco e pensar com mais clareza. Era a única chance que eu tinha de fazê-la ver essa situação sem um véu vermelho de raiva colorindo sua visão.

Bem, ela pode especular o quanto quiser até que eu esteja pronto para me revelar. O que não vai acontecer agora. Atravesso a

garagem e entro no elevador de carga do outro lado.

— Dixon, se for você, juro por Deus, vou te matar!

Seus quadris bem torneados tentam se erguer, mas ela mal consegue se mexer com meu braço firme em volta dela. Suas mãos batem na parte inferior das minhas costas, mas ela não tem ângulo para me machucar de verdade.

Obrigado pela boa massagem, querida.

Reprimindo uma gargalhada, eu estendo a mão e empurro a porta de metal para baixo, nos fechando dentro da cabine do elevador antes de apertar o polegar no botão do segundo andar, onde estão as áreas de estar do sótão convertido.

A velha máquina ganha vida, protestando ao movimento. O gemido agudo do motor e o rangido das engrenagens enchem o ar, e ela se mexe no meu ombro violentamente, ainda tentando obter o impulso de que precisa para infligir qualquer dano nas minhas costas ou erguer o tronco.

— Dixon, é melhor me colocar no chão agora mesmo, porra.

Nem tento esconder minha gargalhada e aperto ainda mais o braço em torno de suas coxas, tornando sua resistência ainda mais infrutífera. O elevador para, levanto a grade e a carrego, esperneando, pela sala até onde um dos dois quartos.

Ela não vai gostar, mas estou fazendo isso para o bem dela. O quarto sem janelas é só uma hospedagem temporária, até que ela esteja disposta a reconhecer a porra do perigo que de fato corre e eu consiga confiar que não vai fazer algo estúpido, como tentar ir embora.

Se isso acontecer...

Localizar quem atirou nela enquanto rastreio onde as garotas estão detidas provou ser frustrante, e só posso esperar que o rumo desta missão mude logo.

Parando na frente da cama, dou outro aperto em suas pernas.

— Pare de lutar, ou você vai se machucar.

Eu me inclino, coloco Viktoria no colchão, e, quando a solto, ela quica de leve na superfície em direção à parede contra a qual a cama está encostada.

— Juro por Deus, vou matar você, Dixon.

Ela com certeza pode tentar.

Não seria a primeira. Nem a centésima. Nenhuma dessas pessoas teve sucesso, então duvido que a mal-humorada, bonita e irritante detetive Garin tenha mais sorte.

Estendo a mão e puxo o topo do tecido preto de sua cabeça e o tiro, espalhando o cabelo escuro ao redor do rosto em uma auréola arrepiada e desgrenhada. Viktoria, no entanto, é tudo menos um anjo. O fogo que arde em seus olhos verdes poderia muito bem ser as

chamas do inferno.

Só que ela acha que *eu sou* o Diabo.

Ela mantém seu olhar cheio de raiva em mim enquanto eu tiro a faca da bota e corto braçadeiras em seus tornozelos e pulsos, então recuo antes que ela possa usar a nova liberdade a seu favor.

Vik vai ter que enfrentar a realidade de que não importa o que ela sinta por mim, eu salvei sua maldita vida. Ela me deve um agradecimento — *outro*. Mas vou dar a ela algum tempo para se acalmar antes de entrar nessa discussão.

Eu não confio em mim perto dela de outra forma.

— Tire um tempo para se acalmar. Conversamos depois.

— Você me *sequestrou* e agora vai me deixar aqui?

Ela faz uma tentativa de pular da cama, mas levanto a mão para impedi-la.

Por sorte, ela obedece; caso contrário, não tenho certeza de onde diabos isso levaria.

— É para o seu bem. Você vai me agradecer depois. E pare de me chamar de Dixon. É Reaper.

CAPÍTULO 9

Viktoria

A pálida luz do sol da manhã penetra pela pequena fresta sob a porta, a única fatia real de liberdade ou do mundo que posso ver.

Se é manhã, significa que ele me trancou aqui por pelo menos dezoito horas, talvez muito mais. Sem saída. Eu tinha planejado ficar acordada e pular nele para tentar fugir quando abrisse a porta novamente, mas devo ter cochilado, porque o prato com um sanduíche e batatas fritas estava na mesinha de cabeceira ao lado da cama na última vez que abri meus olhos.

Aquele desgraçado sorrateiro entrou aqui e eu nem acordei.

Eu ficaria muito mais zangada comigo mesma se não soubesse o quão furtivo e bem treinado ele é, ou o quanto meu corpo precisava de descanso. De qualquer maneira, tentar atacar Reaper para sair daqui não funcionaria. Ele teria se assegurado disso — todas aquelas habilidades estão focadas em me manter trancada, em vez de lutar contra nosso inimigo comum.

E, além de me levantar para utilizar o pequeno banheiro anexo ao quarto, não saí dessa cama, a exaustão de lutar contra o meu “atacante” me deixou tão cansada que parecia que eu tinha dado um passo atrás na minha recuperação, em vez de um para frente.

Tudo por causa da porra do Dixon... Reaper... seja lá como diabos eu devo chamá-lo.

Primeiro, ele me deu um susto ao invadir meu apartamento. Então, refez meus pontos e me beijou até que eu mal conseguir respirar. E, agora, me sequestrou e me jogou neste quarto como se, de alguma forma, me possuísse.

Cara idiota.

Uma sombra bloqueia a luz, a maçaneta gira, Reaper abre a porta e entra no quarto, fechando-a atrás de si com uma precisão que me dá um arrepio na espinha, ao mesmo tempo em que faz meu sangue ferver de fúria.

Ele para a alguns passos da cama, os braços cruzados sobre o

peito em sua postura de sempre.

— Está pronta para ter uma conversa calma e racional sobre isso ou precisa de um pouco mais de tempo para se acalmar?

Conversa calma e racional?

— Você está falando sério? Você me *sequestrou*, caralho!

Ele aponta um dedo para mim, as sobrançelas levantadas.

— Ei, fiz isso para salvar a sua pele.

— Nem por isso é menos ilegal, idiota.

— Olha, isso é questão de interpretação. Você preferiria que eu deixasse aquele canalha na rua te pegar e depois esperar um pedido de resgate, ou encontrar seu corpo no Hudson?

Faço uma careta para ele, embora isso não pareça deter nada do que ele faz.

Reaper me observa com olhos frios e duros.

— Você poderia dizer “obrigada”. Seria muito mais fácil do que discutir comigo.

Me apoiando na parede em que a pequena cama está encostada, cerro as mãos com tanta força do lado do corpo que as unhas se cravam dolorosamente nas palmas. Vislumbres do homem de casaco e o mal-estar que se apoderou de mim tomam conta da minha mente.

Presumi que tivesse sido ele quem me apanhou e, embora na realidade tenha sido Reaper, poderia muito bem ter sido aquele homem... ou qualquer outro, aliás.

— Você não tem como saber que ele ia me sequestrar.

Reaper dá uma risada e balança a cabeça.

— Sim, tenho. Depois que você desmaiou na outra noite, sabe o que eu fiz?

O calor se espalha pelo meu pescoço e pelo meu rosto lembrando do beijo. A maneira como seus lábios se moveram com fluidez contra os meus. Suas palmas quentes em minhas bochechas. Aquele sorriso presunçoso curvando seus lábios quando me disse que não desistiria.

Eu me mexo na cama, desconfortável sob sua avaliação — a maneira como seus olhos fixam em mim, como se visse que estou revivendo aquele momento e como meu corpo está reage a ele.

— Sei que você ficou por um tempo.

Ele assente devagar com a cabeça.

— E você estava tão fora de si que nem percebeu que eu preguei a porcaria da sua janela.

— Você, o quê?

Suas narinas dilatam, sua mandíbula aperta.

— Vik, foi tão fácil entrar na sua casa, até uma criança conseguiria. Então, depois de me certificar de que ninguém mais

entraria, arrumei um novo veículo, voltei, sentei e observei seu prédio por um dia e meio.

— Existe um termo para isso, sabe... — Levanto uma sobrançelha. — *Stalker*.

Ele bufa e balança a cabeça de novo, aquele sorriso arrogante aparecendo no canto de seus lábios.

— Achei que fosse *herói*.

Zombando, reviro os olhos.

— Claro que achou.

Irritação tensiona seus ombros, os músculos se juntando como se ele estivesse tentando conter um desejo desesperado de ralar comigo.

— Quer saber o que eu vi durante esses quase dois dias, Vik?

— Muitos nova-iorquinos furiosos?

— Bem, sim, mas também vi uma caminhonete escura estacionada em frente à sua casa por horas a fio. Aí aparecia um novo veículo e eles trocavam de lugar. Quase como se estivessem fazendo turnos. Quer saber do que se tratava?

faço uma careta e dou a ele o meu melhor olhar furioso.

— Eu não sou idiota, Reaper. Eu sou uma maldita policial. É óbvio que era vigilância.

— Certo. Provavelmente os mesmos filhos da puta que atiraram em você. Acredito que ligados ao cara de casaco preto que ia pegar você na rua antes de mim. — Ele inspira fundo, como se estivesse tentando acalmar seus nervos; no entanto, o motivo pelo qual ele deve estar nervoso permanece indefinido. — Ele estava te observando desde o segundo que você pisou na calçada, Vik. Só foi na direção oposta quando você atravessou a rua para deixar ele na frente. A atenção dele voltou para você assim que se distraiu com o que quer que tenha visto do outro lado da rua.

Anya.

— Minha irmã... eu ia me encontrar com ela para almoçar. Ela vai procurar por mim.

Reaper enfia a mão no bolso de trás, tira meu celular e o balança para frente e para trás na mão.

— Ah, eu já tive uma conversa adorável com sua irmã.

— Você, o *quê*?

— Eu vi as várias mensagens dela perguntando onde você estava depois que não apareceu para o almoço, então mandei uma mensagem de volta, fingindo ser você, e disse que você estava ocupada com algo no trabalho. — Ele levanta uma sobrançelha escura. — O curioso é que ela perguntou se era sobre o assunto cujas informações ela conseguiu. Presumo que seja sobre... *mim*?

Merda.

Ele dá de ombros com indiferença.

— Eu disse que não era nada e não precisava se preocupar, que entraria em contato daqui uns dias. Ela disse para você ter cuidado.

Droga.

Às vezes, passamos semanas sem nos falar, então ela não vai suspeitar de nada se não tiver notícias por um tempo, em especial se ele disse a ela que eu estava trabalhando em algo. Não é incomum eu me aprofundar em um caso e me fechar do mundo inteiro por um período.

Mas ela não é a única na minha vida.

— E Hank? Ele vai procurar por mim. A delegacia também.

Reaper sorri.

— Com o Hank, eu me resolvo. — Ele atravessa a sala e estende meu telefone para mim. — O departamento... você resolve.

— Até parece.

Ele se agacha para ficar na altura do meu rosto, com seus olhos duros e determinados enquanto segura o celular e o sacode na minha frente.

— Você vai ligar pra eles e dizer que está mais doente do que pensava, que vai tirar duas semanas de folga, já que tem tantas férias acumuladas, para garantir que esteja cem por cento antes de voltar.

— Vai se foder, Reaper. Sem chance. Você não vai me manter trancada aqui por duas semanas.

— Não disse que manteria. Só até resolvermos isso. Mas quero ter certeza de que ganhei tempo suficiente, só por precaução. — Ele coloca a mão livre em volta do meu pulso, levanta a palma da minha mão e coloca o telefone nela. — Faça a chamada.

O espaço em que sua pele se conecta com a minha praticamente chia com a eletricidade que sobe pelo meu braço, passa pelo meu peito e desce direto entre as minhas pernas.

Como seriam aquelas palmas e pontas dos dedos calejadas em outros lugares?

Lambo os lábios e olho para os dele, sem querer.

— Viktoria...

Droga.

Deixo meu olhar encontrar o dele de novo.

— Faça. A. Chamada. Não posso perder tempo garantindo sua segurança e fazer o que preciso para localizar as meninas e garantir a segurança *delas*. Não posso ficar o tempo todo preocupado que alguém vá apanhar você na rua ou quebrar a porra da vidraça para entrar. Não posso ficar me perguntando se você está desmaiada e sangrando na droga do chão do seu apartamento.

— Merda, Reaper. — Eu coloco um sorriso açucarado e falso. — Parece que você se importa.

O silêncio paira entre nós por um segundo, sua mão não solta meu pulso. Eu quis dizer isso em tom de piada. Um golpe no fato de ser tão durão e impossível. Mas parece ter levado no sentido literal, e parece estar deixando-o muito inquieto. Ele aperta meu pulso suavemente, depois engole em seco e balança a cabeça.

— Merda. Me importo, Vik. Essa é a porra do problema. — Ele me solta, fica de pé e aponta para o celular. — Faça a chamada.

Fecho a cara, mas disco o número da delegacia, apesar da raiva, relutância e confusão sobre o que aconteceu agora mesmo entre nós. Embora eu possa não concordar com suas táticas, ele tem razão. Se o que diz é verdade e as pessoas estão me observando, esperando uma oportunidade para atacar, é bem possível que aquele homem na rua hoje seja um deles e que estejam ligados ao tiroteio.

E não posso pensar apenas em minha própria raiva e animosidade em relação à situação — e ao homem que me colocou nela — agora. Não quando é possível que haja dezenas de garotas inocentes em algum lugar da cidade que precisam da ajuda que só alguém como Reaper pode oferecer.

Seria egoísta da minha parte não fazer isso.

O homem com quem preciso falar atende no terceiro toque.

— *Capitão Miller.*

— Ei, é a Vik. Vou precisar de duas semanas de folga...



Reaper

Vik termina a ligação com o chefe e enfia o dedo no celular com tanta agressividade que estou surpreso que a tela não quebre. Dou um passo à frente e estendo a mão para o aparelho.

Seu queixo cai de incredulidade, os olhos verdes escurecendo de raiva.

— Sêrio?

Levanto uma sobrancelha.

— Você acha que eu vou deixar você ficar com o celular? Tenho cara de idiota?

— Idiota o suficiente para pensar que poderia me manter trancada aqui e que eu apenas obedeceria.

Como se eu alguma vez tivesse pensado que seria fácil.

Com um suspiro, arranco o telefone de sua mão com um pouco de força de mais.

— Temos que descobrir quem quer você morta e o porquê. Quanto mais rápido conseguirmos fazer isso, mais cedo poderei deixar você ir. — Enfio o celular de volta no bolso. — Você reconheceu o

cara de casaco preto?

Vik fecha os olhos por um segundo, provavelmente repassando os eventos de ontem na cabeça.

— Não. — Ela abre os olhos e balança a cabeça. — Não reconheci. Mas, isso não significa nada. Prendi muitos idiotas, muitos dos quais poderiam querer vingança.

— Alguém em particular com uma vingança contra você? Alguém que acabou de cumprir a sentença e ser solto? Alguém que você mandou pro xadrez e tem uma família furiosa?

Ela balança a cabeça de novo e puxa os joelhos contra o peito, estremecendo um pouco.

— Não que eu consiga lembrar de cara.

— O que me faz pensar que isso está conectado ao B66.

Ela franze o cenho.

— O que te faz dizer isso?

Ando pelo quartinho, repassando o que sabemos na cabeça.

— Porque alguém tinha mão de obra e recursos suficientes para deixar um carro de olho em você por dois dias, em turnos. Quem mais gastaria tanto dinheiro e tempo?

— Verdade. E, embora o cara não fosse familiar, não significa que ele não seja um dos capangas de Yankovich. A rede dele é enorme e se espalha por Nova York e distritos vizinhos, então ele deve ter centenas, senão milhares, de soldados que eu nunca vi. Provavelmente é por isso que eles usaram em específico. Para que eu não suspeitasse de nada.

— Mas o que eu não entendo é... por que os russos iriam querer você morta?

Seus olhos se arregalam de leve.

— Merda...

Isso não soa nada bem.

— O que é?

Ela morde o lábio inferior, seus olhos encontrando os meus com um leve toque de pânico em suas profundezas.

— Nada. Deixa para lá. Só estou sendo paranoica.

— Não, não está, Vik. Eu tenho que saber *tudo* se quisermos descobrir *alguma coisa*.

Com um longo suspiro, ela abaixa a cabeça e passa as mãos pelos longos cabelos escuros, fechando os olhos com força.

— Acho que é possível que eu tenha sido reconhecida no B66.

Eu congelo no meio do passo e me viro para encará-la por completo.

— O que diabos você quer dizer com *reconhecida*?

Vik lentamente levanta a cabeça e abre os olhos.

— Eu cresci com essas pessoas, Reaper. Não Yankovich

especificamente, mas, o tipo. E todos conheciam a família dele. Eu sou de Brighton Beach. Virei policial para não ser sugada para essa vida, como muitas das garotas que trabalhavam no clube. Mas muitos dos meus amigos não saíram e acabaram em lugares assim. Pessoas que não vejo ou com quem não falo há mais de uma década, talvez mais. Acho que é possível...

Porra.

Suspiro e esfrego a nuca, onde a tensão aumenta.

— É possível que alguém com quem você cresceu tenha te reconhecido quando você estava lá com Hank.

Ela dá de ombros, de leve.

— Nem pensei nisso quando ele me pediu para ir. Achei que estava longe o suficiente, tanto em espaço quanto no tempo, para que ninguém me identificasse, ou que não seria um problema se isso acontecesse.

— Mas se alguém te *reconhecesse* e *soubesse* que você se tornou policial... também saberiam que você não estava no B66 para aproveitar a vida noturna, que devia estar bisbilhotando e que poderia causar um problema para o que quer que estivesse prestes a acontecer.

Seu lábio desaparece sob seus dentes mais uma vez, e ela balança a cabeça.

— Com certeza é uma possibilidade.

— Merda. — Passo as mãos pelo cabelo. — Isso explicaria eles vindo atrás de você, em específico. Talvez eles não tenham percebido que Hank era policial, só pensaram que ele era um namorado ou alguém que você arrastou como disfarce. Faz sentido que *você* seja o alvo. A pessoa que eles com *certeza* sabiam ser uma ameaça para os negócios.

— Ah, meu Deus... — Ela arqueja e pressiona a mão na costela. — É minha culpa que levei um tiro. — Seu olhar cheio de pânico encontra o meu. — Que *você* levou um tiro.

Ah, droga...

Isso parece o início de um ataque de pânico completo.

Eu me jogo na cama ao lado dela e empurro seu cabelo para trás de seu rosto, emaranhando meus dedos nas mechas macias que não tenho o direito de tocar.

— Não faça isso, Vik. Estou bem. Apenas mais uma cicatriz para adicionar a dezenas de outras. E você ficará bem em breve.

Ela não responde às minhas palavras, apenas me observa com lágrimas não derramadas brilhando nos olhos.

— Entende agora por que precisa ficar aqui? Por que você precisa ficar escondida?

— Não. — A indignação brilha em seu olhar. — Eu causei isso. Preciso estar lá fora ajudando você, fazendo o que posso. Preciso

levantar a bunda e ajudar a localizar o que precisamos para salvar as meninas, ainda mais agora.

Pelo amor de Deus, como esta mulher é teimosa.

Balanço a cabeça e aperto a mão em seu cabelo, forçando seu rosto a se inclinar para o meu.

— Acho que você é a mulher mais frustrante que já conheci.

O canto de sua boca se contrai, como se ela estivesse lutando contra um sorriso, ou talvez contra o desejo de me dar um tapa.

— Eu poderia dizer o mesmo de você.

Apesar de saber o quão perigoso é, eu não posso lutar contra o sorriso que puxa meus lábios.

— Que eu sou a mulher mais frustrante que você já conheceu?

Isso me rende um sorriso minúsculo.

— Você me deixa louca pra caralho. Sabia disso?

Aceno lentamente.

— Eu com certeza sei, Vik. O sentimento é mais do que recíproco.

— E você não vai me deixar sair daqui, vai?

Balançando a cabeça, me inclino para mais perto até que meus lábios mal rocem os dela.

— Não até saber que você está segura.

Suas mãos vêm para o meu peito, mas em vez de me afastar, ela enrola os dedos no tecido da minha camisa, usando-o para me arrastar com força contra si.

— E se eu lutar para sair?

Uma risada baixa ressoa em meu peito, fazendo com que eu pressione seus seios fartos com mais força.

— Eu teria que te amarrar.

Seu coração martela contra o meu, sua respiração vem quente e rápida.

— Não me ameace com diversão, Reaper.

Put a que pariu.

Eu puxo seu cabelo com mais força, apertando a um ponto que deve ser doloroso para ela. Um aviso que espero que entenda, antes de levar isso adiante.

— Você não sobreviveria a se divertir comigo, querida.

CAPÍTULO 10

Viktoria

Os lábios de Reaper colidem com os meus tão rápido que rouba minha resposta e minha respiração, junto com qualquer habilidade de continuar a resistir a atração que sinto por este homem que é totalmente errado para mim.

Ontem mesmo, esse assassino, esse criminoso disposto a tirar uma vida em vez de permitir que eu fizesse meu trabalho, literalmente me sequestrou. No entanto, por algum motivo que não consigo nem começar a entender, acredito que ele nunca me machucaria. Pelo menos, não de propósito.

E da maneira como seu toque inflama as fibras mais ínfimas do meu ser, tudo o que posso pensar é como será bom ter suas mãos ásperas percorrendo cada centímetro de mim.

Devagar. Com suavidade. De forma brutal.

Não importa. Aceito tudo.

Qualquer coisa e tudo que ele tenha para me dar.

Reaper não decepçiona. Ele envolve minha cintura com um dos braços e aperta com firmeza, me arrastando para cima de seu colo, tomando cuidado para não tocar o outro lado. Mesmo que tocasse, qualquer dor que estou sentindo é colocada de lado com muita facilidade pela necessidade que toma conta de todo o meu ser.

Nossos lábios repetem a mesma batalha que travamos verbalmente desde o momento em que nos conhecemos, enquanto nossas línguas dançam em um duelo pela supremacia. Mas, nenhum de nós vai ganhar. Nenhum de nós cederá ou desistirá do poder. Na verdade, ele deixou isso ainda mais claro desde que me trouxe aqui. Ele vê como sua responsabilidade me manter segura e salvar aquelas garotas, e eu também tenho responsabilidade com elas, mas também com a lei e em garantir que seja cumprida por todos que vivem na cidade.

Nada disso importa neste momento. Neste minúsculo quarto sem janelas, onde quer que estejamos na porra de Nova Jersey. Tudo

que importa é o roçar de seus dedos calejados na minha espinha e o rolar dos meus quadris contra seu pau duro entre nós, no ponto certo.

Um pequeno gemido sai dos meus lábios e entra em sua boca, e ele o suga com avidez, deslocando as mãos para a bainha da minha camisa e puxando até que eu, relutante, me afasto o suficiente para deixá-lo tirá-la. Solto o aperto fortíssimo que mantive no tecido de sua camiseta, e ele puxa a minha para cima, deixando-a cair no chão ao lado da cama.

Seus olhos azuis, quase azul-marinho, escurecidos de luxúria, se concentram no rubor vermelho que se espalha sobre meu peito. Esta não é a primeira vez que ele me vê assim — com nada além de uma fina camada de tecido rendado cobrindo seios — mas, de alguma forma, parece que estou mais exposta agora do que na outra noite, durante o que talvez tenha sido meu momento mais vulnerável. Agora, parece quase como se o seu olhar acalorado queimasse através do pouco que nos separa fisicamente, além da pele que deveria me proteger, como ele estivesse abrindo caminho para expor tudo o que eu tento tanto esconder.

A necessidade de provar a mim mesma.

A vontade de vencer.

O desejo pulsante que sinto por ele.

Reaper estende a mão e puxa o tecido do meu sutiã para baixo, expondo o mamilo ao ar frio do quarto. Dedos ásperos o torcem, enviando faíscas direto ao meu núcleo e me fazendo contraí-lo de expectativa.

Com os dedos afobados entre nós, consigo encontrar a bainha de sua camiseta enquanto ele libera meu peito dolorido e abre o próprio cinto. Puxo o algodão macio, e ele me deixa erguê-lo sobre os ombros largos e a cabeça. O tecido preto cai na cama ao meu lado, mas meu foco está no que está bem na minha frente.

Músculo duro como uma rocha.

Pele bronzeada, marcada por incontáveis cicatrizes vermelhas, irritadas e irregulares.

Mas Reaper não me dá a chance de reparar nelas por muito tempo, porque me deita de costas e se ajoelha entre as minhas pernas, tira o cinto e abaixa as calças, deixando seu pau grosso e duro se soltar.

Engulo em seco e passo a língua para molhar meus lábios, que de repente ficaram secos.

As pontas de seus dedos fazem cócegas na pele sensível ao longo do cócs da minha legging. De um lado ao outro. De um lado ao outro. Enviando vibrações de ansiedade pelo meu corpo e aumentando o calor entre as minhas pernas.

A pressão ali me impele a arquear os quadris, buscando algum

tipo de fricção, algum tipo de alívio, e, quase como se ele soubesse do que preciso, desliza a mão para baixo e arrasta o polegar pela costura do tecido elástico preto da minha cintura até o clitóris. Minha boceta responde com espasmos no mesmo instante, e jogo a cabeça para trás e aperto os olhos contra a vibração que a necessidade faz crescer naquele mesmo lugar.

— Porra... — a palavra sai da minha boca, e eu agarro a colcha debaixo de mim em meus punhos. Mas, em vez de pressioná-lo a nos levar para onde ambos queremos estar, minha angústia parece apenas deixá-lo mais determinado a me torturar.

Ah, ótimo. Sequestro e tortura.

Um lado de seus lábios se curva presunçosamente, e ele rola o polegar lá embaixo, de forma lânguida, tão devagar que garante que eu sinta cada roçar, cada pequena mudança de pressão, fazendo-me contorcer sob seu toque. Eu me forço a abrir os meus olhos bem a tempo de vê-lo pegar o pau com a outra mão e se masturbar, sem tirar o olhar azul cristalino de mim.

Pelo menos não é um tormento apenas para mim. O aperto fortíssimo de Reaper na ereção, enquanto desliza a palma pelo comprimento, e os músculos contraídos de seus braços e peito, mostram que ele está tão excitado quanto eu.

Mas ele parece decidido a prolongar o momento, passando o polegar sobre meu clitóris em movimentos circulares lentos, até eu conseguir sentir o quão encharcado está o tecido entre minhas pernas. Na verdade, molhado de dar vergonha. Tão molhada quanto as virgens ficam quando são tocadas dessa forma pela primeira vez, não como uma mulher adulta que teve seu quinhão de amantes fica quando é olhada da maneira certa pelo homem errado.

Se ele não arrancar essa calça de mim logo, posso entrar em combustão espontânea...

Solto meu aperto mortal da colcha e movo minhas mãos para o cós da minha calça, curvando meus dedos sob a borda do material.

Se isso não lhe der a dica, nada dará.

Com um sorriso brincando nos lábios, ele solta o pau e leva a mão entre minhas pernas para agarrar minha cintura e descer o tecido, junto com a calcinha, pelas minhas pernas e pés, deixando-o cair sem cerimônia em uma pilha no chão.

Seus olhos intensos vão direto entre minhas pernas, e se concentram no local em que o quero tanto. O desejo arde em seu olhar, apenas eclipsado pela raiva que ainda sente por mim ou pela situação, a mesma raiva que continuo empurrando de lado para conseguir o que quero sem pensar duas vezes.

Ele se inclina para frente, roça a mão esquerda no curativo na minha pele, enquanto arrasta a outra entre minhas coxas e desliza um

— Ah, meu Deus!

Apoiando-se no cotovelo, ele chuta a calça jeans para fora enquanto continua a me estimular com a mão, me forçando ainda mais a me tornar uma massa carente e trêmula. Com os olhos fixos nos meus, faz um milhão de perguntas sem nunca verbalizar nenhuma, e eu respondo com um único olhar.

Ele beija meu pescoço até que seus lábios quentes rocam minha orelha.

— Me diz se eu machucar você.

Eu consigo dar um gemido de resposta e um leve aceno de cabeça antes que ele tire a mão entre as minhas pernas e enfie seu pau em mim tão rápido que quase não há tempo para me preparar.

— Porra, Reaper!

Não que eu pudesse ter me preparado para este homem.

Eu não estava esperando por ele.

E nunca tive chance...



Reaper

Poo!

Vik aperta a boceta com mais força em volta do meu pau, passa a mão em volta do meu pescoço e crava as unhas da outra no meu peito nu. O movimento só me incita a empurrar ainda mais fundo até que eu estar todo dentro dela, e capturo seu suspiro surpreso com os lábios.

Ela geme contra a minha boca, apertando minha carne dentro dela enquanto eu recuo meus quadris e estoco de novo. Seu hálito quente sopra forte, e eu o bebo da mesma forma que ela faz com o meu a cada respiração ofegante.

Apesar de seu ferimento — ou talvez *por causa* dele — ela não me diz para parar. Para ir mais devagar. Para ser mais gentil. Para ter calma com ela. Não é isso que ela quer.

Não estamos fazendo amor. Não faço amor há tanto tempo que nem sei se me lembro mais de como é. Mas não se trata *disso*. O que estamos fazendo é bruto e exigente. Estamos trepando para acabar com a tensão que sentimos toda vez que estamos juntos na mesma

sala. Estamos ambos provando um ponto de vista. Que estou no controle aqui, mas ela nunca vai abaixar a cabeça para mim ou para qualquer desafio. Nenhum de nós está disposto a ceder, ambos determinados a sair por cima.

Concluo todas as missões que recebo, incluindo essa. E, agora, fazê-la gozar está no topo da minha lista de prioridades. Encontro um ritmo e um ângulo que faz com que a cabeça do meu pau se arraste contra aquele ponto perfeito dentro dela. Suas unhas marcam a pele do meu peito e da nuca, e eu rolo os quadris, esfregando meu osso pélvico contra seu clitóris a cada estocada.

Seus lábios se afastam dos meus e Viktoria joga a cabeça para trás, expondo o longo pescoço, cabelos escuros espalhados ao redor dela no travesseiro.

— Ah... porra... — Ela passa a perna esquerda em volta do meu quadril e crava o calcanhar na parte inferior das minhas costas. — Bem aí. Porra! Bem desse jeito.

Não há como esconder o profundo rosnado de satisfação em meu peito quando está colado no dela. Vik se contorce sob mim, os quadris encontrando os meus com fluidez, como se estivéssemos destinados a nos mover e nos encaixar dessa maneira. E ela está toda contraída. Apertada pra caramba. Essa era minha intenção quando a provoquei antes. Eu tinha que prepará-la, e bem, porque sabia que, uma vez dentro dela, de porra de jeito *nenhum* eu ia durar o suficiente para fazê-la gozar direito.

Porque já faz tanto tempo.

Porque é *esta* mulher.

Sua raiva. Seu toque. Sua indignação legítima e desafio inabalável. É tudo tão bonito e tóxico ao mesmo tempo. A mistura perfeita para criar uma explosão épica, agora que finalmente nos reunimos assim.

Cada impulso do meu pau dentro de seu calor úmido e acolhedor me deixa mais perto de perder o controle, de levar isso além do que ela pode suportar depois do que acabou de viver.

Ela desce a mão pelo meu pescoço, sobre meu ombro, para minhas costas, seus dedos roçando as cicatrizes irregulares ali, lembretes das últimas coisas em que quero pensar enquanto estou assim com Vik. Isso me faz mergulhar nela com força e determinação renovadas para nos levar à beira da insanidade.

Uma névoa familiar e quente invade minha vista pelas beiradas, fazendo o rosto de Vik entrar e sair de foco, e eu tomo sua boca com a minha mais uma vez, em um beijo violento e contundente.

— Goza pra mim, Vik. — Cerro os dentes, os músculos do meu pescoço e mandíbula tensos com o esforço para conter as exigências do meu corpo. — Goza, porra!

Vik odeia qualquer um que diga a ela o que fazer ou como viver sua vida. Ela provou várias vezes que precisa estar no controle, mas, no momento em que a última palavra sai dos meus lábios, todo o seu corpo contrai como se algo de outro mundo a dominasse.

Ela suspira e agarra minhas costas e pescoço, me puxando ainda mais perto enquanto meto em sua boceta pulsante. A cada estocada, seu corpo tenta me manter lá, e luta comigo cada vez que saio.

Não demora muito — apenas mais algumas estocadas — para o *tsunami* que eu estava segurando finalmente cair sobre mim. O prazer e a dor. As verdades de onde estamos e o que fizemos para chegar aqui. Tudo isso ameaça me afogar em seus quadris descontrolados até que finalmente esvazio dentro dela e Vik desmorona debaixo de mim, as mãos caindo da minha pele quente e suada.

Jesus... o que diabos foi isso?

Eu rolo para o lado direito de Viktoria, me colocando entre ela e a porta, e coloco o braço sobre os olhos. Não importa o que acabou de acontecer entre nós, não confio nela. Essa mulher não pensaria duas vezes antes de usar isso como uma oportunidade para fugir de sua “cela”.

Meu peito arfa, e minha respiração sai em ofegos fortes, então me esforço para desacelerá-los, para recuperar o controle sobre meu corpo e mente. Porque é claro que acabei de perder ambos. Ceder sei lá o que é isso com Vik torna tudo muito mais difícil. Muito mais complicado. Faz o que eu vou ter que fazer doer mais do que deveria. Mais do que eu jamais *deveria* permitir.

Vik se move ao meu lado e rola de lado, levantando a mão para arrastar os dedos sobre a ferida ainda recente no meu braço, e sobre as cicatrizes no meu peito e costela. Seu toque leve, quase reverente, envia um arrepio de pavor pelo meu corpo que não sentia há muito tempo.

Eu me afasto e sento na beira da cama, passando as mãos pelo cabelo, apertando a tensão na nuca e nos ombros que, de repente, parece que vai me partir ao meio.

A atitude óbvia devia ser dizer a ela para me deixar em paz, para recuar se soubesse o que é bom para ela. Eu deveria saber que essa mulher *nunca* se importa com o que é bom para ela.

Aquele toque suave flutua sobre as cicatrizes nas minhas costas. Devagar. Uma de cada vez. Leva muito mais tempo do que deveria para alguém que ainda respira passar por todos eles. Às vezes, me surpreende que eu continue respirando. Muitas vezes, me pergunto por que eu, de todas as pessoas, sobrevivi ao que sobrevivi, quando tantos homens mais dignos de viver morreram tão tragicamente.

É por isso que evito situações como essa. Quando as pessoas

fazem perguntas que não quero responder. Quando fazem suposições sobre minhas feridas e como “conquistei” essas cicatrizes. Quando olham para mim como se eu fosse um herói, já que só me sinto uma maldita fraude na maioria dos dias. O “sortudo” que escapou quase ileso, enquanto gente melhor do que eu caiu.

Fico de pé para escapar de seu toque e evito olhar para trás enquanto pego minhas roupas no chão. Mas não tenho que olhar para saber que ela está me observando... e sendo quieta demais para os padrões de Vik. É de sua natureza policial fazer perguntas, querer saber o histórico de alguém e o que os motiva. É assim que entra na cabeça das pessoas que interroga. Ela os lê como livros abertos e brinca até que se dobrem a seu favor.

Mas isso não vai acontecer comigo.

Se ela ainda não aprendeu isso, ela vai aprender neste momento.

Coloco o jeans, mas não me preocupo em abotoá-lo antes de ir para a porta.

— Onde você tá indo? — sua pergunta contém toda a incredulidade que eu esperaria depois disso.

— Fumar a porra de um cigarro e fazer algumas ligações.

— E você vai me deixar aqui assim?

Respiro fundo, continuando de costas para ela enquanto abro a porta.

— É seu lugar...

Meu pé cruza a soleira para a sala, mas faço uma pausa e viro, enfim deixando meu olhar pousar nela. Espalhada na pequena cama, apoiada no cotovelo, nua e praticamente brilhando com a porra do meu esperma ainda dentro dela, Vik trava seus olhos duros nos meus, esperando que eu diga as palavras que sabe que estão vindo.

— Já que é evidente que não se pode confiar em você para não se meter em problemas. Mesmo aqui.

CAPÍTULO 11

Viktoria

A água escaldante do chuveiro apertado no minúsculo banheiro anexado à minha “cela” não consegue me aquecer do frio que me envolveu quando o olhar gelado de Reaper caiu sobre mim da porta.

Ele havia se fechado por completo. Qualquer conexão que fizemos naquela cama terminou no momento em que toquei suas cicatrizes. Foi como apertar um botão. E agora que tive um vislumbre do motivo pelo qual o chamam de Reaper, não sei se algum dia conseguirei me livrar desse calafrio.

Porque vi naquelas profundezas azuis. O desapego. Isso é o que permite que ele faça o que faz. Esse é o homem que pode dizer com tanta facilidade que eliminará qualquer um envolvido com essa rede de tráfico, em vez de deixar a lei lidar com eles. Um homem disposto a derramar tanto sangue e tê-lo em suas próprias mãos.

Outro arrepio percorre minha espinha, estendo a mão e deixo a água ainda mais quente, até que arde, queimando minha pele hipersensível.

Eu sabia o que encontraria. Sabia no que estava me metendo quando concordei em me envolver com esta missão, em vez de procurar meus superiores, como deveria. Mas deixei Hank e Reaper me convencerem a concordar com isso mesmo assim. Sabia que ia contra tudo em que acredito e pelo que lutei por toda a minha vida.

Merda. O que diabos estou fazendo?

Eu bato a palma contra o velho azulejo verde menta, minha frustração mais uma vez no auge.

Toda essa situação é simplesmente... inacreditável. Nunca poderia ter previsto que levaria a isso — ser trancada em um quarto por um homem que não suporto e, ao mesmo tempo, não consigo me controlar, sob o pretexto de algum plano equivocado para me proteger.

Talvez fosse burrice pensar que ninguém me reconheceria no

B66, mas deixei essa vida para trás há muito tempo, fui para a faculdade comunitária, depois consegui meu emprego no Departamento de Polícia assim que me formei, e nunca mais olhei para trás, nunca pus os pés em Brighton Beach de novo, garantindo que eu recomeçasse longe de todos os associados a essa vida. Machucou minha mãe e meu pai, enquanto estavam vivos, sempre terem que vir me ver em vez de eu ir até eles... mas eles também entenderam. Porque era o que eles queriam para mim também, no final das contas. Que eu saísse. Que tivesse todo o sucesso do mundo, que eles nunca tiveram, por mais que se esforçassem.

Mas agora fui sugada de volta para este mundo e, embora Hank, Reaper e os Satan's Knights possam argumentar que é tudo por um bem maior, aquela parte de mim que sempre se esforçou para não se tornar as pessoas contra as quais luto tanto, quem não respeita ou cumpre a lei, não quer aceitar essa situação por completo. *Não consegue* aceitar.

Meu peito aperta de forma desconfortável só de pensar no que está por vir em um futuro próximo, e viro e inclino a cabeça para frente, deixando a água bater na minha nuca.

Reaper pode estar certo quando diz que ter de me vigiar e proteger ser uma distração de foco maior, mas não significa que ele precise me manter trancada aqui, longe de estar envolvida na busca e resgate daquelas garotas.

Eu tenho que estar envolvida.

Se eu deixar que me excluam totalmente disso, não será possível intervir antes que as coisas cheguem longe demais, antes que eu possa colocá-los na direção da lei. Porque ainda há esperança neste momento. Ainda há uma *chance* de haver uma maneira de fazer isso sem quebrar todos os códigos pelos quais vivo e todas as regras sociais que defendo.

Mas talvez seja apenas uma ilusão da minha parte. Porque esses códigos não pareciam significar nada alguns momentos atrás, quando Reaper estava dentro de mim. Eles não pareciam significar muito quando eu estava incitando-o a continuar e saboreando cada movimento sob seu corpo duro e firme.

Então, talvez eu seja uma fraude. Talvez tenha ido longe demais para voltar por este caminho sombrio que começamos. Porque o que acabamos de fazer muda tudo, por mais que tentemos negar ou impedir.

O próprio Reaper disse: me meto em problemas até dentro deste quarto.

E ele é o tipo de problema de que eu não preciso, o tipo de problema que deixa uma marca permanente — talvez não visível como as cicatrizes que marcam o corpo dele, mas na alma, uma marca

que se sente queimar por toda vida, ardendo e te lembrando do seu erro.

E como a água não está conseguindo me fazer sentir melhor, desligo o chuveiro e saio no chão de ladrilho rachado, me enrolando na toalha pendurada em um gancho na parede. Outro arrepio percorre minha espinha, apesar do ar pesado e quente, e estendo a mão e limpo a névoa do espelho barato e manchado.

Que diabos você está fazendo, Viktoria?

Uma completa estranha me encara com olhos verdes nublados e cansados. Tanta coisa aconteceu na última semana, tanto que nunca pensei que seria possível. Tanta coisa que mudou tudo.

Meu parceiro mentiu para mim e traiu minha confiança. Me envolvi em uma investigação não oficial e num tiroteio que mantive em segredo do departamento de polícia. E, por fim, concordei em ajudar um grupo de justiceiros a derrubar uma organização que deveria ser eliminada pelos canais apropriados.

A Viktoria que olha para mim não é quem eu pensei que fosse. Ela nunca teria acabado na cama com Reaper. No entanto, todo o meu corpo ainda formiga lembrando do toque dele, e a memória da sensação de Reaper metendo em mim com tanta força, tanta agressão e paixão faz minha boceta se apertar. É difícil dizer que não quero ser aquela garota, aquela que consegue deixar para lá e viver o que quer pela primeira vez sem pensar nas consequências de um futuro distante.

Mas acho que minha consciência não vai me deixar fazer isso. Só de pensar, pesa tanto no meu peito que mal consigo respirar.

Eu tenho que procurar uma abertura — uma maneira de jogar o que está prestes a acontecer nas mãos do FBI ou do NYPD, de alguém que possa controlar a situação e garantir que nenhum inocente — ou Hank, ou Reaper — se machuquem ou coisa pior.

Eles podem ter a melhor das intenções. Isso é uma coisa que não questiono sobre Reaper. Esse homem acredita sinceramente que está fazendo o que é certo. O problema é que ele não vai traçar nenhum limite, e está disposto a fazer qualquer coisa, e não posso deixar isso acontecer. Embora Reaper *tenha* admitido que se preocupa comigo de *alguma* forma. Não é o suficiente para desistir de tudo que sempre defendi.



Reaper

Outra tragada profunda e longa do cigarro injeta nicotina no meu organismo. É bem o que eu precisava, mas não o suficiente para

acalmar a ansiedade que cresce dentro de mim. Abro e fecho o isqueiro, o familiar som rítmico de *clique* fazendo pouco para me acalmar do jeito que costuma fazer.

E não é só por causa do que aconteceu entre Viktoria e eu; é saber o que vai acontecer assim que conseguirmos as informações de que precisamos para localizar as meninas.

Mouth e Chaos devem estar aqui em questão de dias e, até então, Hank, o clube ou eu esperamos ter as informações de que precisamos para tomar medidas imediatas. Confio minha vida aos meus irmãos, mas fazer algo assim em solo americano é muito diferente de tudo que já fizemos antes. Tem muito mais risco, ramificações muito mais profundas se formos pegos.

Não tenho medo de enfrentar as consequências porque sei que o que estou fazendo é certo, e posso lidar com qualquer coisa que qualquer possa fazer comigo. Mas Viktoria é outro assunto.

Ela tem ideais. Ideais que nunca conseguiriam suportar o que ela precisará fazer se estiver envolvida nisso ou comigo. O que acabou de acontecer entre nós não pode acontecer de novo. Não se quisermos manter o foco e sermos capazes de nos afastar sem apegos, e com ela ainda mantendo o emprego.

E essa é a única opção.

Porque quando tudo isso enfim acabar, ela voltará a ser uma detetive feroz caçando a pior escória de Nova York, e eu farei o que faço de melhor: desaparecer em algum lugar onde possa viver a vida em meus próprios termos, sem ter que responder a mais ninguém. É assim desde que o Tio Sam disse que eu não conseguia mais fazer meu trabalho direito. E, sendo honesto, do jeito que as coisas estavam seis meses atrás, eles provavelmente estavam certos.

Mantê-la trancada é a única maneira de garantir que ela não se envolva demais. Quando por fim encontrarmos o local e seguirmos em frente com o plano, Vik não estará lá. Não posso expô-la a um perigo desses — para ela ou sua carreira.

Não depois de já ter feito isso na cama dela.

Estar comigo é a coisa mais perigosa que Viktoria já fez.

Jogo o cigarro nas grades da escada de incêndio e apago com a bota enquanto coloco o isqueiro de volta no bolso. Os sons da rua lá embaixo enchem o ar, e fico tentado a continuar aqui fora para evitar a tensão do que está lá dentro. Mas não posso ignorar a realidade para sempre, não importa o quanto eu adoraria.

Há trabalho a ser feito.

Trabalho sujo.

As coisas estão prestes a ficar sangrentas.

Entro no loft e meu bolso de trás vibra.

Droga.

É melhor que seja alguém com boas notícias, porque qualquer outra coisa só vai forçar meu pouco controle até o limite. O que aconteceu com Viktoria foi apenas a ponta do iceberg, um breve e pequeno vislumbre do que sou capaz quando fico solto.

Pego o celular, mas a tela está apagada.

— Merda.

Deve ser o de Viktoria.

A farsa com a irmã pode ter funcionado em mensagens de texto, mas se ela está ligando agora, é improvável que Viktoria coopere e atenda. Não depois que eu simplesmente saí e a tranquei lá dentro.

Meu bolso vibra mais uma vez, pego o telefone de Vik, olho para a tela e encontro uma enxurrada de mensagens de Hank, que começaram horas atrás, perguntando se ela está bem.

Caralho.

Enquanto estávamos ocupados lá dentro, ele tentou falar com ela e, como não conseguiu, entrou em pânico.

Hank: Sério, Vik? Duas malditas semanas?

Hank: Que porra está acontecendo?

Hank: Vamos, atende, droga.

Hank: Me mande uma mensagem.

Hank: Liga pra mim.

Hank: Se não tiver notícias em um minuto, vou aí.

Merda!

Isso foi há quase uma hora. O que significa que Hank já pode estar na casa dela, ou pelo menos a caminho de lá.

Quase como se fosse uma deixa, o telefone toca com uma notificação da câmera na porta da frente dela. Pressiono o botão da imagem e encontro Hank batendo na porta como um louco.

Porra. Isso é exatamente o que eu não preciso agora.

Ele pode começar uma caçada por ela se eu não intervir — e fazê-lo rápido. Percorro seus contatos para encontrar o nome dele e clico em enviar antes de levar o telefone ao meu ouvido.

Hank atende no primeiro toque.

— Vik? Onde diabos você está? Mandeí um monte de mensagens e liguei várias vezes. Estou na frente da sua casa.

— Não é a Vik. É Reaper.

— *Dixon? Por que diabos você está com o telefone da Vik? Acho que Vik está desaparecida. Ela não tá respondendo minhas mensagens ou atendendo ligações. Estou do lado de fora do apartamento dela...*

Esfrego a mão no rosto e suspiro.

— Ela tá bem. Está comigo.

— *Ela está com você? E o que isso significa?*

— Significa que ela está segura e você não precisa se preocupar com ela.

— *Até parece que não.* — A indignação de Hank vem alta e clara pelo telefone, e não posso dizer que o culpo por isso. — *Eu não sei que porra você está fazendo, Dixon, mas não estou gostando. Coloca ela no maldito telefone. Agora!*

Eu me acomodo em um dos bancos do balcão da cozinha.

— Agora não é um bom momento. Mas acredite em mim quando digo que era necessário. Vi um carro vigiando a casa dela.

— *Volta um pouco. Por que diabos você estava vigiando a casa dela?*

— Não importa. Ela saiu para almoçar com a irmã e notei que alguém a seguia. Ele parecia suspeito pra caralho...

— *Espere. Ela saiu para encontrar a irmã?* — o filho da puta me interrompeu, mas essa resposta diz que estamos na mesma página sobre o quão estúpido foi ela sair de casa logo após ser baleada. — *Deixa pra lá. Isso é irrelevante. Continue. O que aconteceu?*

— Tive que intervir. Eu a peguei.

— *Ela está bem?*

A memória vívida dela gritando meu nome enquanto eu metia com força nela passa pela minha cabeça, deixando meu pau duro.

— Sim. Um pouco irritada com o que tive que fazer, mas ela vai superar. Eu não poderia colocá-la em risco assim.

Ela já se colocou em risco indo para o B66, para começo de conversa, pensando que ninguém a reconheceria. Foi imprudente e boba. Ela podia ter acabado morta.

Por que eu me importo tanto?

Só sobrevivi tanto tempo porque nunca me permitir me importar com uma mulher. Não tinha como me importar e continuar fazendo meu trabalho. Não podia ficar longe por semanas ou meses, sabendo que ela se preocuparia e se sentiria infeliz. Não podia deixar uma viúva quando inevitavelmente não voltasse para casa.

Agora não é diferente. Não posso mais deixá-la me afetar. Não é bom para nenhum de nós.

Hank solta um longo suspiro.

— *Então, já que andou atarefado com Vik, acho que você não tem nada de novo com Yankovich.*

— Nada que valha a pena mencionar.

— *Bem, eu posso ter feito uma descoberta. Para encurtar a história, Parrish me deu uma dica e eu verifiquei. Michail tem uma casa em Williamsburg onde mantém a esposa de Vlad, Anastasia, e seus dois filhos. Eu a segui por alguns dias e fiz contato. Primeiro em uma cafeteria que ela visita com regularidade, depois, quando isso provou ser um fracasso, Parrish e eu a encurralamos na escola dos filhos. Era a única maneira de chegar perto sem os guardas dela. Tentamos colocar um pouco de bom senso nela, mas a mulher é teimosa demais e está determinada a proteger o cunhado. Se conseguirmos fazê-la virar casaca, ela pode abrir o caminho até Michail ou, pelo menos, nos levar na direção certa.*

É uma boa pista, que com certeza tem potencial.

— Você acha que ela pode saber onde ele está mantendo as meninas ou onde será o leilão?

— *Não tenho certeza, mas ela sabia quem eu era e estava chateada. Me fez pensar que sabe de alguma coisa.*

— Bem, agora que sei que Vik está segura, posso voltar explorar e conversar com meus contatos para ver o que consigo descobrir. — Com sorte, estarão mais receptivos que eu tiver mais gente aqui. — Dois amigos estão vindo à cidade para ajudar. Devem estar aqui em breve. Então, espero que possamos planejar nosso próximo passo com mais facilidade.

— *E quanto à Vik? Sabemos quem era o cara que estava bisbilhotando?*

Olho para a porta que a mantém trancada.

— Tenho certeza de que foi um dos caras de Yankovich, e que eles também atiraram nela na outra noite.

— *Porra! Por que nela? Por que não em mim ou nos Satan's Knights?*

— Ela disse que pode ter sido reconhecida no B66. Você sabia que ela cresceu em Brighton Beach?

— *Bem, sim, mas pelo que entendi ela não volta lá desde que foi pra faculdade. Então deixa eu ver se entendi, ela acha que alguém de seu antigo bairro a reconheceu no clube, disse a Yankovich, e ele enviou alguém para silenciá-la. Devemos nos preocupar?*

— Eu cuido dela.

— *Eu a conheço há muito mais tempo do que você, Dixon, e já aviso: é muito mais difícil do que você pensa.*

— Confie em mim — eu rosno — estou mais do que ciente de como difícil lidar com ela.

Termino a ligação e enfio o telefone de volta no bolso, meu olhar se voltando de modo automático para a porta trancada no espaço aberto do loft.

Não estou em posição de tentar lidar com ela de novo agora.

Ela precisa de mais tempo para se acalmar, e eu preciso de tempo para descobrir o que fazer em seguida com ela, fodendo com minha cabeça e minha capacidade de pensar com clareza.

É hora de sair e ver o que consigo.

CAPÍTULO 12

Reaper

Acho que deveria me preocupar com a poça de sangue aos meus pés. Deveria estar me levando a agir, me mover, sair daqui, a fazer *alguma coisa*, mas, em vez disso, tudo que consigo pensar é em como Vik parecia tranquila mais cedo, quando abri a porta de seu quarto para deixar comida para ela antes de sair.

Ou estava desmaiada, ou sabe fingir muito bem que está dormindo. De qualquer maneira, seu peito subia e descia naquele ritmo constante, o tecido da camiseta que vesti depois de transarmos incapaz de esconder os mamilos que o esticavam. Seus lábios ligeiramente entreabertos quase me imploravam para atravessar o quarto e beijá-los.

E quase fiz exatamente isso.

Forçar-me a sair em vez de transar com ela de novo foi mais difícil do que o que estou fazendo com esse idiota. Aquilo foi quase impossível. Isso... isso é fácil pra caralho em comparação. Se eu conseguir colocar minha cabeça de volta no jogo.

Concentre-se na missão. Esqueça a garota.

Eu aperto mais a faca na mão e apunhalo o estômago dele mais uma vez.

Um grito estrangulado de dor e angústia sai de sua boca aberta e atravessa as vigas do armazém, mas não há ninguém aqui para ouvi-lo ou responder a seus pedidos de ajuda. Por isso escolhi este lugar. O local perfeito para conseguir o que preciso sem chamar atenção indesejada.

Agacho na frente dele, determinado a tirar Vik da cabeça, estendo a mão livre e puxo o cabelo do sujeito, o forçando a olhar para cima até que seus olhos semicerrados encontrem os meus.

— Vamos tentar de novo, certo?

Ele solta um gemido estrangulado, e o sangue escorre de seus lábios até o peito nu, cortado e machucado.

— E-eu te disse... não sei do que tá falando.

— E eu te disse que sei que você está mentindo.

Esse filho da puta saiu do B66 com Kosofik, rindo e brincando como se fossem velhos amigos. Não há como ele não saber do leilão que vai acontecer. Não acredito nisso nem por um maldito segundo.

Solto a cabeça dele, que no mesmo instante cai para frente, o corpo fraco demais para segurá-la. Se não tomar cuidado, posso levar isso longe demais para obter as respostas de que preciso.

— Vou perguntar mais uma vez antes de mudar para outro tipo de persuasão. E se não está gostando disso — mostro a faca sob as luzes fluorescentes brilhantes no teto — com certeza não vai gostar da outra.

Uma objeção escapa gorgolejando de seus lábios, ele balança a cabeça e consegue levantá-la o suficiente para encontrar meu olhar.

— Não. Chega.

— Então me diga o que eu preciso saber.

— Tá... — Uma tosse estridente e dolorosa o faz se dobrar tanto quanto as amarras permitem. Se não estivesse amarrado à cadeira, provavelmente estaria de bruços no chão agora. — Não sei tudo. Só que vai acontecer antes do final do mês.

No fim do mês?

Isso não nos dá muito tempo. Duas semanas, no máximo. Mas explica por que ainda não recebi um texto de Kosofik com as informações. Eles ainda nem devem ter decidido o local do evento ou estão esperando até o último minuto para enviar instruções, para evitar vazamentos à polícia.

Sorrio para o homem e levanto a faca, então pressiono meu dedo contra a ponta bem em sua linha de visão.

— Não acredito que você não saiba onde eles estão mantendo as meninas.

Saber quando o leilão vai acontecer é importante, mas não me leva às vítimas inocentes. Preciso de um local, e esse cara vai me dar.

— Quer saber como eu sei disso? — Levanto uma sobrançelha para ele. — Porque você é amigo de Kosofik, e ele dirige o espetáculo para Yankovich, assim o chefão não suja as mãos. Meu palpite é que você é o pau pra toda obra dele, e isso significa que você conhece cada pequeno detalhe.

Levanto, estalo a língua e balanço a cabeça.

— Eu te dei uma oportunidade. Você ainda está escondendo coisas de mim. Não é uma decisão sábia de sua parte.

Decisão que vai tornar isso muito mais doloroso para ele. Não é que eu goste de infligir dor aos outros. Mas quando é um lixo total como este, certamente também não sinto culpa.

Pego o balde de água do lado da cadeira do meu cativo, o inclino para trás, de modo que seus pés descalços caiam na água, antes

de prender os cabos de transmissão à bateria de carro no chão. Ele os vê e grita, o som ecoando pelo vasto espaço, mas caindo no concreto frio do chão sem que ninguém ouça.

— Pode gritar o quanto quiser. — Prendo um dos pesados cliques de metal em seu mamilo esquerdo. Isso por si só é doloroso o suficiente para que grite mais uma vez. — Vamos ver se isso te faz cooperar.

Prendo o outro clipe no mamilo direito, permitindo que a corrente flua através dele, seu corpo se sacudindo e se contorcendo de forma dolorosa enquanto a eletricidade o frita como um ovo, de dentro para fora. A bexiga dele relaxa e solta um jato de mijo que se mistura com o sangue no concreto ao redor da cadeira.

Esse tipo de tortura nunca é bonito de se ver, mas, às vezes é necessário derramar alguns fluidos corporais para obter algumas respostas. Ainda assim, preciso dele vivo o suficiente para me dar o que preciso. Puxo um dos cabos, corto a energia, e ele cai para frente de novo.

Agachado, levanto sua cabeça pelos cabelos.

— Vamos tentar de novo. Onde eles estão mantendo as meninas?

Saliva e sangue escorrem de seus lábios, e ele abre e fecha a boca várias vezes antes de enfim conseguir falar.

— E-e-eu não sei.

— Sério? — Esse imbecil é mais forte do que eu pensava. A maioria dos homens teria cedido com o esfaqueamento. Os poucos que ainda resistiriam, teriam cedido à eletrocussão. Mas esse filho da puta ainda quer brincar.

Deixo pender sua cabeça e estendo a mão para reconectar o cabo a ele, garantindo que esteja vendo meu movimento.

Seus olhos se arregalam, e ele soluça e cospe:

— Tudo o que sei é que é um armazém perto das docas em Nova Jersey.

Um sorriso lento surge em meus lábios. Pode não ser um endereço, mas é o suficiente para me levar aonde precisamos estar. Vigiar a área ao redor das docas deve bastar para nos dar uma localização específica. As meninas precisam ser alimentadas e mantidas em relativa saúde se eles quiserem conseguir um bom dinheiro com elas, então os homens de Yankovich precisarão ir e vir. Não é fácil ocultar esse tipo de atividade de alguém que a procura em específico.

Estendo a mão e dou um tapa na lateral do rosto dele.

— Aí está um bom menino. Foi tão difícil assim?

Ele abre a boca para responder ou dizer outra coisa, mas recoloco o grampo, permitindo que a corrente flua através dele mais

uma vez, e limpo a faca em seu jeans antes de enfiá-la de volta na minha bota.

— Foi bom te conhecer.

Eu consegui a informação que vim buscar aqui, e agora é hora de ir embora. Mas o que eu enfrento quando volto para ao loft talvez seja pior do que o que fiz com esse cara.



Viktoría

Chuto a porta, mirando perto da maçaneta, pela milésima vez e solto outro grito de raiva quando a única coisa que consigo com meus esforços é uma dor subindo pela minha perna e uma pontada na costela. Pressiono a mão contra a ferida em cicatrização, me afasto da porta e espio a pequena fresta entre ela e o piso de concreto.

O que está além dessa porta é um mistério, mas parece que quem construiu este quarto a projetou para manter alguém dentro. A porta sólida e robusta não se moveu, apesar de meus muitos esforços para encontrar um ponto fraco. É tão inabalável quanto minha raiva de Reaper. E não só porque ele me trancou aqui, mas porque fez *aquilo* de novo... conseguiu se esgueirar e deixar mais comida para mim enquanto eu estava desmaiada.

É quase como se ele tivesse um sexto sentido para saber quando entrar aqui sem me dar chance de confrontá-lo. E, embora eu esteja batendo e gritando pelo que parecem horas, não ouvi um pio lá fora ou vi qualquer tipo de sombra se mover na frente da porta, o que significa que ele deve ter me deixado aqui enquanto saía para fazer algo, sem dúvida, nefasto.

Solto outro grunhido frustrado, volto para a cama e me jogo de costas.

Decisão ruim.

A cama inteira cheira a sexo. Cheira a *ele* e ao que fizemos...

Todas as coisas em que não quero pensar agora — não se quisier ficar com raiva.

Eu preciso ficar com raiva.

É muito melhor do que pensar no que fizemos. Muito menos perigoso para o meu coração e sanidade.

Um estrondo baixo sacode a cama abaixo de mim, me levanto e inclino minha cabeça para ouvir.

A porta da garagem...

Deve estar logo abaixo deste quarto. Onde quer que ele tenha ido, está de volta. O que significa que é hora de me recompor.

Pulo da cama e corro para a parede perto da porta,

pressionando as costas contra ela. Se ele decidir vir aqui me ver, vou tirar vantagem da única maneira que consigo pensar.

Pode não funcionar. Talvez só o irrite ainda mais, mas ainda tenho que tentar. Não posso deixá-lo continuar no controle da situação, no controle de *mim*. Tenho que começar a pensar nele como o que é — meu sequestrador e um assassino — em vez de como o homem que faz meu coração disparar e meu corpo esquentar.

O rangido abafado e o gemido do elevador antigo passam pela fresta sob a porta, e então suas botas pesadas batem no chão do lado de fora. Uma sombra bloqueia a luz que vem sob ela, e eu me preparo para a luta.

Você pode fazer isso, Vick. Agente firme.

A fechadura estala e a maçaneta gira devagar, antes que a própria porta seja empurrada para dentro. Ataco com a única arma que tenho aqui, meu punho. Com meu treinamento policial, sei como dar um soco. E, se fosse qualquer outra pessoa, talvez tivesse uma chance, mas a mão grande dele dispara e envolve meu pulso, parando-o no ar, nem perto de acertá-lo.

Ele gira em minha direção e me empurra contra a parede tão rápido que força todo o ar de meus pulmões em um *vuush* gigante.

— Que porra você pensa que está fazendo? — suas palavras saem mais rosnadas que faladas. — Achou que ia dar certo? Achou mesmo que seria capaz de me machucar o suficiente para sair daqui? — Um sorriso de escárnio torce seus lábios. — Você com certeza não sabe quem eu sou, porra.

Travo meu olhar no dele, recusando a ceder um pouco que seja enquanto ele continua a manter um aperto forte em meu pulso e prender meu outro braço entre nossos corpos.

— Sei exatamente quem o que você é. Você provou isso mais cedo.

Ele rosna e se inclina até que nossas bocas estejam a apenas alguns centímetros uma da outra. A raiva brilha em seus olhos azuis, transformando o que poderiam ser piscinas calmas em tempestades tumultuosas.

— Então você deve saber que esta foi uma péssima ideia.

— Pensar que não vou continuar lutando porque você me comeu é uma péssima ideia de sua parte.

Sua testa franze, seus olhos escurecendo ainda mais.

— É isso que você acha? Que comi você para tentar te impedir de lutar comigo?

O tom incrédulo em sua pergunta aperta minha garganta, mas forço uma resposta de qualquer maneira.

— É bem o que parece.

Ele se aproxima ainda mais, até que estejamos compartilhando

o mesmo espaço e oxigênio.

— Eu *comi* você porque não consigo te tirar da cabeça. Eu *comi* você porque, mesmo *depois* de te comer, não consigo tirar você da minha cabeça. Embora precise me concentrar. Embora precisasse fazer meu maldito trabalho, só conseguia pensar em como estava linda pra caralho com meu pau enterrado dentro de você.

Minha respiração fica presa na garganta, quaisquer palavras que eu pretendia atirar nele com fúria de repente se recusando a sair de meus lábios.

Não é romântico. Não é uma declaração de amor, ou mesmo de que ele dê a mínima para mim ou para o fato de que está me mantendo *trancada* aqui como se eu fosse uma maldita criminosa. É uma declaração sobre desejo — de pura necessidade animal. Mas é o suficiente para acender outro fogo em mim, que se mistura com a raiva que já queima em minhas veias e ameaça queimar minha alma.

Algo neste homem rompe o exterior rígido que fui forçada a criar para começar uma vida nova em uma profissão muito difícil para mulheres. Lutei por tanto tempo para esconder meus desejos, minhas necessidades. Para empurrá-los para baixo e apenas ceder a eles em segredo, quando não desse mais para aguentar. Mas, perto de Reaper, eles ganham vida e logo ficam fora de controle.

Prometi a mim mesma que não faria isso, que não o deixaria chegar perto o suficiente para me tocar, que o afastaria se chegasse a esse ponto de novo, mas quando seus lábios descem nos meus, não questiono.

Mesmo que eu quisesse, não consigo...

Em vez disso, gemo em sua boca e emito um gemido baixo e carente que me daria vergonha em qualquer outra circunstância.

Seu pau duro roça na minha mão presa entre nós, e eu mudo meu braço o melhor que posso para esfregá-lo. Ele solta meu pulso para poder abaixar minha calça enquanto abro a dele e o libero.

Ele me levanta com facilidade, e eu envolvo sua cintura com as pernas para que ele consiga me penetrar com força, me batendo na parede e destruindo qualquer esperança que já tive de sair disso com meu coração intacto.

CAPÍTULO 13

Viktoria

Tudo o que aconteceu nos últimos dez minutos se transforma em uma nuvem de felicidade. Mas quando volto da euforia do orgasmo, a realidade me atinge forte e fria, apesar do corpo quente do Reaper ainda estar pressionando o meu contra a parede.

Droga.

Quero ficar furiosa com ele. Pelo que acabou de acontecer. Por *tudo* que aconteceu desde que ele entrou na minha vida. Mas não seria justo. Também sou culpada pela situação em que me encontro — com seu pau ainda duro enterrado dentro de mim, meu peito arfando e o coração doendo.

Isso não deveria ter acontecido... de novo, e eu poderia ter parado a qualquer momento. Mas nem tentei porque, por mais que o odeie, também *precisava* disso. Eu precisava *dele* para me liberar do estresse, da aflição e da dor dos últimos dias, mesmo que ele tenha sido a principal causa de tudo. Preciso que ele me lembre que estou *viva*.

Algo sobre a tensão que sempre surge entre nós faz parecer que somos dois produtos químicos cáusticos que entram em combustão quando são misturados. É violento, brutal e doloroso, mas também brilhante e viciante, como assistir a um trem disparando em direção a um carro parado nos trilhos, e saber que não há como impedir, mas não ser capaz de desviar o olhar.

Não consigo desviar o olhar de Reaper. Não posso desistir do jeito que me faz sentir com seu corpo contra o meu, dentro de mim e me envolvendo. Mas pensar que ele pode ter saído por aí nas últimas horas e feito algo pelo qual eu deveria prendê-lo, e mesmo quando acabei de fazer isso com ele, não me deixa segurar a pergunta que volta à minha cabeça.

De novo e de novo e de novo...

E eu não posso só deixar passar.

Engulo, apesar da garganta seca, e viro a cabeça até que meus

lábios rocem em sua orelha, onde sua cabeça ainda está enterrada em meu pescoço.

— Onde você estava?

Todo o seu corpo fica rígido e, devagar, ele puxa a cabeça para trás até que seus olhos duros encontrem os meus. Levanta a mão da minha costela e captura meu rosto em sua palma áspera, roçando o polegar em minha bochecha.

— Meu pau ainda está dentro de você e está perguntando onde eu estava?

Merda.

A última coisa que eu esperava era ouvir mágoa em suas palavras. Raiva... sim. Reaper parece abrigar muito dela. Mas o fato de que a pergunta pode mesmo colocar uma rachadura na armadura que ele usa tão diligentemente nunca me passou pela cabeça. Não depois que foi embora e me trancou de novo neste quarto, hoje cedo.

Uma rejeição tão fácil do que aconteceu entre nós me deixou nervosa e amarga. Ainda assim, nunca imaginei que o afetasse de *qualquer* forma. Ele com certeza nunca demonstrou isso antes, apenas agiu como se não significasse nada além de um jeito de gozar quando precisava. Nunca pretendi machucá-lo, embora ele tenha *me* machucado desaparecendo.

Por que não consegui manter a boca fechada por um maldito minuto? Desfrutar de alguns momentos de paz e me deleitar com o brilho de um sexo muito gostoso?

Olho para baixo, evitando seu olhar penetrante, e meu foco vai direto para suas botas... e as manchas escuras salpicadas nelas. É um lembrete gritante de por que fiz a pergunta, em primeiro lugar. Porque sei o suficiente sobre Reaper para saber que ele não estava passeando, apreciando a paisagem e as pessoas de Nova York enquanto eu estava trancada aqui.

Minha determinação volta, levanto a cabeça e encontro seu olhar.

— Sim, quero saber onde você estava e como sujou as botas de sangue.

Um rosnado baixo ressoa em seu peito e vibra através do meu, direto para o meu coração. O calor arde em seus olhos azuis, muito diferente do que havia ali antes. Este calor nasceu da fúria.

Por eu perguntar ou por causa do que ele fez?

Ele se move um pouco, o pau ainda enterrado dentro de mim, e eu o aperto por instinto e emito um gemido baixo.

Sua mão aperta meu rosto, me puxando para mais perto dele.

— Apenas passei algumas horas de qualidade com um dos homens de Yankovich para obter as informações de que precisamos, e mesmo enquanto estava lá, fazendo coisas que te dariam nojo, *mesmo*

assim, não conseguia tirar você da porra da minha cabeça.

Não conseguia tirar você da porra da minha cabeça...

Ele está tentando me distrair. Fazer com que eu me concentre nessas palavras e no que elas podem significar, em vez da outra parte da explicação, a parte me leva a uma pergunta muito importante.

— Um dos homens de Yankovich? O que você descobriu?

Reaper me observa por um momento, procurando em meu rosto algo que pelo visto não encontra, porque solta um suspiro pesado e move a mão do meu rosto para a parede atrás de mim.

— O leilão vai acontecer no final do mês. E agora tenho uma boa ideia de onde as garotas estão.

Minha respiração fica presa na garganta. É exatamente o que procuramos, o que precisamos para finalizar nossos planos e tomar uma atitude. Podemos enfim libertar essas mulheres inocentes, mas o comentário que Reaper fez antes ainda permanece na vanguarda do meu cérebro, com o auxílio visual do respingo em suas botas.

Algumas horas de qualidade...

Olho para sua mão contra a parede e, embora não haja sangue nela, isso não significa nada no que diz respeito a este homem. Ele sabe como se limpar, como fazer uma ação suja e não deixar nada que indique sua responsabilidade. Tenho certeza de que as roupas e botas vão acabar em algum incinerador nas entranhas deste prédio assim que ele tirar o pau de dentro de mim.

— Você... — Engulo em seco e me forço a manter seu olhar, mesmo que faça meu coração bater violentamente contra a caixa torácica. — Matou ele?

A raiva retorna, ganhando vida, escurecendo seus olhos e enrijecendo seus ombros.

— E daí se matei? Ele era um pedaço de merda que teve o que merecia. Isso é tudo que você precisa saber. Tudo o que *eu* precisava saber antes de resolver o problema.

Resolver o problema.

— Você está admitindo para uma policial que acabou de matar alguém?

Um sorriso frio curva seus lábios.

— Não estou admitindo nada. Pode tirar suas próprias conclusões, mas o que você vai fazer? — Uma de suas sobrancelhas escuras se ergue. — Me prender?

Eu faria isso? Eu poderia mesmo denunciá-lo por matar algum laçao de merda de Yankovich que está envolvido em uma quadrilha de tráfico humano e, provável, coisa ainda pior?

Por um breve momento, considero dizer não, mas então todo o motivo pelo qual me tornei uma policial surge no meu cérebro, alterando a resposta, que sai com mais força do que pretendia, incapaz

de conter minha incredulidade.

— Sim, Reaper, prenderia. — Apertando com mais firmeza em sua camisa, puxo o tecido para enfatizar meu ponto. — Quem *te* fez juiz, júri e carrasco? O que *te* dá o direito de decidir quem é culpado de quê, qual deve ser a penitência e, em seguida, executar a sentença final?

Reaper se inclina lentamente, e a calma absoluta que domina seu rosto envia um arrepio pela minha pele, me fazendo tremer. O movimento apenas move seu pau ainda enterrado em mim bem mais fundo, e eu reprimo um gemido, em vez de admitir como isso está gostoso enquanto estamos discutindo.

Seus lábios roçam os meus, apenas um pouco, o suficiente para me deixar querendo mais, mas sem oferecer.

— *Eu fiz, Vik. E sou mais do que qualificado.* Passei toda a minha vida adulta caçando as ameaças a este país e a pessoas inocentes na porra do mundo inteiro. Eu reconheço o mal quando o vejo. Sinto o *cheiro* vindo deles enquanto os observo, escondido. Chego a sentir no meu *âmago* quando olho em seus olhos. Esses homens merecem pagar o preço mais alto pelo que fizeram. E se o cara lá em cima tiver algum problema com o que estou fazendo em minha vida, Ele Mesmo pode me dizer quando eu finalmente for para os portões dourados... ou, se eu for parar nos nove círculos do inferno, saberei a resposta.

Ele traz a mão de volta para o meu rosto e aperta minha mandíbula.

— Até lá, Vik, vou continuar fazendo o que puder para tornar este mundo um lugar mais seguro. Se quiser me impedir, claro que pode tentar, mas não irá muito longe, nem terá muito sucesso. Acho que acabei de provar isso.

Para enfatizar o argumento, ele me penetra com força, empurrando seu pau o mais fundo possível e roubando por completo meu fôlego ou qualquer resposta que eu tenha.

Em vez disso, um pequeno suspiro sai de meus lábios, e eu luto contra a vontade de implorar para ele ir logo. Se mexer. Para me foder com força de novo.

Não ceda, Vik. Não deixe que ele assuma esse controle.

Eu me forço a abrir os olhos e encarar seu olhar ardente.

— Entregar você ou te impedir exigiria que eu saísse daqui, e você não parece inclinado a deixar isso acontecer tão cedo.

Seus lábios se contorcem enquanto ele luta contra um sorriso.

— Não, não estou tão inclinado.

— Mas você sabe onde estão as garotas. Me deixa ajudá-lo a planejar uma maneira de recuperá-las com segurança.

Ele balança a cabeça, inclinando-se novamente até que seu

hálito quente sobre contra meus lábios.

— Tenho toda a ajuda de que preciso. O que eu preciso que você faça é ficar aqui e segura.

— Hank vai procurar por mim.

— Já falei com Hank.

— O quê?

— Falei com ele.

Qualquer esperança que eu tinha de um resgate se desvanece com essa revelação.

— Então ninguém vem atrás de mim...

— É o que parece.

— E você só vai me manter trancada aqui.

Ele aperta minha mandíbula com mais firmeza.

— Eu vou fazer o que for preciso para garantir que você continue viva e longe de problemas.

— Você não acha que é um pouco tarde para isso?

Não sei se estou me referindo ao que já aconteceu com Yankovich e seus homens, ou ao que aconteceu há algumas horas entre Reaper e eu, o que está acontecendo entre nós *agora mesmo*.

De qualquer maneira, parece que a resposta dele é a mesma.

— Com certeza, é.



Reaper

Rosno as palavras para Vik como um cão raivoso prestes a morder, mal contendo o desejo de enfurecê-la ainda mais, mas não me importo o quão ameaçador eu possa parecer ou soar agora. É necessário. Sua boceta aperta em volta do meu pau, quase implorando por mais, e a mulher ainda *nem assim* consegue parar de discutir comigo.

Ela simplesmente não está entendendo.

Viktoria não consegue entender o quão ruim essa situação é para nós dois, mas em especial para ela.

— Você tem sido nada além de *problema* desde o momento em que te conheci, Vik. Primeiro, deixando seu parceiro arrastar você ao B66 sem que o departamento soubesse ou qualquer segurança, um lugar que você sabia que havia a possibilidade de ser reconhecida. Então vocês dois tentaram me prender, pensando que conseguiriam arrancar algo de mim, e perderam tempo que poderiam ter usado investigando os verdadeiros criminosos. *Depois disso*, você tinha que seguir Hank e levar um *tiro*. Além do mais, você não ficou no motoclube onde Celeste e os Knights poderiam cuidar de você, e, em

vez disso, foi pra casa onde teria sangrado até morrer se eu não estivesse lá. Um apartamento tão fácil de invadir que era uma *piada* de merda você achar que estaria segura lá. E aí você fez a coisa mais estúpida que poderia ter feito. Me deixou te *beijar*.

Meu pau se contrai dentro dela com a memória da primeira vez em que a experimentei, aquela primeira pressão dos meus lábios nos dela. Eu capturo seu rosto entre as palmas das duas mãos e inclino seu rosto para cima, para garantir que esteja prestando cem por cento de atenção em quão *boba* ela tem sido.

— E não vamos esquecer que você foi *sequestrada*.

Ela arregala um pouco os olhos.

— *Por você!*

— Mais uma vez, de nada por isso. Mas, mesmo sequestrada, mesmo sabendo que sua vida está em perigo e *por que* eu a peguei, parece que você não consegue ficar longe de problemas.

Ao contrário, ela corre direto na direção do problema e lida com as ramificações somente depois. Mas é hora de forçá-la a de fato pensar sobre o que está fazendo, o que estamos fazendo e o significado disso seu futuro.

Sua boca se abre e um suspiro escapa daqueles lábios que quero tanto beijar.

— Foi *você* quem *me* beijou.

Verdade...

Mas não vou assumir toda a responsabilidade por isso.

— Você poderia ter dito *não*. Você *deveria* ter dito *não*... porque eu sou um problema, Viktoria. Você já sabe disso. Sabe disso desde o momento em que me viu naquele bar. E, no entanto, olhe onde estamos... de novo.

Inclino meus quadris para trás e mergulho nela mais uma vez, apenas para enfatizar. Mesmo que tenhamos trepado há apenas cinco minutos e eu ainda não tenha tirado meu pau de sua boceta quente, não estou satisfeito. Não sei nem se isso é possível.

Ela geme, jogando a cabeça para trás, e aperta as mãos na minha camisa, agarrando-se a mim.

— *Acabamos* de transar, Vik, ainda estou *dentro* de você e estamos discutindo sobre o que acabei de fazer com um dos homens de Yankovich e se você vai ou não me entregar pra maldita polícia. — Balanço a cabeça. — Isso não é nada saudável ou normal, Viktoria. Eu não sou saudável ou normal. Eu sou fodido e volátil, e *destruiria* você.

É o único aviso que posso dar a ela. A única maneira de tentar fazê-la entender o que está fazendo consigo mesma por ficar comigo. Se eu contasse a ela o resultado disso em mim, que me deixa fraco ter um ponto cego no que tange a ela quando preciso me manter focado em minha missão, isso só confundiria ainda mais as coisas. Essa

conversa precisa ser sobre *ela*, sobre como é errado para *ela* e que dizimará seu futuro.

Seus olhos vidrados encontram os meus.

— Talvez eu queira ser destruída.

— Porra. — Luto contra o desejo de trepar até ela ficar em silêncio, impedindo meus quadris de recuar e meter nela implacavelmente, até que ela não consiga respirar, muito menos falar. — Não diga essas merdas para mim, Viktoria. Você acha que sabe do que sou capaz, mas não consegue nem imaginar o que fiz no passado. Você precisa ficar o mais longe possível de mim.

Fugir...

Engulo a estranha emoção obstruindo minha garganta.

— Sou perigoso. Para você. Para sua carreira. Porque eu não vou parar. Não vou parar de matar esses babacas que merecem. Não vou parar de fazer o que posso, para proteger as pessoas que precisam. Não vou colocar você na posição de ter que escolher entre seus princípios e eu. Eu nunca me perdoaria se você me escolhesse em vez de tudo pelo que trabalhou a vida inteira. — Balanço a cabeça e fecho bem os olhos. — Eu não valho nada disso, Vik. Nem chego perto.

Um silêncio paira entre nós, tenso com o peso de tudo o que acabei de confessar a ela. Então sua mão macia e quente solta minha camisa e encosta na minha bochecha, e ela força meu rosto para cima. Abro os olhos e encontro os dela brilhando com lágrimas não derramadas, e começo a me afastar dela, da parede, a colocar alguma distância entre nós. Mas ela estende a mão e se agarra à minha nuca com as duas, fechando as pernas com mais força em volta de mim, mantendo-me enterrado dentro dela.

— Não deveria ser eu quem decide o quanto você vale? Não é *minha* vida e, portanto, decisão minha?

Ela rebola e aperta meu pau com força em seu calor úmido. Cerro os dentes contra o desejo muito real de entrar nela com força mais uma vez, de dar um jeito de mostrar a ela o quão perigoso eu posso ser de verdade. O quanto posso machucá-la.

Seus lábios macios roçam minha bochecha.

— O que eu quero não importa? Como me sinto não importa?

— Porra. Claro que sim. Estou tentando evitar que jogue toda a sua vida fora. Por que não vê isso?

Ela puxa uma mão do meu pescoço e a coloca sobre meu coração.

— O que vejo é um homem que ficou marcado pelo que teve que fazer na vida. Um homem que tem uma visão tão manchada do mundo e das pessoas que não consegue mais ver o bem. Mas também vejo um homem que nunca me machucaria.

Meu peito aperta, de repente, fica mais difícil inspirar o ar.

Balanço a cabeça.

— Não tenha tanta certeza disso, Viktoria.

— Tenho certeza, *sim*. E talvez não haja um futuro para nós. Talvez, quando tudo isso acabar, você desapareça e eu volte a ser uma policial com peso na consciência. Mas a decisão é *minha*, não sua. — Ela encosta a testa na minha. — Eu escolho o que é bom para mim e o que não é. E, neste momento, escolho você. Pode ser diferente amanhã, pode ser diferente depois de amanhã, mas a escolha é minha e somente minha. Então, por favor, Reaper... me come.

— Pelo amor de Deus, Viktoria. — Afasto o rosto e levanto seu queixo, limpando uma única lágrima perdida em sua bochecha com o polegar. — Você não sabe o que está pedindo.

— Sim. — Ela balança a cabeça devagar, o lábio inferior tremendo. — Sim, eu sei.

Está me pedindo para acabar com ela. Para destruir tudo o que ela defende neste mundo para termos alguns minutos de conforto e felicidade nos braços um do outro. Ela está me pedindo para fazer isso, sabendo que não podemos ter um futuro, sabendo que, quando isso acabar, irei embora e nunca mais olharei para trás.

Mesmo com tudo isso garantido, ela ainda se inclina para frente e pressiona os lábios nos meus devagar, hesitando, quase como se achasse que eu fosse me afastar e correr.

Mas não tenho forças para fazer isso. Nem um pouco, caralho.

CAPÍTULO 14

Reaper

O consistente e suave subir e descer do peito de Viktoria me assegura que está dormindo, mas ainda espero alguns minutos, observando-a, apenas para ter certeza antes de puxar o braço com gentileza debaixo dela, sair da cama, vestir o jeans correndo e sair do quarto.

Fecho a porta sem fazer barulho, mas não me preocupo em trancá-la desta vez. Não vou a lugar nenhum hoje. Muito difícil fazer o que preciso em plena luz do dia. Além disso, não acho que Viktoria cometeria o erro de tentar escapar de novo.

Não depois do que aconteceu da última vez em que tentou algo tão estúpido.

Esfregando o rosto com as mãos, tento apagar a imagem de como ela olhou para mim enquanto eu a prendia contra a parede, e também esparramada na cama, e de quatro sobre ela. Não funciona. Estão gravadas em minhas retinas e mente para sempre. Forço meus olhos a se abrirem e encaro a pintura lascada na porta.

O que diabos estamos fazendo?

Eu nem sei. Parte de mim grita para voltar lá, subir na cama com ela de novo e transar com ela tantas vezes quanto possível antes que eu tenha que dar o próximo passo em minha missão. Mas a maior parte de mim está me dizendo para trancar a porta e mantê-la trancada desta vez. Porque se ela estiver lá dentro e eu aqui fora, *aquilo* não vai acontecer de novo. E quanto mais *aquilo* acontecer, mais difícil será ir embora quando tudo acabar. Mais difícil ainda será não me preocupar com o que isso pode fazer com a carreira dela quando, por fim, tivermos que puxar o gatilho nesses caras.

Mas não posso me preocupar com isso agora. Preciso entrar em contato com Hank, contar a ele o que consegui com o cara de Yankovich e tentar descobrir quando Chaos e Mouth chegarão aqui.

Primeiro, preciso de um cigarro.

Atravesso até o outro lado do loft, destranco e empurro a velha

janela, e passo por ela para o meu lugar habitual, onde vim parar mais vezes do que posso contar desde que conheci Vik e seu parceiro intrometido. A escada de incêndio é o único lugar do apartamento todo em que não consigo sentir o cheiro dela, em cada respiração não está cheia daquele perfume suave e floral que me faz sentir o gosto dela na língua.

Nem o mais forte trago do cigarro e prender a fumaça em meus pulmões conseguem apagar o gosto.

Por que eu tento?

Em vez de contemplar essa questão, pego o celular e ligo para Grayson. Quanto mais cedo o atualizar sobre o que descobri, mais rápido posso me concentrar em encontrar o local exato e criar um plano de ataque que traga essas mulheres vivas para suas famílias.

O determinado detetive atende no terceiro toque.

— *Dixon? A Vik está bem?*

Os gritos dela de mais cedo encham meus ouvidos de novo, e cerro a mandíbula, mas consigo articular uma resposta entre os dentes.

— Hank. Consegui algo. Sei onde as garotas podem estar.

— *Me conta. Onde?*

— Um armazém em Newark, parece ser em algum lugar perto das docas de Nova Jersey. Não tenho o endereço, mas isso já facilita pra caralho a busca.

— *Faz sentido. Ainda é uma região bastante grande, no entanto. A orla fica ao lado do aeroporto. E também tem os terminais de contêineres Port Newark e Redhook ali. Fácil acesso para mover as meninas após o leilão. Quer que eu peça pros Satan's Knights reconhecerem a área?*

— Não. Tenho alguns amigos vindo ajudar. Vamos fazer isso. Sem ofensa aos seus amigos nas motocicletas, mas eles não são o grupo mais discreto.

Hank resmunga enquanto eu dou outra tragada no cigarro e sopro a fumaça no ar.

— Não deve ser difícil para encontrar o armazém certo bem rápido. O leilão vai ser no final do mês, então temos tempo para determinar o local exato, obter todas as plantas que conseguirmos do prédio e planejar antes de entrarmos.

— *Você tem certeza sobre o leilão ser no final do mês?*

— Por quê?

— *Bem, consegui fazer Anastasia cooperar. Mas não posso levar todo o crédito. Acho que Parrish deu um puta susto nela. A mulher não quer que os filhos tenham que reviver a merda que testemunharam quando Parrish e os Knights mataram o pai, então, em troca de proteção, ela está falando. Me disse que Michail mencionou um baile de gala beneficente, mas ela não acreditou. E, depois de fazer algumas pesquisas por conta*

própria, nem eu.

Um baile de gala beneficente?

Parece um pouco estranho para alguém como Yankovich, mas pelo visto Hank sabe mais alguma coisa.

— Explique.

— *Bem, quando ele mencionou esta festa pela primeira vez, ela ficou desconfiada, porque ele nunca se comprometeu com uma instituição de caridade específica. Só faz doações para fins fiscais. Agora, de repente, ele está preparando um baile? Eu verifiquei as finanças dele, e ela está certa. Também examinei cada instituição de caridade específica para a qual ele doou, e nenhuma tem uma festa de gala na programação. Já participei de algumas dessas arrecadações de fundos para a Associação Beneficente de Sargentos e posso dizer, eles não apenas fazem uma baita propaganda, como também cobram por prato. Ela também disse que Michail reforçou a própria segurança. Ele pegou os dois guardas que cuidavam dela e das crianças e os colocou para ele mesmo.*

— Então você acha que o baile é fachada para o leilão?

— *Poderia ser. Também pode ser uma porra de emboscada. Ana ouviu ele e Kosofik conversando sobre mim e os Knights. Foi assim que soube quem eu era quando a abordei. Se acha que estamos atrás dele, pode estar organizando esta festa para coincidir com o leilão. Manda Kosofik para o armazém em Newark enquanto bebe e janta com a elite no B66. Isso dá a ele um alibi e eu não prendo ninguém. A venda acontece e ele se livra.*

— Droga.

— *Sim, é por isso que estou perguntando se você tem certeza de que este leilão está marcado para o final do mês, porque Anastasia me ligou ontem à noite do celular descartável que dei a ela e disse que a festa é em quatro dias.*

— Se sua teoria estiver correta, então precisamos estar prontos para atacar.

— *Precisamos saber o local.*

— Vou descobrir.

— *Você tem...?*

— Eu disse que vou descobrir.

— *Bom.* — Hank faz uma pausa breve. — *Você compartilha alguma coisa com Vik?*

— Ela sabe o que precisa saber.

— *Ah, é, e tá funcionando?*

Eu belisco a ponte do nariz e balanço a cabeça.

— Ela quer participar, mas eu disse que de jeito nenhum vou deixá-la chegar perto deste ataque.

Ele ri.

— *Aposto que acabou bem.*

— Claro que não. Mas não vou deixá-la arruinar a carreira para ajudar com isso. Você já estava de conluio com os Satan's Knights. Tenha sido uma escolha boa ou ruim, você mesmo a fez. Vik foi meio que arrastada esperando pra essa história. Você sabe que isso não combina com ela, mesmo que a razão por trás seja válida.

Ele suspira, o som tão carregado de frustração quanto a que estou sentindo.

— *Sim, eu sei. Se conseguir mantê-la longe, faça isso. Você tem razão. Quando tudo vier à tona, vou ter que lidar com uma grande confusão no departamento, e prefiro aguentar essa pressão do que deixá-la fazer isso.*

Pelo menos estamos de acordo.

Proteger Vik é tão importante neste momento quanto encontrar as mulheres mantidas pelos russos. E eu me odeio por isso.

Como pude deixar uma mulher me afetar assim?

É uma fraqueza a que nunca pude me dar ao luxo, e consegui evitar por uma década. No entanto, fiz um favor a um velho amigo e de, alguma forma, estou afogando em sentimentos indesejados que apenas complicam o trabalho que vim fazer aqui. Um trabalho que se torna muito mais difícil quando o faço sozinho, mantendo o olho na pistola carregada que está trancada naquele quarto.

— Meus amigos devem chegar dentro de um ou dois dias, vou começar sem eles. Teremos a localização precisa o mais rápido possível, e os manterei atualizados.

— *Parece bom. Se eu conseguir mais informações sobre o baile de gala, entro em contato.*

Termino a ligação e imediatamente envio uma mensagem de texto para Mouth.

Eu: ETA?

Mouth: Amanhã em algum momento. Chaos?

Eu: Ligando para ele agora para confirmar, mas deve ser mais ou menos o mesmo.

Por mim eles chegavam pra ontem.

Talvez com os garotos por perto, isso forneça a distração que preciso para manter minhas mãos e meu pau longe de Viktoria.

Ligo para Chaos e espero enquanto toca, dando várias tragadas longas no cigarro antes que ele por fim atenda.

— *Sim.*

— *ETA?*

— *Só falta encerrar algumas coisas. Amanhã, depois de amanhã*

no máximo.

— Bom. Preciso de reforços.

Ele ri.

— *Com o verme ou com a garota?*

— Merda. — Balanço a cabeça e a jogo para trás para olhar as nuvens que passam devagar no céu azul. — Essa garota, cara... você vai ver do que estou falando quando chegar aqui.

Ele dá uma gargalhada — onde quer que esteja, é óbvio que não está preocupado em fazer barulho.

— *Se fez você ficar perturbado assim, ela deve ser especial.*

— Ah, ela é bem especial, sim. Uma porra de pedra bem grande no meu sapato.

— *Se fosse verdade, você não estaria tão preocupado e confuso.*

— Nada com que se preocupar, desde que eu possa mantê-la longe de problemas.

— *Parece ameaçador. Mal posso esperar para saber o que tá acontecendo. Até breve, irmão.*

Ele encerra a ligação, coloco o celular no degrau ao meu lado e termino o cigarro, tentando relaxar o máximo possível e aproveitar a último trago de um tempo, já que preciso começar o reconhecimento.

Assim que escurecer, irei para a área ao redor das docas e verei se consigo restringir e excluir os armazéns até que os caras cheguem aqui.

O que significa voltar a trancar aquela porta pela qual acabei de sair.

Meu estômago revira com a ideia de fazer isso com ela, mas é a coisa certa a se fazer. A única maneira de mantê-la segura, pelo menos das coisas do lado de fora que poderiam machucá-la.

Quando se trata de mim, parece que a porta e a fechadura não são suficientes.



Viktoría

Uma porra de pedra bem grande no meu sapato...

As palavras de Reaper ecoam em minha cabeça, embora ele tenha encerrado a ligação alguns minutos atrás, e só continuo apertando os punhos de raiva, colada na parede ao lado da janela aberta que leva à escada de incêndio.

Não é que eu esteja surpresa em ouvir que Reaper se sente assim — afinal, ele em suma disse o mesmo na minha cara — mas a pessoa com quem está falando não me conhece, não sabe a situação em que estamos. Só peguei o final da conversa, mas está claro que a

opinião deles sobre mim será formada apenas com base nas declarações nada lisonjeiras que Reaper acabou de fazer.

Como se já não bastasse ele estar planeando me manter longe do resgate das garotas, agora seus amigos vão pensar que é porque eu sou uma idiota que não consegue cuidar de si mesma ou se proteger.

O fato de que Reaper teve tanta facilidade de me tirar da rua e me manter trancada aqui não me ajuda a provar o contrário.

Mas, aquilo foi *antes*, e isso é *agora*.

Estou mais forte de corpo e mente. Mais determinada a ajudar aquelas garotas e provar meu valor para Reaper. Pronta para enfrentar as consequências que venham de quaisquer ações que eu tenha que tomar.

E, embora eu possa ter estado em dúvida sobre isso não muito tempo atrás — em dúvida entre delatar os caras para o departamento antes que alguém se machuque, ou me juntar a eles na missão — estou cem por cento convencida agora sobre o que tenho que fazer.

É a única coisa que posso fazer.

Reaper pensa que está me mantendo longe do perigo me trancando naquele maldito quarto, mas tudo o que ele conseguiu foi cutucar a onça com vara curta. Ele me deixou mais empenhada do que nunca em provar do que sou capaz e usar minhas habilidades para ajudar aquelas garotas.

Eu me forcei a abrir as mãos para evitar que minhas palmas sangrem, e o som do Reaper saindo da velha escada de incêndio de metal me deixa imóvel.

Se eu quisesse mesmo, provavelmente poderia voltar para o quarto e fingir que estava dormindo antes que ele percebesse que saí e o ouvi, mas não quero fazer esses joguinhos. A única maneira de chegar a algum lugar com o Reaper é enfrentá-lo de frente e provar que não vou desistir só porque ele dá um *show* de ser assustador e machista.

Ele não me assusta. Na verdade, fico triste pelo homem que consigo ver escondido atrás da superfície cicatrizada. Ele prefere ser chamado de Reaper do que usar o nome que seus pais lhe deram. Prefere ser um monstro, alguém a ser temido e contra quem manter vigia, do que ser humano e tudo o que vem com isso.

Passos rangem no metal do lado de fora da janela, ele entra e no mesmo instante se vira para mim.

— Não vai tentar me acertar dessa vez?

Seu olhar se lança para as mãos ao meu lado.

Cruzo os braços sobre o peito e endireito os ombros.

— Não. Cansei de lutar fisicamente com você porque essa é uma batalha que não vou vencer. Vou partir para uma guerra de lógica.

Uma de suas sobranceiras escuras se ergue devagar.

— Lógica?

Assentindo, dou um passo em sua direção.

— Sim, lógica. Você pode querer me manter trancada lá dentro. — Aceno de qualquer jeito com a mão através da sala, em direção à porta aberta. — Mas você *precisa* de mim naquele armazém quando invadi-lo. Precisa de tantos atiradores habilidosos quanto possível. E precisa de uma mulher que possa conversar com as meninas e garantir que elas entendam que estão seguras. Acha mesmo que elas vão confiar em um bando de caras usando roupas pretas ou com coletes dos Satan's Knights depois de assistirem vocês massacrarem os carcereiros delas?

Seus lábios torcem de leve, mas ele não responde, apenas cruza os braços sobre o peito nu, enfatizando os músculos duros e esbeltos e as cicatrizes pontilhadas na pele um pouco bronzeada.

— Você *precisa* de mim lá, Reaper. Quer você queira admitir ou não. E me manter trancada aqui não vai te impedir de se preocupar ou pensar em mim, ou qualquer outra desculpa esfarrapada que você inventar para justificar.

Seus olhos azuis ficam quase pretos, sua mandíbula cerrada contraí.

Merda.

Eu não pretendia ser tão franca assim, e posso ter falado um pouco demais da verdade para ele lidar agora — ou talvez nunca. Algo me diz que Reaper não é um homem que gosta de ser forçado a enfrentar qualquer coisa que envolva “sentimentos”, ou a ter sua autoridade questionada.

E com certeza estou fazendo isso agora.

Talvez em meu próprio prejuízo. Reaper poderia literalmente me jogar por cima do ombro — de novo —, me jogar de volta naquele quarto e trancá-lo sem olhar para trás.

Ele mais do que *poderia*, na verdade. Ele provavelmente *vai*.

Mas, em vez de dar uma de homem das cavernas comigo, Reaper respira fundo e solta o ar devagar, como se estivesse tentando se controlar e conter o desejo de me atacar como fez antes.

Levanto uma sobranceira para ele, questionando e esperando que responda.

Por fim, ele balança a cabeça.

— Mesmo que eu concorde com sua avaliação, e isso é um grande *se*, você está esquecendo o fato de que é policial. Vai arruinar toda a sua carreira por *isso*?

Do que ele está falando? “Isso” é a gente ou meu envolvimento com todo esse caso?

De qualquer forma, minha resposta continua a mesma.

Encaro seu olhar duro, deixando o silêncio permanecer entre nós por alguns momentos mais do que eu faria em outras ocasiões, tentando encontrar qualquer dica que possa me dizer sobre o que ele estava falando. Mas, como sempre, Reaper permanece sigiloso, duro, sem revelar nada do que está acontecendo em sua cabeça. A rachadura momentânea no muro que construiu ao seu redor, aquela que vi antes, fechou como se nunca tivesse existido.

Mas, sei que existiu. Eu vi. Vi como ele surtou e perdeu o controle. Como nós dois perdemos.

— Vale a pena.

Isso é tudo que consigo pensar em dizer, porque quanto mais tempo passo com Reaper, quanto mais penso no que essas garotas devem estar vivendo, mais confiante fico de que essa é a atitude certa.

É claro que ver os culpados tendo que enfrentar um tribunal traria um certo senso de justiça, mas não acabaria com o que está acontecendo. Não com o tamanho da rede que Yankovich tem. Se não provarmos o quanto levamos a sério o fechamento dessa quadrilha de tráfico, se não derrarmos sangue, outra pessoa vai pegar no lugar dele.

Precisamos mandar um recado. Provar que estamos dispostos a fazer qualquer coisa para ver esses homens pagarem e proteger os inocentes.

Se isso significar que vou perder meu distintivo, que assim seja. Farei tudo ao meu alcance para mantê-lo, mas não vou me enganar acreditando que qualquer coisa que fizermos será de acordo com as regras, ou mesmo lícita.

— Estou pronta para enfrentar as consequências, Reaper. Estou pronta para fazer o que for preciso. — Aponto para a porta aberta do quarto. — Você me manteve naquele quarto por dias, e quer saber o que eu tenho pensado lá dentro?

Ele me observa com os olhos semicerrados, os braços ainda cruzados sobre o peito que, de alguma forma, parece maior agora do que nunca. O canto de sua boca se contrai, dando-me uma indicação clara do que ele *acha* em que estou pensando.

Cutuco seu peito duro com o dedo.

— Além de quão *brava* estou com você, estive pensando em como deve ser para aquelas mulheres estarem trancadas em algum lugar, sabendo o destino que as espera e o que terror será. Pelo menos aqui, sei que você não vai me machucar e que vou ser liberada daqui a pouco. Mas elas sabem que o oposto é verdadeiro para elas. E, por mais estressante que tenha sido para mim, não é nada em comparação com o que elas devem estar sentindo.

Meu estômago dói só de imaginar a dor e o terror que elas estão vivendo, e pressiono minha palma contra a pele quente dele.

Reaper congela sob meu toque, mas não faz nada para me afastar, mesmo quando meus dedos roçam uma cicatriz.

— Me deixa ajudar você a libertar essas mulheres. Tenho que fazer isso.

Com os lábios torcidos, Reaper me observa por um momento, procurando em meus olhos por medo ou arrependimento, por qualquer outra coisa que possa lhe dizer que estou questionando essa decisão, mas ele não vai encontrar porque não tenho dúvidas. Isto é o que *tem* que acontecer.

— Não discuta comigo, Roderick. Você sabe que posso ajudar.

Usar seu nome verdadeiro pode ser jogo sujo, em especial porque combino com minha mão sobre seu coração e chego ainda mais perto. Mas, enfim, depois do que parece uma eternidade, ele descruza os braços frente e estende a mão para segurar minha bochecha.

— Se eu deixar você fazer isso, se eu te deixar vir conosco, preciso que fique ao meu lado o tempo todo. Onde posso te ver. Onde posso *saber* que você está bem. Não vou correr nenhum risco com você. Se eu te disser para dar o fora, você dá o fora.

Abro a boca para discutir, mas ele balança a cabeça e aperta firme, usando a mão no meu rosto para me arrastar contra seu corpo rígido.

— Não discuta comigo, Vik. Isso não é algo sobre o qual mudarei de ideia. É a única maneira de isso acontecer, então ou você aceita meus termos ou volta pro quarto e continua brigando inutilmente comigo.

— Não quero brigar com você. — Trago minha outra mão para descansar sobre as batidas constantes de seu coração. — Porque sinto que lutar é tudo o que tenho feito durante toda a minha vida. Primeiro, contra o que a vizinhança esperava de mim. Depois, contra minha mãe, meu pai e Anya quando saí em busca de uma vida melhor. Depois, contra os homens da delegacia que achavam que eu não conseguiria fazer meu trabalho. Agora com você. Eu só quero parar de lutar.

— Não. — Ele balança a cabeça de novo e se inclina, roçando seus lábios nos meus. — Não pare de lutar. Apenas mude contra quem está lutando. Temos um inimigo em comum, Vik. Então, vamos acabar com ele juntos.

CAPÍTULO 15

Reaper

É estranho voltar e ver o quarto aberto. Mantê-lo fechado desde que trouxe Vik para cá me deu uma barreira muito necessária contra todo o tumulto que aquela mulher causa na minha missão e no meu corpo. O bombardeio ininterrupto de atrevimento e sensualidade dela me leva a querer, ao mesmo tempo, prendê-la contra a parede e trepar até ficar quieta de novo, ou trancar a porta de vez. Mas deixei aberta quando saí para fazer o reconhecimento dos armazéns na área ao redor das docas. Vik não vai a lugar nenhum. Não depois que concordei em permitir que ela ajudasse na missão.

Ouvindo suas palavras, vendo o quanto estar envolvida e ajudar aquelas garotas significa para ela, eu não poderia negar, por mais que signifique ter que ficar de olho nela enquanto os russos são dizimados. Mas isso não significa que eu também ia deixá-la vir comigo enquanto tentava encontrar nosso alvo. Ela mesma ainda tem um nas costas.

O fato de Vik não ter discutido quando disse que ela ficaria quase pareceu uma espécie de truque, como se estivesse jogando um jogo comigo. No entanto, por alguma razão, confio nela. Vik não vai interferir em nossos planos. Quaisquer reservas que tivesse sobre a missão foram apagadas pelo tempo que passou naquele quarto.

Não era meu plano, mas é um bom efeito colateral.

Porque ela está certa. Ter outro atirador treinado junto será inestimável. Contanto que ela fique bem atrás de mim e não fuja para bancar a heroína e acabe se machucando de novo.

Eu não conseguiria viver com isso — vê-la com dor e sangrando mais uma vez. Só de pensar, parece que minha caixa torácica aperta meus pulmões, impossibilitando a respiração.

O que quer que esteja acontecendo entre nós, está me afetando mais do que quero admitir, mais profundamente do que gostaria de explorar.

Só de saber que ela estaria aqui, esperando eu voltar, enviou

um calor estranho por todo o meu corpo enquanto me esgueirava de prédio em prédio, verificando se havia algum sinal da equipe de Yankovich.

É assim que os caras que têm mulheres esperando em casa se sentem?

Todos esses anos, só pensei em quanto machucaria alguém que me amava se eu partisse. Alguém sempre preocupada, se perguntando se eu estava bem. Não saber por dias, ou mesmo semanas seguidas se eu estava vivo e respirando. A devastação que causaria se eu não voltasse para casa.

Manter essas preocupações na vanguarda do meu cérebro tornou mais fácil me afastar de todas as mulheres com quem dormi. Tornou possível evitar que alguém se aproximasse. Mas nunca passou pela minha cabeça que as coisas boas talvez superem as ruins. Que ter alguém que se preocupa tanto com você pode lhe oferecer algo que não encontrará em nenhum outro lugar: uma razão para viver. E, de alguma forma, aquela mulher, aquela que destruiu meu mundo de dentro para fora, me fez questionar tudo.

Mas isso não me mantém longe. Sou atraído pelo som da água corrente no pequeno banheiro anexo à “prisão” que se tornou dela. Tiro as botas e atravesso o chão até o quarto, prestando atenção a qualquer sinal de que ela foi alertada sobre o meu retorno. Mas tudo o que ouço é a água corrente e um cantarolar baixo e melódico do fundo de sua garganta que vai direto para o meu pau.

Espero que Vik tenha dormido um pouco depois que saí, porque as coisas vão ficar muito mais agitadas e muito mais complicadas em breve. Nosso tempo juntos terminará assim que cuidarmos de Yankovich, e não vou perder um minuto dele. Esses momentos precisam durar uma vida inteira.

Enquanto tiro a roupa, só consigo pensar em entrar naquela cascata do chuveiro com ela, em como Vik estará linda com a água escorrendo pelos seios e descendo entre as coxas. Pego meu pau duro na mão, entro no pequeno cômodo cheio de vapor. A porta de vidro fosco me oferece a visão perfeita de todas as deliciosas curvas de Vik enquanto ela vira as costas para a água e inclina a cabeça sob a corrente.

Porra...

Meu pau dói para estar dentro dela de novo, e me masturbo devagar, observando-a enxaguar o cabelo enquanto cantarola sozinha, contente.

— Vai ficar aí se masturbando ou vai se juntar a mim? — a pergunta dela congela minha mão, e não consigo conter o sorriso que surge em meus lábios.

Que espertinha.

Mas tudo bem, vou foder com ela.

E aproveitar cada porra de segundo disso.

Abro a porta do chuveiro e encontro seus olhos verdes brilhantes, cheios de diversão. Ela sabe que o que acabou de dizer deve ter me irritado, e não se importa. Vik gosta de cutucar o urso.

Ela levanta uma sobrancelha para mim, a água batendo em suas costas, e o vapor subindo ao redor.

— Como foi?

Entro e balanço a cabeça.

— Bom. Mas não quero falar sobre isso agora.

Acabo com a distância entre nós e passo os braços em torno de seu corpo molhado, deixando minhas mãos deslizarem para baixo e apertarem a bunda dela.

Vik coloca os braços em volta do meu pescoço e puxa minha cabeça para baixo, colando a boca na minha.

— Ah, sim, o que você quer fazer?

Sua língua sonda meus lábios de brincadeira, esfrego meu pau contra sua barriga e aprecio o gemidinho de desejo que ela dá e que preenche o espaço apertado. Deixo cair minha mão entre suas pernas e sinto o calor escorregadio de sua boceta, tão molhada e pronta para mim.

Deslizar para dentro dela agora parece incrível, mas há algo mais que preciso fazer primeiro. Ela fecha a mão em volta do meu pau, e eu arrasto a boca para longe da dela e balanço a cabeça.

— Ainda não, Vik.

Antes que ela possa protestar demais, ajoelho no azulejo rachado do chuveiro e deslizo a língua onde meus dedos estavam.

Meu Deus.

Sua excitação reveste minha língua e quase me faz gozar de uma vez. Mesmo depois de foder Vik meia dúzia de vezes nos últimos dias, ainda estou dançando no limite de perder o controle como um adolescente atrapalhado na primeira vez que toca a boceta de uma mulher.

Mas não vou me envergonhar chegando lá antes dela. Determinado a fazê-la gozar forte e rápido, eu a lambo sem parar, saboreando seu gosto e guardando-o na memória.

Vik arqueja e agarra meus ombros para se manter firme, mas planejo devorar essa mulher tão bem que ela não será capaz de ficar de pé, então a empurro para trás até que seus ombros e bunda encostem na parede. Com o jato quente batendo nas minhas costas, abaixo a cabeça para prová-la de novo. Ela geme e crava as unhas em meus ombros, a pontada aguda de dor me fazendo gemer contra sua carne molhada e enfiar a língua enquanto deslizo meu polegar em seu clitóris.

Seus quadris empurram contra o meu rosto, se esfregando em mim, buscando exatamente o que estou tão desesperado para dar a ela.

Eu poderia comer essa mulher para sempre e nunca ficar satisfeito. Não me importo de sufocar assim. Pelo menos eu morreria feliz.

No entanto, ainda não é suficiente. Agarro suas coxas, a levanto para colocar suas pernas sobre meus ombros, abrindo sua boceta bem na frente do meu rosto, bem onde quero. Mas ela precisa de mais. Tiro a língua de dentro dela e a substituo pelos dedos, curvando-os para encontrar aquele ponto perfeito ali dentro enquanto giro a língua no clitóris, dando a ela a capacidade de rolar os quadris e estocar contra minha boca e mão.

Ela oferece um pequeno gemido de aprovação enquanto chupo seu clitóris entre os lábios e passo a língua nele. Uma de suas mãos sai do meu ombro e se enterra no meu cabelo, agarrando as mechas curtas, procurando algo em que se agarrar.

Eu rio contra sua boceta, a vibração deixando-a selvagem, os quadris buscando o clímax que está tão perto dela, tão perto de mim. Meu pau dói tanto que não consigo mais ignorar. Estendo a mão livre e o seguro, bombeando com força e rapidez enquanto devoro Vik como se fosse minha última refeição. Porque esta pode muito bem ser a última vez que faremos isso.

Assim que Chaos e Mouth chegarem aqui, as coisas vão avançar rápido, e não estou pronto para parar até que ela goze em todo o meu rosto e grite meu nome alto o suficiente para que o eco permaneça comigo para sempre.



Viktoria

Não sei o que deu em Reaper do nada, mas é aterrorizante e emocionante ao mesmo tempo. Uma vez ele me disse que sempre completa uma missão, e parece que a de agora é me levar à beira da insanidade sem me deixar gozar.

Ele ataca meu clitóris com a língua enquanto bombeia os dedos em mim, mas não é o suficiente. Não mesmo. Preciso dele dentro de mim. Eu preciso dessa sensação de completude, de estar inteira e preenchida que só seu pau pode me dar. Mas Reaper não parece inclinado a me oferecer isso. Apenas me torturar.

E, caramba, ele é bom nisso.

Apertando minhas coxas ao redor de sua cabeça, eu o puxo para mais perto, desesperada por mais fricção, mais força, mais tudo,

e, quando ele suga meu clitóris entre os lábios naquele ritmo pulsante, meu corpo detona como uma bomba atômica explodindo. Minha boceta apertada em torno de seus dedos, segurando e buscando o que quer de verdade. Seu gemido de aprovação contra a minha pele só faz meu orgasmo aumentar mais, e Reaper se recusa a me oferecer qualquer folga da implacabilidade de sua boca.

Seguro a parte de trás de sua cabeça, ao mesmo tempo querendo puxá-lo para mais perto e afastá-lo por causa da intensidade das sensações que inundam meu organismo. Cada músculo vibra, tendo espasmos de prazer e desejo, e algo mais que nunca senti antes.

Quando o orgasmo enfim diminui e eu relaxo contra os azulejos frios, Reaper olha para mim com um olhar pesado, cheio de promessas, os lábios brilhando com meu gozo. Ele passa a língua através deles, seus ombros contraindo e flexionando sob minha coxa enquanto se masturba.

Seus olhos azuis se fixam nos meus, a mandíbula contrai e ele goza com um gemido baixo, jorros quentes atingindo minha bunda que está pendurada contra o azulejo.

Porra. Por que isso é tão sexy?

Reaper ficou tão excitado de me chupar que gozou sem nem entrar em mim. Mas o olhar que está me dando agora sugere que estamos longe de terminar. Devagar, desliza minhas pernas de seus ombros, coloca meus pés no chão e me mantém equilibrada com um aperto forte nos quadris enquanto se levanta, respirando pesado.

— Jesus Cristo, Vik...

Nem sei como responder, mas não preciso porque ele captura minha boca em um beijo ardente e esfrega o pau ainda duro na minha barriga.

— Vira.

Não é um pedido. É uma ordem. E obedeço com as pernas trêmulas, coloco as mãos no azulejo e arqueio as costas, me oferecendo a ele.

Reaper agarra meu quadril firmemente com uma mão, alinha o pau com a outra e mete em mim, empurrando meu peito contra a parede enquanto a água quente ainda bate em suas costas.

Suspiro e pressiono a bochecha contra a superfície fria do azulejo, um contraste surpreendente ao calor de seu corpo em cima do meu e dentro de mim. Ele se inclina para frente e coloca as mãos sobre as minhas, entrelaçando nossos dedos enquanto me fode, atingindo o ponto exato para me fazer perder o controle mais uma vez.

Seus lábios deixam um rastro de beijos ardentes no meu pescoço e na bochecha, até que seu hálito quente vibre contra a minha orelha.

— Aconteça o que acontecer, sempre teremos isso.

Meu coração martela no peito, a corrente da água enchendo meus ouvidos enquanto seu pau continua metendo em mim como se não houvesse amanhã.

Talvez seja isso que suas palavras significam.

Ele sabe que esta pode ser nossa última vez juntos. A ideia faz com que lágrimas se formem em meus olhos, mas não quero que ele pare, muito menos agora. Agora que meu corpo formiga com a chegada de outro orgasmo. Agora que estou tão perto.

Uma de suas mãos se solta da minha, ele me segura pelo queixo e vira minha cabeça para eu encontrar seu olhar.

— Olhe pra mim quando gozar.

O rosnado baixo das palavras envia um solavanco direto para o meu clitóris, e quase como se lesse minha mente, solta meu queixo e desce a mão, me estimulando no ritmo agressivo de seu pau.

É exatamente o que eu preciso para chegar a outro orgasmo cataclísmico que me deixa ofegante e tremendo enquanto bombeia dentro de mim mais e mais fundo, e enfim, goza de novo, dentro de mim, sem tirar os olhos dos meus.

Eu caio contra ele, este pequeno chuveiro de repente parece grande demais, como se houvesse muito espaço entre nós, e ele passa os braços em volta de mim e enterra o rosto na curva do meu pescoço.

Deixa um beijo ali, e eu solto um pequeno suspiro satisfeito que é interrompido por aplausos fortes que enchem o banheiro. Nós dois viramos a cabeça em direção à porta de vidro embaçada, pela qual duas figuras enevoadas podem ser vistas com dificuldade.

— Uau. Que sexy. Muito bem, cara.

Reaper emite um rosnado baixo e se vira para colocar seu corpo entre mim e quem está lá fora.

— Dê o fora daqui, seu idiota.

Olho para ele.

— Quem é esse?

Ele suspira e fecha bem os olhos.

— Esse é o Chaos.

— Chaos?

De alguma forma, esse nome não parece um bom presságio para o que está por vir.

CAPÍTULO 16

Reaper

Eles estão perto de mim no segundo em que saio do quarto e fecho a porta, não dando a mínima para o fato de que estou de pé na frente deles totalmente nu.

Chaos gesticula para algo às minhas costas.

— Uau, cara, você não me disse que estava transando com ela, nem que era tão gostosa.

Eu o encaro enquanto vou para o outro quarto pegar algumas roupas, os dois me seguem de perto.

— Não precisa ser tão idiota.

— Desculpa, cara. — Ele levanta as mãos, embora não queira se desculpar de verdade, e ri. — Não acredito que você não ouviu minha moto lá fora quando estacionei, ou a porta da garagem, ou o elevador subindo.

Pego uma calça jeans da gaveta e a visto, depois faço o mesmo com uma camiseta.

— De repente, estou me arrependendo de ter dado a vocês as chaves deste lugar.

O esconderijo era para ser um lugar que todos pudéssemos usar quando necessário, não para virem me falar merda quando enfim consigo ficar com uma linda mulher depois de seis meses de celibato voluntário.

Chaos ri e se apoia no batente da porta enquanto Mouth observa logo atrás dele, um sorriso malicioso curvando os lábios.

Aponto para Mouth.

— Você poderia ter me dado um aviso.

Tipo uma maldita mensagem de texto dizendo que estavam chegando...

Ele dá de ombros e balança a cabeça como se dissesse: “O que diabos eu deveria fazer?”

A porra da mensagem de texto, teria sido bom.

Aceno para se afastarem e esbarro em Chaos de propósito ao

sair do quarto e entrar na sala principal do loft. Eles me seguem até a cozinha e cada um senta em um banco no balcão enquanto pego uma garrafa de água na geladeira e dou um gole.

— Eu ofereceria uma cerveja pros dois filhos da puta, mas...

Dou de ombros.

Os lábios de Chaos se curvam.

— Ainda está sóbrio?

Minhas mãos coçam para tirar o meio sorriso de seu rosto, mas em vez disso as uso para amassar a garrafa de água vazia.

— Não tenho muita escolha. Você sabe o que essa merda fez comigo e o que me custou. Não quero que isso aconteça nunca mais.

Aqueles poucos meses antes e logo depois de receber alta não passam de um borrão de más decisões e ressacas. Não foi bonito, e os dois sabem disso, pois foram as pessoas que me ajudaram a parar de beber — mas não antes de eu perder meu lugar na Delta e receber licença médica devido a “saúde mental”.

Ainda assim, sei que eles iam gostar de uma gelada depois de viajar para cá. Pego uma garrafa de água para cada um e coloco na frente deles. É o mínimo que posso fazer.

Chaos a rola entre as mãos.

— Então, quem é a garota?

Olho para a porta para garantir que ainda está fechada e descanso as palmas das mãos no granito, me inclinando ligeiramente para frente.

— Detetive Viktoria Garin, do NYPD.

Ambos erguem as sobrancelhas.

Chaos bufa.

— Então estou ainda mais interessado em saber por que você nos quis aqui. Já que qualquer motivo em que consigo pensar consiste em coisas que você não quer que o Fuzz saiba.

Suspiro e passo a mão pelo cabelo úmido.

— Ela e o parceiro, Hank Grayson, estavam investigando os russos e a mesma quadrilha de tráfico humano. Nós nos encontramos em uma boate chamada B66. Acontece que esse cara, Michail Yankovich, está realizando leilões mensais com essas garotas.

Os lábios de Mouth torcem em uma careta, e Chaos aperta a garrafa de água com força suficiente para que seus dedos fiquem brancos.

— Filho da puta.

— Concordo. De qualquer forma, enquanto estava me encontrando com Grayson não oficialmente para trocar informações e tentar avançar a investigação de um dos dois, fomos alvejados.

Ambos arregalam os olhos. Desde fomos dispensados, temos nos envolvido em vários empreendimentos que, muitas vezes, exigem

que usemos as habilidades que aprendemos com o Tio Sam, mas, é raro precisarmos nos esquivar de balas.

Chaos balança a cabeça.

— Quem foi burro o suficiente para atirar em você?

— Os russos. Pelo menos, tenho certeza de que foram eles. Só que Grayson e eu não éramos os alvos. — Inclino a cabeça em direção ao quarto. — Ela era.

— O quê?

Chaos para de brincar com a garrafa de água e levanta uma sobrancelha para mim.

— Por quê?

Solto um suspiro profundo, mais uma vez irritado com a informação que consegui de Vik.

— Parece que ela cresceu em Brighton Beach, onde há uma grande comunidade russa, e acha que foi reconhecida no B66. De qualquer forma, ela foi atingida, mas seu parceiro mandou a namorada de um amigo cuidar dela. Então alguém tentou sequestrá-la na rua e eu a trouxe aqui para mantê-la segura. E bem...

Chaos ri com gosto.

— Pensou que seu pau iria mantê-la segura?

Idiota.

Jogo a garrafa de água vazia nele, e Chaos se abaixa para evitar que o atinja na cabeça.

— Cala a boca, cuzão. Tenha respeito.

— Ah... — Ele levanta a mão. — Respeito? Porra, você tá bem abalado com essa garota.

— Vai se foder, cara.

A última coisa que quero discutir com Chaos e Mouth é minha situação com Vik. É complicado o suficiente eles darem pitaco sem saberem absolutamente nada sobre ela, e também nunca entenderiam a facilidade com ela me afeta.

Chaos bebe metade de sua água e estala os lábios.

— Então, qual é o plano? O que precisa que façamos?

Assim que abro a boca para responder, a porta se abre e Viktoria espreita a cabeça para fora. Todos os olhos se voltam em sua direção, e tanto Mouth, quanto Chaos sorriem.

Isso vai ser um show de horrores.

Os caras nunca me viram com uma mulher — pelo menos, não uma que não estivesse se despindo em um *pole*. Encher o saco um do outro é apenas parte de nossa amizade, mas quando se trata de Vik, meu instinto protetor parece ir além de impedir que os russos coloquem mais buracos de bala nela.

No entanto, não posso mantê-la longe dos meninos para sempre.

Não importa o quanto eu queira.

Aceno para se juntar a nós, e ela desliza da porta para o loft e caminha devagar até a cozinha.

— Gente, essa é a detetive Viktoria Garin. — Aponto para Chaos, que parece ainda pior que de costume, com o cabelo escuro desgrenhado e olhos azuis contornados com olheiras devido à falta de sono. — Viktoria, este é Kalen Riggs, mas você pode chamá-lo de Chaos, e este é Jude Lawson — aponto para a montanha com olhar assombroso que parece perfurar qualquer um que olha —, mas ele atende por Mouth.

Ambos inclinam a cabeça para ela em cumprimento, mas nenhum diz, nem faz mais nada para reconhecer o fato de que acabaram de nos ver transar no chuveiro.

Considerando a forma como chegaram e a primeira impressão que causaram, a necessidade de defendê-los para Vik aumenta antes que eu possa impedir.

— Eu confio minha vida a esses caras, e você também deveria.

Ela para do meu lado do balcão e oferece a eles um sorriso tenso.

— Chegaram na hora certa, rapazes.

Solto uma risada que ecoa pelo loft. Só podia ser a Vik para fazer um comentário esertinho depois de ser pega em flagrante.

— Eu estava prestes a informar os caras sobre o plano. Examinei os armazéns e excluí alguns onde ficou claro que não havia sinais de que alguém esteve lá recentemente. Mas ainda não identifiquei o certo. Os meninos e eu faremos mais alguns reconhecimentos amanhã e acertaremos tudo. Então eu vou falar com Hank, e todos nós podemos nos encontrar e finalizar o plano.

Com base no que vi, qualquer um dos armazéns deve ser bastante fácil de entrar e sair, mas os homens de Yankovich estão armados até os dentes onde quer que estejam, então não vai ter troca de tiros. Isso significa que temos de organizar com cuidado, e preciso que Chaos, Mouth e Vik estejam todos na mesma página.

Os caras são muito confiáveis. Disso, não há dúvidas, mas algo me diz que, apesar da insistência de Vik, algumas ressalvas ainda perduram — ressalvas do tipo que pode levar alguém à morte.



Viktoria

— Qual é exatamente o plano? Além de tirar as meninas de lá. Reaper troca um olhar com os amigos e olha para mim.

— Quer a resposta lícita ou a verdade?

A pergunta faz o ácido subir pela minha garganta, e eu engulo de volta e olho para os três homens. Se os outros dois forem parecidos com Reaper — e presumo que sejam, ou ele não os teria convidado aqui, para se envolverem em algo assim — então não hesitarão em puxar o gatilho, se necessário.

Embora eu tenha me conformado com o fato de que a justiça que faremos com as próprias mãos pode ser necessário nessas circunstâncias terríveis, e que envolver o departamento provavelmente apenas complicaria as coisas de uma forma que talvez custasse a vida dessas mulheres, não significa que a policial em mim ainda não se sinta um pouco desconfortável com tudo isso.

Ainda assim, tomei minha decisão e coloquei todas as minhas cartas na mesa com o Reaper. Não há como voltar atrás agora.

— A verdadeira resposta. Tenho que saber o que esperar.

Reaper inclina o quadril contra o balcão, dirigindo-se a mim, examinando meu rosto para ver se quis dizer isso mesmo ou se estou apenas aplacando-o.

— Se prendermos esses caras, quais são as chances de eles de fato serem condenados e cumprirem pena? Quais são as chances de, enquanto estiverem na cadeia, outra pessoa não assuma o negócio?

Pouquíssimas.

É a triste realidade do sistema judiciário e do poder que homens como Yankovich têm. Dinheiro e conexões costumam significar que a justiça não é feita e os criminosos vão embora. É frustrante para os policiais, que passam meses ou mesmo anos construindo um caso, e para os promotores, mas ainda mais para as vítimas.

Só preciso continuar me lembrando por quem estou fazendo isso: aquelas mulheres e meninas inocentes.

Mas Reaper não espera que eu responda, com a intenção de que sejam perguntas retóricas, ou talvez porque esteja preocupado com o que vou dizer, em especial na frente de seus amigos.

— Precisamos eliminá-los, Vik. Todos, até o último deles. Precisamos mandar o recado de que esse tipo de tráfico não vai acontecer sem repercussões. A única maneira de fazer isso é derramar o máximo de sangue possível. — Ele faz uma pausa e estreita os olhos em mim. — Você tem um problema com isso?

Eu olho dele para os amigos, esperando que um deles mostre um pinga de hesitação ou culpa.

— Nenhum de vocês tem?

Um sorriso brinca nos lábios de Chaos, mas Mouth, que ainda não disse nada, continua estoico no banco, com os cotovelos apoiados no balcão.

Bem, acho que isso responde a essa pergunta.

Não que eu esperasse algo diferente, mas o fato de as pessoas poderem tirar vidas com tanta facilidade ainda me enerva. No entanto, não posso deixar isso afetar a situação.

Viro para o homem que acabei de deixar me destruir no chuveiro, meu corpo esquentando com a memória e com o constrangimento de saber que Chaos e Mouth testemunharam pelo menos o finalzinho.

— Acho que não posso esperar mais nada de um homem chamado Reaper, posso?

Ele cruza os braços sobre o peito e balança a cabeça.

— Não cometa o erro de pensar que *gosto* de fazer isso, que *qualquer* um de nós goste de tirar vidas. Mas às vezes é necessário, Vik. — Ele olha para os amigos. — Acredite em mim, eu não tinha ideia de onde estava me metendo quando Cutter me pediu para ajudar a matar o homem responsável pelo tráfico da garota do amigo dele. Não tinha ideia de que levaria a tudo isso. Mas não consegui só ir embora, e não consigo ir embora agora com esses caras ainda respirando. Não quando o sistema penal está tão fodido. Entre propinas e acordos judiciais, alguns ou todos esses caras podem acabar se safando e, então, onde iríamos parar? Com outro armazém cheio de garotas.

Chaos se inclina um pouco para trás.

— Mas não sabemos exatamente onde elas estão?

Reaper retorna seu foco para ele.

— Encontrei uma fonte que disse que estavam em um armazém nas docas de Nova Jersey. Examinando o local, consegui excluir vários, mas temos que fazer algum reconhecimento adicional e, é claro, ver se conseguimos as plantas do prédio. Então, nos encontraremos com Hank e os Satan's Knights em alguns dias, quando estivermos prontos.

— Os Satan's Knights? — Chaos arqueando uma sobrancelha.
— Tá falando do motoclub?

Concordo com a cabeça e solto um suspiro irritado que chama a atenção de Reaper.

Ele balança a cabeça e se dirige a Chaos.

— O envolvimento deles é uma longa história que contarei depois. Apenas saiba que estamos todos do mesmo lado.

Todos do mesmo lado.

Eu gostaria de poder acreditar que isso é verdade. Mas é difícil pensar que estou do mesmo lado de criminosos e justiceiros. Ainda assim, acho que estou. É onde eu escolhi estar. Porque, goste ou não, a única razão pela qual estou aqui é minha própria escolha.

Claro, a alternativa é ficar trancada naquele quarto até que tudo isso acabe, mas preciso fazer o bem que posso, quando posso —

mesmo que isso signifique corroer um pouco minha própria consciência.

Se Reaper e seus amigos acham que a única maneira de acabar com essa quadrilha é colocando uma ou dez balas nos homens por trás dela, talvez estejam certos. Eles passaram toda sua carreira defendendo este país e pessoas inocentes contra ameaças em todo o mundo. Posso não concordar com seus métodos, mas talvez tenha de aprender a conviver com eles.

Como terei que aprender a viver com o que fiz com Reaper.

Me envolver emocionalmente com um homem tão frio e implacável é apenas me preparar para ter meu coração partido. Assim como ele vai puxar o gatilho contra Yankovich, vai puxar o gatilho e acabar com o que quer que haja entre nós quando sua missão estiver concluída.

Vou ficar aqui me perguntando o que poderia ter acontecido se tivéssemos nos conhecido em circunstâncias diferentes, ou questionando se cometi um grande erro. Serei assombrada para sempre pelas lembranças de suas mãos ásperas e calejadas me tocando, seus lábios quentes pressionados contra os pontos mais íntimos do meu corpo, a língua...

Um arrepio percorre meu corpo, um que acho que vou experimentar todos os dias da minha vida daqui para frente, ao lembrar do tempo que passamos juntos.

Não foi sua atitude mais inteligente, Viktoria.

Não, de jeito nenhum.

CAPÍTULO 17

Viktoria

A sede dos Satan's Knights parece muito diferente quando ainda há indícios de luz do sol no horizonte, e eu não estou bêbada de uísque e com dores insuportáveis depois de levar um tiro.

Não é bem um clube, na verdade, apenas um boteco que pelo visto permite que usem um quarto nos fundos. Não é bem o que se espera quando imaginam o lar de uma gangue de motociclistas. No entanto, entendo muito do assunto, então, embora tivesse ouvido falar no grupo antes de nossa fatídica reunião, não posso dizer que passei algum tempo considerando onde fazem seus negócios. E quando eles me arrastaram baleada até aqui e Hank me levou para casa depois, eu não estava muito preocupada com o local onde a cirurgia improvisada havia ocorrido.

Mas agora que estamos aqui para nos encontrar com Hank e os Satan's Knights e planejar o que poderia muito bem ser o ataque que acabaria com minha carreira como policial, não posso deixar de sentir culpa, sabendo que me envolvi com esse pessoal.

A reputação deles os precede, e agora estou entrando na cova dos leões, seguida de perto por três mercenários — com um dos quais estou dormindo. Ou, sendo mais precisa, trepando, não dormimos muito.

Meu Deus, como você chegou a esta situação, Vik?

Cada passo é como se estivesse marchando em direção ao meu fim. Deve ser porque o ex-presidente, Jack Parrish, está parado no final do longo e estreito corredor, em frente a uma porta aberta, e faz sinal para que entremos.

Reaper me faz entrar com uma mão quente firme na parte inferior das minhas costas, e, de alguma forma, apesar de todas as razões pelas quais não deveria, seu toque é como uma âncora me mantendo firme neste momento, em vez de pensar demais em tudo.

E isso é bom, porque se parasse mesmo para pensar sobre o que estamos prestes a fazer neste quarto dos fundos, provavelmente

viraria para o outro lado e sairia daqui.

Do jeito que está, é apenas a presença física de Reaper nas minhas costas que me mantém avançando na sala, que não é nada do que eu esperava. Várias mesas do bar foram unidas para formar uma longa no centro, e a insígnia do Satan's Knights ocupa todo o espaço da parede. Mas, não é tão intimidante quanto esperava. Talvez eu tenha exagerado um pouco.

Então meus olhos caem sobre o homem na cabeceira da mesa. Seu colete diz “Wolf” e ostenta o patch dizendo “*Presidente*”. Deve ser o homem que substituiu Parrish quando deixou o cargo... e não parece muito satisfeito com esta reunião.

Reaper se inclina e roça os lábios na minha orelha.

— Apenas fique calma, Vik.

Fique calma?

Eu lanço um olhar feio para ele por cima do meu ombro, mas ele apenas sorri e me incita a ir para um assento vazio no lado mais próximo da mesa. Parrish gesticula para que nos sentemos, Chaos e Mouth sentam-se do outro lado de Reaper enquanto o resto dos Satan's Knights se acomodam nas outras cadeiras vazias, deixando apenas uma vaga e uma pessoa muito importante está faltando nesta reunião.

— Onde está o Hank?

Quase como se fosse uma deixa, ele se apressa pela porta, parecendo um pouco desganhado e exasperado.

— Ei, desculpe, estou atrasado. — Seus olhos pousam em mim, e ele suspira de alívio. — Vik, você está bem?

O olhar que ele lança para Reaper me diz que não está muito confortável com a situação, apesar de suas conversas com o homem, e Hank deve ter tem mil perguntas que não tenho certeza se quero responder sobre o que está acontecendo enquanto estou na casa do nosso amigo mercenário.

Olho pela sala, para todos os olhos ríspidos nos observando, e aceno com a cabeça.

— Estou bem. Conversamos depois.

Hank parece entender e se acomoda na cadeira vazia do lado oposto da mesa.

Parrish se inclina para frente e apoia os cotovelos na mesa.

— Agora que estamos todos aqui, deixe-me apresentá-los ao Wolf, nosso atual presidente.

Wolf inclina a cabeça na direção de cada um de nós, uma careta nos lábios.

— Vou ser claro; não gosto que escondam merdas como essa de mim. — Vira os olhos pequenos para Parrish e ali fixa o olhar. — Esse clube não opera mais se envolvendo com policiais e mercenários.

Parrish revira os olhos.

— Se esta é a parte em que sacamos os paus para ver quem tem o maior aqui, sinto que devo lembrá-lo de que há uma senhora na sala. — Ele tira o palito da boca e cruza os braços no peito. — Todos nós entendemos, irmão; você está no comando. Mas a treta com Yankovich é pessoal.

— Claro que é, mas não só para você. A família Yankovich infligiu dor a todos que são da porra do motoclub. Preciso te lembrar quem atirou no meu filho enquanto você me amarrava na porra de uma cadeira?

— Pai — o cara com o patch que diz “Nico” chama do outro lado da mesa. — Não é a hora.

— Sim, Scotto — Parrish interrompe. — Isso não é novidade, porra. O envolvimento dos Satan’s Knights nesta operação é justificado, não importa como você queira encarar a história.

Hank pigarreia.

— Com todo o respeito, vocês dois podem lidar com isso depois que colocarmos as meninas em segurança, porque o tempo não está do nosso lado?

Wolf olha para Hank.

— Nosso clube está à sua disposição. Quaisquer que sejam os recursos de que precisa, homens, munição, um lugar para dormir enquanto tudo está acontecendo, é tudo seu.

Parrish descruza os braços e bate as palmas das mãos na mesa.

— Ótimo, agora podemos continuar? Qual é o plano?

Reaper se move ao meu lado e se inclina para frente.

— Localizei o armazém onde estão mantendo as meninas. Chaos, Mouth e eu o vigiamos o dia todo ontem, e temos uma boa noção das agendas e do que podemos esperar quando se trata de resistência. Também pegamos as plantas arquivadas na prefeitura de quando o armazém foi construído, para termos uma boa ideia do layout e da estrutura interna. O que não sabemos é quantas meninas estão lá, ou quanta ajuda precisaremos para resgatá-las.

Hank se mexe inquieto no assento, seu olhar indo de Parrish para nós.

— Isso vai ser um problema.

Reaper levanta uma sobrancelha para ele.

— Por que?

— Temos que colocar Anastasia e as crianças em segurança. Se formos atrás das garotas e Yankovich de alguma forma ficar sabendo, tudo o que ele tem que fazer é ligar pro guarda que está com ela, e a mulher vai ser eliminada.

Parrish se inclina para a frente.

— Sim, e se nós tirarmos ela e as crianças primeiro, ele vai

trancar o armazém com força. Talvez até tire as meninas antes que possamos pegá-las. Estamos fodidos de qualquer maneira.

Merda.

Embora essa mulher, Anastasia, tenha tentado nos ajudar desde que Hank fez contato pela primeira vez, nunca pensei no fato de que teríamos que nos preocupar com ela também, quando as balas comessem a voar.

Com um suspiro irritado, Reaper se recosta na cadeira e encolhe os ombros.

— Fazemos os dois ao mesmo tempo. Você e os Knights pegam Anastasia e as meninas, e Chaos, Mouth e eu iremos para o armazém.

Ah, de jeito nenhum!

— Você, Chaos, Mouth e eu. — Me inclino para frente e viro até que meu olhar encontre o dele. — Não pense que vai me deixar fora deste ataque, Reaper.

O canto de sua boca se contrai.

— Eu nem sonharia com isso. Se fizermos os dois ao mesmo tempo, ninguém poderá dar aviso. Talvez a gente tenha uma chance de tirar todos com segurança.

Uma chance...

Essas palavras não inspiram muita confiança. Um incômodo enrola e aperta em torno da minha espinha, fazendo-me mexer desconfortavelmente na cadeira.

Hank, pelo visto, compartilha da minha preocupação.

— Vão conseguir fazer isso só com quatro de vocês?

Reaper troca um olhar com seus amigos.

— Já lidamos com coisas piores.

De alguma forma, não duvido. Eu vi a evidência disso marcada de forma permanente em sua pele e na maneira como os olhos de seus amigos disparam pela sala, sem parar, observando cada detalhe e sem deixar passar nada.

Ainda assim, parece uma tarefa difícil, nós quatro enfrentarmos o que podem ser dezenas de homens no armazém sozinhos, mesmo que tenhamos os homens mais bem treinados do país ao nosso lado.

Tem que haver mais que possamos fazer. Mais que eu possa oferecer a esta missão.

— E se manipularmos a situação a nosso favor?

Todos os olhos na sala se voltam para mim.

Hank se mexe em seu assento e estreita o olhar em mim.

— O que você dizer?

— Bem... — Lanço um olhar hesitante para Reaper, que ficou imóvel ao meu lado. — Suspeitamos que eu era o alvo do tiroteio, certo?

Todos concordam com a cabeça.

Engulo em seco e evito olhar para ele quando enfim exponho meu plano.

— Então, sabemos que eles se interessariam se eu aparecesse no armazém, certo? Talvez eu devesse atraí-los para fora do prédio. Se estiverem ao ar livre, nas docas, serão alvos mais fáceis.



Reaper

— Você ficou *louca*, caralho? — Não me preocupo em tentar esconder a raiva da minha voz. Mesmo se tentasse, teria falhado. Miseravelmente. Na presente situação, não ficaria surpreso se vapor estivesse saindo dos meus ouvidos, como nos desenhos antigos, enquanto olho para Viktoria. — Você *deve* estar completamente desequilibrada se acha que existe alguma *possibilidade* de eu vou deixar você ser isca para os caras que já tentaram te matar uma vez.

Como ela pode sugerir tal loucura absoluta?

Cerrando as mãos em cima da mesa, espero que ela ofereça algum tipo de explicação para a sugestão maluca, ridícula e muitíssimo estúpida.

Hank bufa de seu lugar do outro lado da mesa e levanta a mão para apontar para mim.

— Na verdade, concordo com Dixon. Não vai rolar.

Viktoria tem a coragem de parecer chocada com nossas reações.

— O quê? Por que não? Sabemos que eles me querem.

Bato o punho na mesa, fazendo várias pessoas se remexerem na cadeira. Talvez um movimento imprudente de se fazer em torno desses caras.

— Porque eu não vou colocar sua vida em risco mais do que o necessário *de novo*.

Hank limpa a garganta.

— Nem eu, Vik. Fui eu quem te arrastou para isso. Eu sou a razão pela qual você levou um tiro e está arriscando o distintivo. Não vou deixar você ser isca para um louco também.

Pelo menos Hank e eu concordamos com relação à essa insanidade. Se ele apoiasse a ideia, teríamos um problema muito sério e sangrento nas mãos. Do jeito que está agora, Vik sem dúvida vai me atacar na primeira chance que tiver, quando estivermos em algum lugar privado. Mas posso lidar com ela, em especial se tenho o apoio do seu parceiro — além do de todos os outros na sala, coisa que presumo ser verdade, já que ninguém está se intrometendo para dizer

que o plano tem algum mérito.

Vik fecha a cara e olha de Hank para mim, um olhar furioso e ríspido, os braços cruzados sobre o peito.

— Sou uma mulher adulta, capaz de tomar minhas próprias decisões sobre isso.

Deslizo a mão em sua perna e aperto sua coxa enquanto me inclino. O que estou prestes a dizer não é para os ouvidos de todos.

— Nós tínhamos um acordo, Vik. Você ficaria ao meu lado, ou na porra da minha vista, para que eu pudesse ficar de olho em você o tempo todo se eu deixasse você sair daquele quarto. Sua ideia não é nosso acordo, e isso não vai acontecer. Fim da porra da discussão.

Seus olhos verdes se fixam nos meus, o desafio brilhando nas profundezas.

Pague para ver, Vik.

Não vou pensar duas vezes antes de jogá-la por cima do ombro de novo, enfiá-la de volta naquele quarto e mantê-la trancada até que tudo isso acabe.

E parece que Vik está mais do que pronta para discutir e lutar contra isso. Ela abre os lábios macios e rosados para fazer isso quando Wolf bate com seu martelinho de juiz, que é um martelo de carne, na mesa.

— Não sei o que diabos está acontecendo entre vocês, mas se alguém se importa, concordo que é melhor chegarmos de forma discreta. — Ele balança a cabeça e estreita o olhar para Parrish. — E é por isso que não fazemos negócios com esses tipos.

Chaos enfim fala ao meu lado.

— Isso é o que fazemos de melhor, pessoal. A gente consegue. — Ele desvia o olhar para Viktoria. — *Sem* colocar ninguém em risco desnecessário.

Todo o seu corpo fica tenso, a perna enrijece sob a palma da minha mão, e eu sei o que ela quer dizer — que tudo isso é um risco desnecessário — mas reprime o comentário e se acomoda na cadeira, bufando e voltando a cruzar os braços sobre o peito, com raiva.

Parrish ri em seu lugar do outro lado da mesa.

— Bem, já que está resolvido... parece que temos que planejar algumas coisas mais específicas. — Ele olha para Reaper. — Avisem se vocês quiserem homens ou recursos adicionais.

Wolf lança um olhar sujo para ele, mas Parrish não vê ou não se importa. O que quer que esteja acontecendo com aqueles dois, eu não gostaria de ficar preso no meio. Também não prevejo precisar de qualquer ajuda dos Satan's Knights. Depois do que Chaos, Mouth e eu vimos ao vigiar o lugar, estou confiante de que podemos entrar e sair sem muitos problemas.

Concordo com a cabeça e aperto a perna de Vik.

— Nós ficaremos bem.

E, quando voltarmos ao esconderijo, terei uma conversa *séria* com Vik sobre o pequeno plano que sugeri. E ela não vai gostar nada.

Todos se afastam da mesa. Coloco a mão nas costas de Vik para conduzi-la para fora da sala, mas ela olha por cima do ombro para mim com uma carranca e inclina a cabeça em direção a Hank.

— Preciso falar com meu parceiro por um minuto. *Sozinha.*

Sua rejeição não deveria me incomodar. Hank é seu parceiro há muito tempo, e eles já tinham um relacionamento muito antes de eu aparecer na vida dela. Mesmo assim, minha vista chega a sair de foco quando ela contorna a mesa e se aproxima dele, arrastando-o para o canto mais distante da sala, onde podem conversar em particular.

Sentir ciúme é assim?

Não é nada que eu já tenha experimentado, porque nunca me permiti me importar o suficiente com qualquer mulher para dar a mínima para quem ou o que ela faz quando não está comigo.

Hank passa um braço em volta do ombro dela, e fecho as mãos com raiva para me impedir de atravessar a sala e fazer algo muito imprudente com o detetive Grayson.

Chaos me bate no ombro.

— Melhor tirar essa carranca do rosto se quiser ter alguma chance dessa mulher deixar você repetir aquilo que fizeram no chuveiro, ou o que ouvi os dois fazendo nas últimas noites.

Filho da puta.

Viro para Chaos e mostro o dedo do meio.

— Vai se foder, Chaos. O que diabos *você* sabe sobre como lidar com uma mulher, afinal? Sua ex-esposa não deixou você de mãos abanando na sua primeira campanha?

Merda. Talvez tenha ido um pouco longe demais.

Ele para e contrai os lábios em uma linha firme enquanto se inclina para que os homens que permanecem na sala não escutem o que está prestes a dizer — o que deve ser uma boa ideia.

— Não finja saber da minha vida particular, Reaper. Você não tem a mínima ideia de nada.

Este não é o momento de mergulhar em sua complicada vida pessoal, embora eu ainda ache que ele talvez não seja a melhor pessoa para oferecer conselhos sobre vida amorosa.

Tiro a mão dele do meu ombro e me viro em direção à porta.

— Tem razão. Foi mal. — Tento afastar a tensão crescendo em meus ombros, mas outro olhar para Hank e Vik sussurrando no canto só me faz contrair os músculos ainda mais. — Só quero que essa coisa toda acabe logo.

Chaos levanta uma sobrelanceira para mim, seguindo meu

olhar.

— O quê? O resgate ou seu tempo com Viktoria?

Porra, sei lá.

E esse é o problema.

CAPÍTULO 18

Reaper

A brisa fresca da Baía de Newark agita o cabelo de Vik em volta do rosto, ela está agachada ao meu lado, de arma na mão e olhos muito focados no armazém à nossa frente. Apesar do rio estar logo ali, aquele cheiro maldito de flores de verão invade minha respiração, me fazendo segurar a arma com mais força.

Como diabos ela ainda está com esse cheiro, se não tem nenhum dos seus produtos no esconderijo?

É simplesmente o cheiro dela, e está ferrando com a minha cabeça de uma forma que não posso permitir agora.

Me inclinar para perto dela só piora as coisas, mas não posso arriscar ser ouvido. Encosto os lábios em sua orelha.

— Eu disse para você prender a porra do seu cabelo.

Vik vira a cabeça para mim até que nossos lábios quase se tocam.

— E eu disse para você se foder.

Agarro seu braço e puxo seu peito contra o meu.

— Não precisamos de nenhuma distração, incluindo seu maldito cabelo me fazendo cócegas com a porra do vento.

Mesmo que não seja da natureza de Vik não discutir, ela relaxa um pouco e inclina a cabeça na minha direção, concordando.

— Você poderia ter dito isso, porra.

Ela me entrega a arma e, com rapidez, puxa o cabelo para cima em um coque bagunçado, que prende com o elástico que tinha em volta do pulso, então se acomoda ao meu lado e estende a palma da mão aberta. Coloco a arma ali com um olhar irritado para ela, antes de voltar meu foco para o armazém.

A grande van azul-escura, que eles usam para entregar comida para os homens de Yankovich todas as noites desde que começamos a observar o lugar, parou alguns minutos atrás, e a comida foi descarregada e levada para dentro rapidamente. Agora, tudo o que temos a fazer é aguardar o sinal combinado para entrar.

Viktoria se move ao meu lado.

— Você acha mesmo que este é o momento certo para entrar?
— Ela olha para mim com olhos preocupados. — Não é melhor esperar até que haja menos homens lá dentro?

Não é a primeira vez que ela expressa sua preocupação com o plano que Chaos, Mouth e eu elaboramos. Ela queria entrar enquanto os dois caras que sempre trazem a comida já tivessem ido embora, mas descartamos essa ideia bem rápido.

Balanço a cabeça e me inclino para ela de novo.

— Como eu disse antes, quando eles estão comendo, não prestam atenção. Dez homens distraídos são melhores do que oito homens em alerta total.

Ela acena em compreensão e ajusta a posição de cócoras de novo, embora ainda não esteja claro se ela está desconfortável assim, ou se está nervosa.

Examino toda a área ao nosso redor, o foco passando de prédio em prédio e nas docas silenciosas que estão quase vazias a essa hora da noite. O que estamos prestes a fazer pode atrair muita atenção indesejada, e há uma boa chance de um ou todos nós acabarmos saindo daqui algemados. Mas valerá a pena se as meninas estiverem seguras. Seja porque as libertamos, ou porque os policiais apareceram ao som de tiros e intervieram.

A primeira opção é preferível, mas, de qualquer forma, este pode ser o último momento que fico a sós com Viktoria — talvez para sempre. Não queria pensar sobre isso ontem à noite, quando ela montou em mim e subiu e desceu no meu pau, devagar. Não quis pensar nisso quando ela se inclinou e me beijou, os cabelos escuros caindo em torno de nós como cortinas contra o mundo lá fora, nos mantendo naquele momento um pouco mais para que pudéssemos fingir que o mundo particular em que estivemos vivendo não terminaria no dia seguinte.

Não pensar sobre isso nos permitiu ignorar o que fizemos várias e várias vezes seguidas, até que ambos caímos tão exaustos que mal conseguíamos nos mover, e então nos enrolamos um no outro. Me permitiu continuar ignorando a realidade do que aconteceria esta noite.

Foi a melhor noite de sono que já tive em toda a minha vida. Nos braços de uma mulher que, ao mesmo tempo, me dá vontade de estrangulá-la e beijá-la até ela perder a noção. Uma mulher que odeia tudo que defendo e que defende tudo o que acredito. Uma mulher que está pronta para entrar naquele armazém conosco, armas em punho, para resgatar mulheres inocentes e garantir que elas estejam seguras, mesmo que isso lhe custe o distintivo que ela trabalhou a vida inteira para conseguir.

Olho para ela com o canto do olho.

— Tenha cuidado, Vik. Lembre-se, fique comigo o tempo todo, ao meu lado ou atrás de mim.

Ela abre a boca para dizer algo, mas logo aperta os lábios e assente com a cabeça. É tarde demais para quaisquer outras reservas ou preocupações. Chegamos longe demais para voltar agora. Não temos tempo para recuar e mudar os planos. Não com o leilão chegando tão rápido.

É agora ou nunca.

A luz sobre a porta do cais onde estacionaram a van se apaga, um sinal de que terminaram de trazer toda a comida e não voltarão para fora pelo resto da noite, a menos que algo os atraia. É também o nosso sinal para entrar.

Se tudo ocorrer como planejado, eles ficarão tão distraídos comendo que não saberão o que os atingiu até que seja tarde demais para reagir e formular qualquer tipo de contra-ataque.

O que eu disse naquela reunião ontem era verdade. Chaos, Mouth e eu já vimos muita coisa e enfrentamos probabilidades muito piores do que essa. Mas não é com a gente que estou preocupado. Estou preocupado com aquelas mulheres e com Vik. Uma bala perdida é o suficiente para acabar com a vida de alguém que não merece isso, em vez dos bandidos. É por isso que vamos ter cuidado e seguir o plano.

Levanto a mão e sinalizo para Vik que vamos agir. Ela envia uma mensagem para Hank que diz apenas “agora”, avisando que é hora, então contornamos as boias onde estávamos nos escondendo, ao lado do cais, e abrimos caminho pelas sombras em direção ao armazém onde os russos estão mantendo as meninas.

Vik fica logo atrás de mim, seus passos suaves quase inaudíveis para qualquer outra pessoa. Mas mesmo que eu não a ouvisse, a sentiria. Sempre que essa mulher está a menos de trinta metros de distância, meu coração dispara e meu corpo responde.

É mais perigoso para nós dois do que o que quer que esteja dentro deste prédio. No entanto, não consigo me arrepender de nada que aconteceu desde o dia em que a conheci naquele clube. Senti coisas com ela que nunca pensei serem possíveis. É por isso que tê-la conosco aqui coloca muito mais em jogo. Porque não se trata apenas de resgatar essas garotas e garantir que os filhos da puta paguem por seus pecados; também significa proteger essa mulher e garantir que, quando tudo tiver acabado, ela ainda tenha sua vida e seu trabalho.

Se Deus quiser...

Se eu ainda acreditasse no cara lá em cima, talvez chegasse mesmo a rezar pedindo ajuda com o que estamos prestes a fazer, mas minha fé em um poder superior morreu há muito tempo, junto com

meus amigos em uma estrada arenosa do outro lado do mundo. Rezar não os ajudou, e também não impediu Vik de deixar seu apartamento no outro dia.

Alcançamos a lateral do prédio e nos enfiamos nos recessos sombrios de uma porta lateral. Enquanto Vik mantém os olhos no que está acontecendo atrás de nós, abro a fechadura com agilidade. Esses idiotas nem modernizaram as portas de segurança deste lugar. Estão tão confiantes que ninguém jamais atacaria Yankovich que se tornaram relaxados.

Isso só torna as coisas mais fáceis para nós.

Espero...

De acordo com as plantas do prédio, esta porta leva a um pequeno corredor cheio, sobretudo, de armários de geladeira e outros pequenos armazéns. Não deveria haver nenhuma razão para nenhum dos homens de Yankovich estar por aqui. É mais provável que estejam na cozinha ou fazendo Deus sabe o que com as meninas, que presumimos estarem detidas em algum lugar na área principal do armazém.

Eu adoraria ter conseguido dar uma olhada por dentro antes de virmos, mas tivemos que trabalhar com o que estava disponível. O que não é muito. Ainda assim, com Chaos, Mouth e Vik comigo, estou confiante de que podemos tirar essas garotas daqui com segurança.

Desde que tudo corra como planejado. E, infelizmente, uma coisa que meu tempo na Delta me ensinou, é que mesmo os melhores planos podem dar errado em um instante.

Apertando com firmeza a arma, abro a porta devagar, procurando por qualquer barulho do outro lado, mas tudo permanece quieto. Apenas o som da respiração suave de Vik atrás de mim alcança meus ouvidos.

Sinalizo para ela me seguir, e o olhar determinado que lança me encoraja a acreditar que ela está cem por cento preparada. O ferimento de bala curou bem, e qualquer dor que tivesse restado parece ser uma memória há muito esquecida.

Assim como eu, quando isso acabar e eu for embora.

Mas não posso me preocupar antes da hora. É essencial estar presente quando temos um trabalho tão importante a fazer primeiro.

O corredor escuro à nossa frente pode parecer ameaçador para alguns, mas nos dá a cobertura da escuridão para entrar no prédio. Entramos, parando em cada porta e verificando vários armazéns pequenos. Chaos e Mouth entrarão pelo lado oposto e nos encontrarão no local designado, presumindo que ninguém encontre resistência antes disso. E o som de risadas escorrendo pelo corredor parece sugerir que não vamos encontrar.

Nosso plano é atacar quando estão com a guarda baixa,

concentrados em outra coisa, como comer, e parece que avaliamos a situação direito. Nada sugere que saibam que invadimos o armazém e estamos chegando perto.

Eles não têm ideia do que está por vir, e assim que atacarmos, não haverá como escapar de nossa ira.

Paro a alguns metros da porta aberta da cozinha, luz e vozes se espalhando pelo corredor escuro. Viktoria para atrás de mim, o calor de seu corpo irradiando contra o lado do meu, me lembrando que está segura — pelo menos por enquanto.

Chaos e Mouth se aproximam furtivamente da direção oposta e param do outro lado da porta, com as armas prontas.

Aqui vamos nós.

Levanto três dedos e respiro fundo antes de iniciar a contagem regressiva em silêncio.

Três... dois... um...



Viktoria

Três...

O sangue retumba alto em meus ouvidos, como ondas quebrando contra a costa, enquanto assisto Reaper iniciar a contagem regressiva. Tudo ao meu redor se move quase em câmera lenta. Três dedos. Em seguida, outro desce devagar. Prendo a respiração, minhas próprias inalações soando quase ensurdecedoras num momento em que tentamos ser tão silenciosos.

Todos os meus sentidos estão aguçados. O cheiro de algo picante chega ao meu nariz de dentro da cozinha. O frio no ar causa arrepios em meus braços expostos.

Dois...

Os olhos de Reaper movem-se para encontrar os meus, e eu me perco no mar azul pelo que parece uma eternidade. Então ele volta o foco para a porta e abaixa o segundo dedo.

Um...

Ele fecha a mão.

É agora.

Reaper e Chaos se viram para a porta e começam a atirar. Esta não é uma missão para fazer prisioneiros ou garantir que seremos capazes de interrogar alguém. Eles têm um objetivo: eliminar, a qualquer custo, qualquer um que se interponha no caminho de libertarmos aquelas garotas.

Gritos exaltados em russo encham o ar, misturados com tiros explodindo ao nosso redor, abafados demais para eu entender o que

estão dizendo. Reaper e Chaos entram na cozinha, deixando Mouth e eu na porta. O homem silencioso, mas com certeza mortal, vai imediatamente atrás deles, com a arma em punho, e assumo minha posição na soleira para vigiar o corredor e garantir que ninguém mais esteja vindo para se juntar ao combate.

Passos pesados vêm da minha esquerda e, no momento em que o homem de Yankovich vira no corredor, eu disparo, acertando três tiros bem no peito. Ele cai antes mesmo de ter a chance de sacar a arma, e olho por cima do ombro para ver o que está acontecendo atrás de mim na pequena cozinha.

Os tiros pararam, e Reaper, Mouth e Chaos parecem estar verificando os corpos dos homens no chão de linóleo descascado. O sangue se acumula sob eles, e os respingos nas paredes que já eram sujas adicionam outra pitada de evidência da pura violência que foi desencadeada no local.

Esses caras os dizimaram. Eliminaram o que parecem ser sete homens em menos de trinta segundos. E observar a maneira como trabalham — tão precisos, habilidosos, sem reservas — provoca um pequeno arrepio de admiração em meu corpo que nunca pensei que sentiria.

Reaper é um assassino. Um homem treinado para ser absolutamente letal e que leva seu trabalho a sério. Um homem que cumpre suas tarefas com facilidade, sem pensar duas vezes.

Saber que é verdade por alguém ou testemunhar algo pessoalmente são duas coisas diferentes. Embora eu provavelmente devesse estar mais preocupada com as ramificações do que eles acabaram de fazer, uma sensação de orgulho floresce em meu peito, porque Reaper é durão pra caralho.

Mouth recolhe as armas dos corpos, e Reaper, que estava agachado sobre um dos corpos, se levanta e vira para mim, a mandíbula dura.

— Yankovich não está aqui. Kosofik também não.

Eu olho para cima e para baixo no corredor.

— Você acha que algum deles está no prédio?

Reaper se aproxima com Chaos e Mouth logo atrás.

— Kosofik estava aqui ontem à noite quando viemos depois da reunião na sede dos Knights. E estive aqui na noite de anteontem.

— Talvez ele apenas não tenha vindo ainda?

Chaos oferece um meio encolher de ombros.

— É possível, ou ele pode estar ocupado em outro lugar esta noite.

Um rosnado baixo ressoa no peito do Reaper.

— Eu esperava que pudéssemos acabar com aquele filho da puta. Mas vamos seguir em frente. Precisamos encontrar as meninas.

O lembrete da missão substitui aquela pequena sensação de pavor, Reaper passa por mim e segue pelo corredor à esquerda. Vou atrás dele sem nem pensar, o comando que me deu para ficar perto ainda está soando na minha cabeça.

Mesmo ontem à noite, Reaper segurou meus pulsos juntos acima da minha cabeça em uma das mãos grandes e calejadas, enquanto me penetrava devagar, quase com doçura, e me lembrou do nosso acordo. Do fato de que eu nunca sairia do lado dele.

Eu me perguntei então, e ainda me pergunto agora, se estava se referindo estritamente a hoje, ou se havia nas palavras algum significado oculto mais amplo que nenhum de nós estava pronto para considerar na noite passada — ou talvez em *qualquer momento* no futuro próximo.

Deus sabe que não estou.

A caminho do fim do corredor, que se divide em duas direções, também não é o momento para essas reflexões. Reaper sinaliza para Mouth e Chaos irem para a direita, e eu o sigo para a esquerda, por um longo caminho mal iluminado. Uma das luzes de neon que de fato está acesa pisca de modo aleatório, lançando um brilho sinistro e ameaçador. Após o tiroteio explosivo, o estranho silêncio que nos cerca faz com as batidas do meu coração tomem meus ouvidos, o único som além de nossos passos suaves.

É improvável que alguém de fora tenha ouvido os tiros. Esta parte das docas fica, em grande parte, silenciosa e sem uso a essa hora da noite, e quando os garotos examinaram os outros armazéns, a grande maioria estava coberta de poeira e vazia, sem uso há um tempo.

Mas uma coisa que ser policial por todos esses anos me ensinou é a nunca fazer suposições. Esse é o tipo de coisa que te mata. Se as meninas estão aqui, devem ter ouvido os tiros. Não há como esconder esse tipo de carnificina. Elas devem estar se escondendo e aterrorizadas, sem saber o que está acontecendo. Para elas, tanto quanto poderíamos ter vindo ao resgate, também poderíamos ser alguém ainda pior do que os homens de Yankovich, atacando a instalação para colocar as mãos nelas.

Tento me colocar no lugar daquelas mulheres e considerar o que estaria estar pensando se estivesse presa aqui neste momento, trancada há Deus sabe quanto tempo. Provável que há meses ou anos, se foram trazidas de outro lugar, como a maioria é. A ideia faz a bile subir na garganta, e engulo quando chegamos ao batente de uma porta só um pouco aberta, à nossa esquerda.

Reaper faz uma pausa e sinaliza para entrar e verificar. Ele a abre por completo, e entramos em um escritório pequeno e escuro com uma velha escrivaninha de metal e uma cadeira de couro rasgado

ocupando um canto. Papéis estão espalhados pela área de trabalho, noto algumas palavras em inglês, mas a maior parte é em russo.

Ele faz sinal para que eu vigie a porta enquanto se aproxima da mesa e mexe em alguns papéis, até que seus olhos se estreitam. Pega um e o levanta para ler na escuridão do quarto, iluminado apenas pela fraca luz da lua que entra pela solitária janela na parede oposta.

— O que é? — faço a pergunta o mais baixo possível, mas ainda parece ensurdecedor depois do silêncio do caminho até aqui.

Ele se aproxima e o segura para que eu veja.

— Uma lista. Presumo que de todas que deveriam estar aqui.

— Ele engole em seco, seu olhar duro virando para mim. — E os preços pelos quais eles querem começar as apostas.

— Merda.

Verifico o corredor mais uma vez, a tensão apertando minhas costas. Ver essa lista torna nossa missão ainda mais urgente.

— Vamos seguir.

Reaper passa por mim e sai pela porta, verificando ambas as direções no corredor.

Eu o sigo de novo, tentando acompanhar seu ritmo enquanto mantenho meus passos o mais leve possível, e seguimos em direção aonde as plantas diziam que seria o armazém principal. No entanto, muitas mudanças poderiam ter sido feitas no edifício desde que foi construído, décadas atrás. As plantas nos deram uma boa base para continuar, mas contar com o inesperado faz parte de uma missão como esta.

Quanto mais nos aproximamos do corredor em direção ao armazém, mais espesso fica o crepitar de energia no ar, fazendo os cabelos dos meus braços se arrepiarem.

Não estou gostando disso.

Não é sempre que meu instinto me avisa para recuar ou dar meia-volta, mas cada nervo do meu corpo grita para eu dar o fora daqui agora. No entanto, não temos essa opção.

Balanço a cabeça para tentar limpá-la e paro atrás de Reaper na abertura de uma das portas que deve levar ao armazém. Reaper olha para mim, seus duros olhos azuis afiados como gelo.

Parece que ele quer dizer alguma coisa, mas permanece congelado, olhando para mim pelo que parece uma eternidade, embora deva ser apenas alguns momentos, antes de me dar um simples aceno de cabeça e se virar.

O som dos tiros vem tão rápido que nem tenho tempo de reagir, e ele cai no chão na minha frente.

CAPÍTULO 19

Viktoria

Não!

Todo o ar sai dos meus pulmões, e paro de respirar enquanto meu peito aperta.

Não, não, não!

Termino de virar o corredor, passando por cima das pernas de Reaper, a arma pronta para acertar qualquer filho da puta que atirou nele, mas em vez de liberar uma torrente de balas, congelo com o dedo no gatilho.

Ai, meu Deus...

Fileiras e mais fileiras de camas de metal preenchem todo o interior mal iluminado do armazém, dezenas, talvez uma centena delas, e tantos olhos aterrorizados que não consigo contar me observam da escuridão lúgubre. Correntes de metal cintilam com a pouca luz que as lâmpadas fracas do teto fornecem, levando o metal soldado nas camas aos pulsos e tornozelos frágeis de muito mais mulheres do que havíamos previsto.

É pior do que poderíamos imaginar. Muito mais mulheres, em uma escala muito maior do que planejamos. Acho que há uma centena de mulheres e meninas aqui, talvez mais. Todas assustadas. E talvez uma esteja armada.

É possível que uma delas tenha conseguido uma arma de um dos raptos e a tenha usado contra Reaper, presumindo que era um dos homens de Yankovich entrando?

Não importa o quanto eu tente olhar para a escuridão, não consigo localizar a arma ou alguém que poderia ter atirado em Reaper. Ou uma dessas mulheres tem uma arma, ou a pessoa que tem está usando esse mar de vítimas do tráfico como um esconderijo conveniente.

Minha pele se arrepia de ansiedade por algo. Por qualquer coisa. Examino o cômodo o melhor que posso, e mantenho os olhos nas mulheres enquanto me ajoelho ao lado do corpo caído de Reaper.

Deitado de bruços, o rosto virado para mim, o sangue começa a escorrer debaixo dele, espesso e vermelho.

Não. Não. Não. Isso não pode estar acontecendo. Este não é o plano.

Não chegamos tão longe só para terminar assim.

Tiros soam em algum outro lugar do prédio, atrás de mim e à direita, o que significa que Chaos e Mouth estão presos em outro lugar e não virão dar nenhum reforço, pelo menos não no futuro imediato.

Preciso lidar com o que está acontecendo aqui, sozinha.

Se recomponha, Vik.

Não é hora de deixar os nervos me dominarem. Não quando a vida dele e de todas essas garotas está em jogo. Estendo a mão livre, verifico o pulso no pescoço dele, e solto um suspiro de alívio.

Está baixo e fraco... mas ainda está lá. Isso significa que há esperança. Contanto que eu consiga parar o sangramento, ele pode ter uma chance. Mas é impossível me concentrar em salvar a vida dele ou a minha sem saber quem a está ameaçando.

Mantendo meus olhos no armazém, cutuco o ombro dele.

— Reaper.

Em vez de sua habitual resposta esperta e rosnada, não recebo nada. E o cômodo permanece em silêncio. Ninguém se move ou diz uma palavra. Na penumbra, é difícil distinguir tudo, e meu estômago se contrai ao pensar no perigo à espreita nas sombras.

Ainda assim, não posso atirar que nem uma louca no que não posso ver. Se acertasse qualquer uma dessas garotas, nunca me perdoaria. Não depois de tudo que passamos para chegar aqui e salvá-las. Não depois de tudo pelo que *elas* passaram esperando que alguém, *qualquer um*, fizesse a coisa certa e as libertasse.

Mas, o trabalho está longe de terminar. E preciso do homem deitado aos meus pés tanto quanto preciso respirar.

Por favor, acorde. Por favor!

Sacudo Reaper de novo, com mais força, acho que mais do que preciso ou deveria usar, mas tempos desesperados exigem medidas desesperadas. Não há nenhum movimento ou reação.

Porra, Reaper. Não me deixe assim!

Eu puxo a mão para trás e bato na bochecha virada para mim, e, desta vez, ele arqueja fundo e geme, estremecendo.

Obrigada, porra.

Empurro seu ombro e o viro de costas para que eu possa avaliar melhor a lesão enquanto tento manter um olho no armazém. Reaper range os dentes, pressionando a mão direita contra a ferida crescente no ombro esquerdo.

Cinco centímetros para a direita, e ele teria levado o tiro direto no coração. Não sei se ele se moveu no último segundo, ou se quem

puxou o gatilho tem uma pontaria de merda, mas de qualquer maneira, foi o que salvou sua vida. Mas ele ainda está perdendo muito sangue, e se ficarmos aqui por muito mais tempo, não vai sair daqui vivo.

— Levanta, Reaper. — Olho para ele, e seus olhos se abrem, mas se movem sem foco. — Levanta!

Desta vez, minha ordem ríspida ecoa pelo espaço, mais alto do que eu pretendia. Algo se move na escuridão à minha esquerda, mas antes que consiga me virar, o cano frio de uma arma pressiona minha têmpora.

Merda.

— Viktoria Garin... — a voz com forte sotaque de Kosofik flutua pelo ar parado e úmido do armazém e me dá um arrepio na espinha. — De pé. — Ele pressiona o cano com mais força na minha têmpora. — Mas deixe sua arma no chão.

Merda. Merda. Merda.

Eu arrisco mais um olhar para Reaper. Com os olhos fechados, ele parece estar inconsciente de novo, o que significa que estou sozinha.

Puta que pariu.

Devagar, coloco a arma no chão e fico de pé, então me viro para enfrentar Kosofik, o cano de sua arma agora apontado diretamente para o meu peito. O canto de seus lábios se contrai, e ele gesticula para que eu me afaste de minha arma. Dou dois passos em sua direção, e Kosofik examina o espaço às suas costas por um instante, antes de voltar o foco para mim.

— Eu diria que estou impressionado que você enfim localizou este lugar, se não estivesse tão bravo por ter conseguido invadir. — Olhos escuros duros encontram os meus. — Meus homens baixaram a guarda. Mas se eu estivesse com eles em vez de aqui vendo as garotas, vocês nunca teriam chegado tão longe.

Cerro as mãos aos lados do meu corpo com força suficiente para cravar as unhas nas palmas.

— Mas chegamos.

Ele olha para Reaper sangrando no frio concreto cinza, e sorri.

— E não adiantou muita coisa para você e seu amigo que se chama de... como era? Adam Jones? Admito, acreditei nele por um momento. E acho que teria dado a ele o local do leilão em alguns dias se não tivessem vindo aqui. Ele é um verdadeiro profissional. Você — ele levanta uma sobrancelha — por outro lado... O fato de você pensar que poderia entrar no B66 e não ser reconhecida apenas mostra a arrogância que você compartilha com os companheiros de farda.

— Não nos conhecemos. — Levanto as mãos na esperança de que isso possa convencê-lo de que estou disposta a desistir, mesmo

que isso seja a última coisa em que estou pensando. — Você já havia ido embora do bairro quando nasci, então sei que não foi você quem me reconheceu.

Ele ri e balança a cabeça.

— Não. As garotas são muito leais. Inessa reconheceu você de cara e nos alertou cinco minutos depois de você e seu parceiro entraram no clube. A partir daí, era apenas questão de ficar de olho e garantir que você não interferisse no que estava por vir. — Ele me oferece um sorriso que *quase* parece gentil. — Admito que nunca esperei que você chegasse tão longe ou tão perto. Ele olha para o corpo imóvel de Reaper, e eu sigo sua linha de visão. — Mas quem quer que seu amigo seja, é claro que tem habilidades que você não tem.

Sem dúvida, Anya poderia ter localizado este armazém, com a mesma facilidade com que Reaper conseguiu com força bruta, usando suas consideráveis habilidades de *hacker*, mas eu não tinha intenção de arrastá-la mais fundo nisso do que já fiz quando pedi que investigasse o passado de Reaper. E não vou deixar Kosofik saber sobre o envolvimento dela, porque se sabe quem eu sou, então sabe que tenho uma irmã.

— Exatamente o que você esperava conseguir aqui, Viktoria? — Ele levanta uma sobancelha escura e balança a mão livre em direção ao mar de mulheres ao seu redor. — Pensou mesmo que passaria por todos nós e as libertaria? Pensou que iria me matar?

A raiva me faz apertar os punhos enquanto abaixo as mãos, porque de repente não me preocupo se ele acha que sou complacente ou não. Prefiro cair lutando a cair desistindo.

— Achei que talvez pudéssemos salvá-las dessa vida horrível a que você as forçou.

Ele dá uma risada cínica e maligna que ecoa pelo espaço, fazendo várias das mulheres se encolherem ainda mais atrás das camas a que estão presas.

— Resgatá-las? De quê? De homens que colocariam um teto sobre suas cabeças, que lhes ofereceriam comida, abrigo e até mesmo a chance de se tornarem parceiras de vida, de uma maneira que a maioria dessas mulheres nunca nem sonharia. É isso que *você* está tentando tirar delas.

— Você é mesmo tão perverso e demente que não entende que tudo isso é coisa da porra da sua cabeça? Essas mulheres não escolheram isso. Elas não querem ser escravas de homens adultos que não têm nada melhor para fazer com dinheiro do que comprar humanos. Essas mulheres tinham vidas. Tinha famílias, e você as arrancou delas.

Um sorriso maligno torce seus lábios enquanto ele me olha.

— Talvez seja verdade. Mas é tarde demais para me impedir. E apesar de você, sem dúvida, relutar no início, tenho um cliente específico em mente que com certeza será capaz de dobrar você, se tiver tempo suficiente.



Reaper

O mundo volta depressa, me atropelando com uma dor terrível e uma voz que achei que nunca mais ouviria.

— Mas é tarde demais para me impedir. E apesar de você, sem dúvida, relutar no início, tenho um cliente específico em mente que com certeza será capaz de dobrar você, se tiver tempo suficiente.

Maldito Kosofik.

Ele estava aqui, espreitando nas sombras, esperando por uma oportunidade.

— Eu nunca vou me dobrar, Kosofik. Você tem uma visão tão baixa das mulheres, do que elas podem fazer e do que merecem, que me subestima. E também *as* subestima.

A raiva de Viktoria pesa sobre cada palavra.

Ele ri, um som baixo e profundo que me faz querer pular do chão e esmurrá-lo com os próprios punhos, mas a agonia gritante em meu ombro e o fato de que ele sem dúvida tem uma arma apontada para Viktoria agora me mantém deitado.

Kosofik não é o tipo de homem com quem se mexe, mas Viktoria parece ter a intenção de irritá-lo até que ele, por fim, perca a cabeça e descarregue nela.

— Não subestimo você, detetive Garin. Tenho uma visão muito clara do que você consegue fazer. E é nada. Está parada aí sem uma arma, com o colega morto no chão ao seu lado, sem nenhuma maneira de escapar... você perdeu.

— Perdi *mesmo*?

Ah, inferno. Eu conheço esse tom.

A indignação. É a mesma que direcionou a mim desde o momento em que a conheci. Ela vai acabar morrendo, porra.

Vik se mexe e seu perfume flutua sobre mim.

— Nossos tiros com certeza alertaram alguém sobre o que está acontecendo aqui, e já chamei a cavalaria. Todo o NYPD vai invadir este lugar com tanta força no próximo minuto que você nem vai ver de onde veio. Vai desejar ter ficado na Rússia em vez de colocar os pés aqui, pensando que poderia continuar fazendo o trabalho sujo que fazia lá com tanta facilidade.

Ele solta outra risada que ecoa pelo armazém de que só tive

um vislumbre antes de ele me acertar com aquela bala.

Mas por que não matou Viktoria no momento em que ela apareceu na porta?

— Você está mentindo, detetive Garin. O NYPD não tem ideia do que você está fazendo. Se eles soubessem, uma equipe da SWAT teria invadido este lugar e nos subjugado com força há muito tempo. Em vez disso, você e seu amigo chegaram sozinhos, o que me diz que você também está trabalhando sozinha e fora da lei. — Ele ri. — Eu acho que não deveria me surpreender, vindo de uma garota de Brighton Beach. Não importa o que alguém faça para tentar escapar, é inevitável.

— Vai se foder, Kosofik.

Essa é minha garota.

Orgulho incha em meu peito e se junta à dor ali, e arrisco um rápido olhar de lado para avaliar a situação, mal abrindo os olhos o suficiente. A apenas trinta centímetros de mim, Viktoria está de pé, com os ombros para trás e os olhos focados no inimigo na sua frente. Mas ele está sozinho. É o único que restou da equipe. Não tenho a menor ideia de onde Chaos e Mouth estão, mas pelo menos sei que Kosofik está sozinho. E isso nos dá a vantagem.

Observando através dos olhos semicerrados, mantenho meu foco em Kosofik e mexo a mão, cerrando os dentes com a dor que isso dispara pelo meu braço esquerdo, e enrolo meus dedos em volta do tornozelo de Viktoria para avisar que estou acordado e em movimento.

Ela congela e fica imóvel.

— Vou te dar mais uma chance, Kosofik. Me dê a arma e se entregue para que eu possa libertar essas pobres mulheres.

A risada dele ressoa pelo armazém mais uma vez, junto com o burburinho empolgado das mulheres, que devem ter ouvido Viktoria.

— Deve estar delirando, detetive Garin. Bastaria um movimento do meu dedo neste gatilho para acabar com você. A única razão pela qual não fiz isso ainda foi porque precisava garantir que o NYPD não viria. Há muito tempo suspeito que o departamento de polícia é um bando de idiotas inúteis que pensam que estão acima da lei porque fingem aplicá-la. Se você soubesse quantos de seus homens tenho na minha folha de pagamento, quantos deles vigiam, esperam e me fornecem todas as informações que vocês têm. Suspeitei que o departamento não soubesse de nada porque não ouvi nada, mas você acabou de confirmar, o que significa que não tenho mais utilidade para você. A não ser que seja vendê-la.

— Só por cima da porra do meu cadáver.

A raiva de Viktoria vibra através de suas palavras e dentro de mim, fazendo a adrenalina disparar pelo meu corpo. A arma que eu

estava segurando quando fui atingido está à minha direita, e não tenho como pegá-la sem que Kosofik veja o movimento. Mas a arma que Viktoria colocou no chão está a poucos centímetros da minha mão esquerda, e seu corpo bloqueia a maior parte do meu.

Só terei uma chance. Uma oportunidade e um tiro, antes que Kosofik solte os dele. Se eu estragar tudo, vou perdê-la e sangrar até a morte neste chão de concreto frio e duro, enquanto as vítimas da quadrilha de tráfico de Yankovich assistem sua única chance de liberdade desaparecer.

Aperto o tornozelo de Viktoria três vezes.

Por favor, Vik, entenda o que estou dizendo...

Isso só funcionará se estivermos em perfeita sintonia — algo em que nós dois falhamos sem parar desde que nos conhecemos. A menos que estivéssemos na cama.

Três...

Dois...

Um...

Pego a arma do chão enquanto ela mergulha para o lado, e atiro, descarregando o pente inteiro na direção de Kosofik antes que a dor e a perda de sangue finalmente me puxem de volta ao concreto e à escuridão familiar.

CAPÍTULO 20

Reaper

Um cheiro familiar me tira do que parece ser o sono mais profundo que já tive: flores desabrochando em um dia de verão. O resto dos meus sentidos retornam lentamente. Um barulho de metal batendo vem de outro lugar. O peso de um cobertor sobre mim e o toque suave de uma mão contra minha bochecha.

Onde diabos estou? E por que parece que fui atropelado pela porra de um caminhão?

Me forço a abrir as pálpebras pesadas, encontro um quarto mal iluminado, e pisco até meus olhos enfim focalizem em um teto familiar. Meu quarto no loft. Outro toque suave de mão no meu rosto me faz virar a cabeça em sua direção.

Viktoria se senta em uma cadeira ao lado da cama.

— Bem-vindo de volta.

— Merda. Quanto tempo fiquei apagado?

Ela olha para o relógio na mesa de cabeceira e solta um suspiro pesado.

— Cerca de doze horas, o que não me surpreende depois do tanto de sangue que perdeu, e das drogas que Chaos e Mouth injetaram em você.

Tento me mover e dou um gemido, a dor profunda no ombro me mantendo deitado. Mas a agonia e suas palavras me assaltam com uma enxurrada de lembranças. Memórias intercortadas por longos períodos em branco.

— O que aconteceu?

Viktoria me oferece um meio-sorriso.

— Você não se lembra?

Não importa o quanto tente trazer à tona o que aconteceu naquele armazém, tudo o que consigo são fragmentos. Balanço a cabeça e passo a mão direita pelo rosto, esfregando os olhos doloridos.

— Não de tudo. A última coisa de que me lembro é você enfrentando Kosofik.

Sua mão livre se fecha em um punho, e a tira da minha bochecha e passa pelo cabelo escuro e sedoso, liberando outra lufada daquele perfume que me deixaria com os joelhos fracos se eu estivesse de pé. Mas, considerando como me sinto, tenho certeza de que cairia no chão se tentasse agora.

Ela pressiona os lábios em uma linha firme, sua raiva claramente não diminuiu.

— Aquele filho da puta. — Ela balança a cabeça e inspira fundo. — Depois que apertou meu tornozelo, eu me afastei e você esvaziou o pente.

— E eu o matei?

Viktoria bufa e se inclina.

— Não. Três de seus tiros o atingiram, mas aquele filho da puta ainda estava respirando e de joelhos, então peguei sua arma do outro lado do seu corpo e coloquei uma bala direto na porra do coração dele para garantir que nunca faria algo assim de novo.

— Puta merda. Você o matou?

Ela roça os lábios nos meus de leve e depois se afasta.

— Matei.

Uma guerra trava em meu peito entre estar orgulhoso dela e apavorado com o que isso significa. Tento me forçar a sentar, mas só consigo levantar alguns centímetros antes de cair de volta e cerrar os dentes.

— Você poderia ter chamado reforços, Vik. Chamado uma ambulância lá e talvez tenha salvado a vida do Kosofik para ele ser acusado e levado a julgamento.

Viktoria aperta os lábios e considera por um momento, uma agitação deixando seus olhos verdes ainda mais escuros.

— Poderia, mas isso também significaria expor você.

Ela fez isso para me proteger?

A realidade do que isso poderia significar bate me atinge com mais força do que a bala disparada por Kosofik.

— E você está bem com isso?

Ela suspira e balança a cabeça, relaxando um pouco na cadeira.

— Honestamente, não sei. Depois que atirei, corri para o seu lado para tentar estancar o sangramento, e então Chaos e Mouth apareceram. Eles te tiraram de lá e te trouxeram de volta pra cuidar do ferimento. A bala atravessou direto e parece que não atingiu nada importante. Você é sortudo.

— Imagina só.

Olho para o curativo no meu ombro e tento movê-lo, mas me arrependo dessa decisão no mesmo instante, quando meu braço queima de agonia, assim como todo o lado esquerdo do meu corpo.

Está longe de ser a primeira vez que levei um tiro, mas Chaos e Mouth sabem que eu não iria querer nenhuma droga além do necessário para mexer no fermento. Isso significa que acordar dessa vez é mais difícil do que nunca.

— Então, o que aconteceu depois que desmaiei?

Ela se levanta e anda, a realidade de reviver o que aconteceu deixando-a impaciente.

— Assim que tive certeza de que eles já tinham ido embora com você, chamei a polícia.

— O que aconteceu quando os policiais apareceram?

O olhar que ela me lança poderia derreter o gelo, e ela balança a cabeça.

— Vou ter muito o que explicar quando me encontrar com meu chefe hoje. Eu apenas disse a eles que o armazém estava cheio de mulheres que foram traficadas pelos russos e que encontrariam muitos corpos lá dentro.

— Como você vai explicar tudo isso?

Uma de suas sobrancelhas escuras levanta em questão.

— Quer dizer sem delatar você, Chaos e Mouth?

Eu me sinto um idiota só de pensar nisso, por isso não perguntei, mas ela inclina a cabeça.

— Entendo. De verdade. E vou descobrir como farei isso.

— E quanto a Hank e os Knights?

— Eles tiraram Anastasia de lá. Isso é tudo que eu sei.

— O que tá rolando entre o Hank e aquela mulher, afinal?

Ela suspira e balança a cabeça.

— Não sei. Hank investe demais nessas coisas e agora há uma mulher bonita na jogada. Quando conversamos na sede dos Knights na outra noite, ele tentou fingir que não era nada, mas eu o conheço há muito tempo... definitivamente tem algo que ele não está dizendo. Verei Hank hoje à tarde na reunião. Escapei da cena ontem à noite para voltar aqui e ficar com você. Estava tão caótico que foi fácil escapar, mas preciso ter respostas nesta reunião, e serão difíceis de encontrar.

Vik está quase vibrando de ansiedade pelo que vai ter que fazer, e a culpa sobe pela minha garganta. Só há uma escolha aqui, uma coisa que posso fazer.

— Entregue-me ao seu chefe.

— O quê?

Ela congela e gira de volta para me encarar.

— Ele nunca vai acreditar que você fez tudo aquilo, que matou todos eles sozinha. Havia muitas armas diferentes, muitas trajetórias diferentes, gente de mais pra ser um trabalho individual. E se nos proteger, isso vai custar seu emprego. Então, me entregue a ele... e se

salve, já que consegui fazer isso naquele armazém.



Viktoría

— Você perdeu a porra do juízo?

Talvez eu tenha ouvido errado. Com certeza foi isso.

De jeito nenhum ele se ofereceu para ser sacrificado por mim. Ele sabe o que aconteceria se o promotor de justiça ou, Deus me livre, o procurador federal descobrisse que um ex-agente da Força Delta estava matando pessoas em solo americano.

Eu me jogo na cadeira ao lado da cama e olho para ele, esperando que seja o suficiente para eliminar essa insanidade.

— Se eu te entregar, você vai acabar na prisão por muito tempo, talvez para sempre.

Reaper balança a cabeça, seus olhos azuis se suavizando com uma afeição da qual eu não tinha certeza se ele era capaz.

— Eu falhei naquele armazém. Falhei em protegê-la. Não consegui nem derrotar Kosofik. E agora estou deitado aqui como um pedaço de merda inútil e você está prestes a se sacrificar por mim.

— Corta essa, pare de se lamentar! — A raiva sobe em meu sangue, me fazendo cerrar os punhos ao lado da cama. — Você estava meio morto e ainda conseguiu atirar no cara três vezes antes de desmaiar. Posso ter salvado nossas vidas botando um fim na história, mas com certeza foi você quem começou.

Ele continua a me encarar, sua frustração com a situação aumentando tão rápido quanto meu aborrecimento com sua atitude.

— Eu estava no exato mesmo lugar que você está há pouco tempo, então sei como se sente. Você odeia estar fraco. Entendo, porque eu também odeio. Mas você precisa de um tempo para se recuperar, e não vou deixar você fazer isso em uma cela de prisão.

Ele rosna para mim e levanta o tronco com a mão boa, fazendo uma careta, mas se inclinando para mim, com um sorriso de escárnio nos lábios.

— Você não vai se sacrificar por mim, Vik. Não vou permitir isso.

— *Permitir?* — Levanto uma sobrancelha para ele e bufo. — Você não tem escolha, porra, Reaper. Esta é a *minha* vida, a *minha* carreira. E Hank e eu vamos chegar lá e dizer ao nosso chefe o que ele precisa ouvir. Se eu perder meu distintivo por causa disso, que seja. Aquelas garotas estão livres agora. Não sei o que mais poderia desejar.

Além de você.

Engulo essas palavras finais enquanto o encaro, esperando que

continue a discutir comigo. Mas ele pode falar até ficar com o rosto roxo, e isso não vai mudar o que está para acontecer. Vou sair daqui e ir àquela reunião. Vou sentar lá com Hank e ter que explicar ao Capitão Miller o que fizemos. E o porquê. E farei isso, sem citar nomes. Isso, sem dúvida, vai colocar a corregedoria no meu pescoço e me custará o distintivo, mas que assim seja.

O futuro é incerto de muitas maneiras... e não apenas com relação à minha carreira. Não sei se Reaper estará aqui quando eu voltar. O homem é treinado para desaparecer como um fantasma, sumir sem deixar vestígios, e até mesmo machucado, algo me diz que ainda pode fazer isso tão rápido que eu nem veria a poeira que ele levanta ao sair.

Mas não consigo dizer o quanto não quero que ele vá embora. O quanto eu quero rastejar para esta cama com ele e apenas ficar ali.

Em vez disso, engulo essas palavras e pressiono meus lábios nos dele com força antes de empurrar seu peito.

— Volte a deitar. Durma um pouco. Voltarei... se conseguir.

Levanto e caminho até a porta, com a intenção de não olhar para trás, a menos que ele me peça para ficar, mas seu silêncio diz muito. O suficiente para me fazer parar na porta, mas manter os olhos na cozinha, onde Chaos e Mouth se esforçam para cozinhar alguma coisa.

Eles devem ter salvado a vida de Reaper tanto quanto eu, mas esses homens são tão letais quanto ele. Só que ele não apenas matou centenas de homens, como também destruiu minha alma, porque não sei como vou conseguir ficar com outra pessoa quando tudo o que faço é compará-los com aquele homem deitado na cama atrás de mim.

Pare, Vik.

Não é hora de pensar nisso. Não quando tenho uma reunião tão importante. Eu me forço a sair e fechar a porta, essencialmente selando meu destino com Roderick “Reaper” Dixon lá dentro.

CAPÍTULO 21

Viktoria

Agora sei como os suspeitos que interrogo devem se sentir quando nos sentamos do lado oposto daquelas mesas ruins nas salas de interrogatório. Me mexo no assento sob o olhar minucioso do capitão Miller e lanço um olhar para Hank, que está sentado ao meu lado nas duras e desconfortáveis cadeiras de madeira em frente à mesa do capitão.

No momento em que entrei na delegacia, o capitão me conduziu sem cerimônia ao seu escritório, onde Hank já estava esperando. O que significa que meu parceiro e eu nem tivemos chance de conversar antes do início da investigação.

Por fim, depois do que pareceram horas sentados com nada além de um silêncio constrangedor, desconfortável e pesado entre nós, o capitão se inclina para frente e apoia os cotovelos na mesa, juntando as mãos.

— Sinceramente, nem sei o que dizer, Garin. Espero esse tipo de merda de Grayson, mas de você? — Seu olhar duro me corta como uma faca. — Você entrou em um armazém, sabendo que devia estar cheio de homens de Yankovich armados, bem como de dezenas de potenciais vítimas de tráfico, sem pedir reforços. Depois de descarregar uma arma e matar vários homens, aí você ligou e fugiu da porcaria do local, e deixou a gente juntando as peças pra tentar entender que porra aconteceu.

Ele solta um suspiro pesado e se inclina para trás.

— Então *este* cara aparece aqui com Yankovich algemado e diz que tem as provas de que precisamos para acusá-lo.

— O quê? — Eu me endireito na cadeira e viro para Hank. — Você prendeu Yankovich?

Nunca recebi nenhum detalhe de sua parte na missão além de um texto informando que a mulher e os filhos dela estavam seguros. Yankovich nunca foi mencionado na conversa.

Hank levanta uma sobrancelha para mim e limpa a garganta.

— Como eu estava dizendo ao capitão, você não teve escolha a não ser agir. E eu deixei claro que você tinha que fazer isso. Não havia tempo para esperar pelo reforço. A vida de todas aquelas mulheres dependia disso. Expliquei que tudo isso era minha culpa. Que eu sabia que, assim que prendesse Yankovich, a notícia chegaria aos homens no armazém e eles provavelmente matariam as meninas para que nenhuma delas pudesse testemunhar. Que te enviei para ajudar e você desconhecia por completo as identidades dos homens que saíram antes da chegada da polícia.

Ai, meu Deus.

O que diabos ele está fazendo?

Ele está levando a culpa por mim.

Ah, ai, meu Deus. Não. Não. Não. Não. Não. Não. Não. Não.

Abro a boca para contestar, para dizer ao capitão que sabia bem o que estava fazendo e fiz a escolha consciente de me envolver, mas Hank estende a mão e envolve meu pulso.

— Está tudo bem, Vik. Eu tenho que assumir o que fiz. Diga a verdade ao capitão.

O olhar duro que me oferece me diz exatamente o que Hank quer que eu diga. Ele quer que eu me safe e continue sua história. Ele quer levar toda a culpa, mesmo que isso lhe custe o distintivo.

Porra. Porra. Porra. Porra. Porra.

Não dá para acreditar que, apenas alguns dias atrás, eu estava questionando se poderia confiar em Hank de novo, e agora aqui está ele, pronto para se sacrificar, embora eu tenha tomado uma decisão muito consciente de ajudá-lo, sabendo dos riscos.

— Me-me desculpe, capitão, por não ter telefonado imediatamente. Acontece que eu estava na área, bem na esquina, na verdade, e Hank sabia que eu chegaria lá rápido.

O capitão Miller ergue as sobrancelhas.

— E não teve como pegar a porra do rádio e avisar?

— Eu não estava com a viatura. Nem sequer estava armada, já que estava de licença. Hank disse que alguém me encontraria lá para ajudar. Desculpe. Nem peguei o nome do cara.

Hank endireita os ombros.

— E você também não vai pegar, capitão. Estou preparado para enfrentar as consequências do que fiz, mas as pessoas que me ajudaram o fizeram para salvar aquelas pobres meninas. Não vou deixar que sejam condenados por isso, podendo proteger suas identidades.

Meu Deus. Ele vai mesmo levar isso até o fim...

O capitão solta outro suspiro pesado e se recosta na cadeira.

— Você provavelmente será acusado criminalmente. — Ele desvia o olhar para mim. — E a corregedoria vai grudar em vocês que

nem carrapato.

Hank inclina a cabeça.

— Eu sei, senhor.

Eu faço o mesmo.

— Vou dizer a eles tudo o que precisam saber e cooperar com qualquer investigação. Mas não posso oferecer nenhum nome, já que não os conheço.

Isso deve proteger Reaper, Mouth e Chaos de qualquer processo criminal, presumindo que não haja evidências adicionais em algum lugar que possam ser ligadas a eles. Mas nem estou preocupada com isso.

O três são verdadeiros profissionais que sabem o que estão fazendo. Depois que Chaos e Mouth cuidaram dos poucos homens restantes em outras partes do armazém, fizeram uma varredura completa para garantir que nada fosse deixado para trás antes de virem nos localizar. Se houvesse algo para encontrar, eles teriam encontrado e garantido que fosse resolvido. Não tenho nenhuma dúvida sobre isso. O que significa que eles devem estar livres.

Hank, por outro lado...

Ele ainda está sentado, ombros para trás e cabeça erguida, apesar do fato de estar afundando a carreira. E está fazendo isso por mim.

Mal consigo encontrar as palavras, mas o capitão me encara, esperando que eu diga alguma coisa.

— Vou aceitar qualquer punição que a corregedoria considere necessária pelo que fiz.

O capitão balança a cabeça e faz cara feia.

— Você pode perder seu distintivo por causa disso, Viktoria. — Outro suspiro pesado escapa de seus lábios. — E eu perguntaria se vale a pena, mas vi aquelas garotas. Soube das condições em que estavam vivendo e o que aqueles malditos russos pretendiam fazer com elas. Então, sei que valeu a pena. Por mais bravo que eu esteja com toda a situação, não posso te culpar muito pelo que fez. — Ele volta sua atenção para Hank. — Agora, Hank, sinto muito por ter que fazer isso.

— Eu sei, senhor.

Hank leva a mão à cintura, e coloca seu distintivo e arma sobre a mesa.

Isso está acontecendo de verdade?

— Viktoria? — O capitão levanta uma sobrancelha para mim. — Vou precisar dos seus também. Pelo menos até a corregedoria terminar a investigação e determinar se alguma ação adicional é necessária.

Assinto com a cabeça.

— Eu entendo.

Tirar o distintivo e a arma, que parei em casa no caminho para pegar, parece surreal, e minha mão treme com tanta violência que é quase embaraçoso.

O capitão acena para nós dois.

— Esperem notícias deles em breve.

Levanto da cadeira e sigo Hank para fora da sala em transe, os últimos minutos passando pela minha cabeça como um filme de terror ruim. No momento em que estamos longe o suficiente no corredor, seguro Hank pelo antebraço. Ele se vira para mim, eu o solto e examino o corredor para garantir que estamos sozinhos.

— Você está louco? Por que fez isso? Por que você...

Ele se aproxima de mim e me envolve em um abraço nada típico do Hank.

— Fiz porque você não merece ser punida por nada disso. Eu, por outro lado, sabia do risco que corria. Aceitei. Já fiz as pazes com isso. Posso arranjar outro emprego, Vik. O que não posso fazer é assistir você perder tudo pelo qual trabalhou tanto porque deu a louca no seu parceiro e ele resolveu se rebelar.

— Pelo amor de Deus, Hank... — Balanço a cabeça e me afasto dele. — Eu gostaria muito que você não tivesse feito isso.

Ele sorri para mim.

— Eu sei, Vik, mas tive que fazer. Apenas se atenha à história e você ficará bem. Talvez receba uma advertência, e eu não descartaria uma suspensão, mas não vão te demitir. Esta cidade precisa de bons policiais, mais do que nunca. Você é uma dos melhores.

— Que diabos você vai fazer?

Hank olha por cima do ombro para o corredor e dá de ombros.

— Talvez eu me junte a um motoclub. — Ele me lança uma piscadinha. — Agora, vou ver Anastasia e as crianças para ter certeza de que estão bem acomodados.

— Você gosta dela de verdade.

Ele dá de ombros mais uma vez, seus olhos correndo pelo corredor, evitando os meus de propósito.

— É complicado.

Eu bufo.

— Você com certeza gosta dela. — Balanço a cabeça e suspiro. — Não pode ser mais complicado do que as coisas entre mim e Reaper.

Ele sorri.

— Sim, eu aposto. Vocês dois são como óleo e água. Então, qual é o lance? Ele está planejando ficar por aqui?

— Eu gostaria de saber.

Porra, eu gostaria de saber mesmo.



Reaper

Saio do quarto arrastando os pés e esfregando o rosto com a mão, e encontro Chaos e Mouth sentados no balcão com o que parece ser macarrão, comido pela metade, em tigelas na frente deles.

— E aí, cara. — Chaos se vira para mim no banco e se recosta no balcão. — Bom ver você acordado. Como está se sentindo?

Mouth inclina a cabeça em minha direção, depois volta para a comida.

Eu ofereço a Chaos um olhar irritado e me jogo no banquinho ao lado dele com um grunhido.

— Muito bem, hein?

— Vai se foder, cara. Quando foi a última vez que você levou um tiro?

Ele esfrega o queixo e finge pensar, embora nós três saibamos exatamente quando foi.

— Doze meses atrás.

— Talvez esteja na hora de tomar outro.

Ele balança a cabeça e ri.

— Eu gostaria de me manter livre de balas no futuro.

— Não gostaríamos todos?

Mouth bufa e acena com a cabeça, terminando a refeição.

Chaos abre a boca, provavelmente para fazer outro comentário espertinho, mas todos nós congelamos com o barulho da porta da garagem subindo.

— Parece que sua mulher está de volta.

Eu faço uma careta para ele.

— Ela não é minha mulher.

Ele coloca um pedaço de pão na boca e mastiga.

— Mas parece que ela é, sim. — Com um encolher de ombros, ele se afasta do balcão e faz sinal para que Mouth o siga. — Vou fumar um cigarro na escada de incêndio. Te vejo mais tarde.

Eles saem pela janela aberta para a saída de incêndio dos fundos, e eu suspiro e passo a mão no rosto enquanto o elevador sobe com uma complicação muito grande dentro.

Eu não sabia o que dizer quando ela saiu mais cedo. Como dizer que talvez eu não estivesse aqui quando ela voltasse. E, sendo sincero, se não fosse meu braço em uma tipoia e um buraco no meu ombro, nós três já estaríamos bem longe agora.

Observá-la parada naquela porta de costas para mim foi como esperar que um pedaço de mim fosse embora, mas é que não consegui

pronunciar as palavras que queria dizer. Porque não sei o que ela quer. E porque nossas vidas são tão completamente diferentes. *Nós somos* tão diferentes.

O elevador chega ao loft, e Viktoria abre o portão de metal e sai. Seus olhos se encontram com os meus enquanto ela caminha devagar pela sala e se acomoda no banco ao meu lado. O cabelo escuro flui ao redor dela, tão macio que faz meus dedos coçarem para tocá-lo.

— Onde estão Mouth e Chaos?

Eu inclino a cabeça em direção à escada de incêndio.

— Fumando.

Ela balança a cabeça e solta um suspiro longo e lento, como se estivesse colocando para fora todo o estresse do dia. O que sugere que a reunião não foi como planejado.

Estou quase com medo de perguntar.

— Como foi sua reunião?

— Tão boa quanto se podia esperar. Em especial porque Hank assumiu a posição de bode expiatório e levou a culpa por tudo.

— O quê?

Vik assente com a cabeça, a exaustão dos últimos dias criando bolsas escuras ao redor dos olhos.

— Ele disse ao capitão que era tudo culpa dele. Que ele me ligou com a localização das meninas porque sabia que eu estava na área, e as queria seguras enquanto prendia Yankovich para que ninguém as machucasse.

— Ele prendeu Yankovich?

— Sim — ela desabafa e se inclina para frente, apoiando os cotovelos no balcão e passando as mãos pelos cabelos. — Me surpreendeu pra caralho também.

— Então, você conseguiu pelo menos metade do que queria. Ele irá a julgamento.

Ela dá de ombros.

— Talvez. Veremos. — Seu olhar se volta para mim e se suaviza um pouco. — Como está se sentindo?

Ofereço um pequeno encolher de ombros, então estremeço e, no mesmo instante, me arrependo.

— Muito bem.

Batucando de leve com as unhas no balcão, Vik engole em seco e lança um olhar na direção a que os caras foram.

— Quando vocês vão embora?

Suspiro e passo a mão pelo cabelo, virando no banco para encará-la.

— Não sei. O que vai acontecer com você?

Ela fecha bem os olhos e solta um gemido frustrado.

— A corregedoria vai ficar no meu pé. Tenho que me encontrar com eles amanhã, e então... — Um de seus ombros sobe e desce, e enfim abre os olhos para me olhar com um olhar que forma uma dor no centro do meu peito. — Não sei.

— Existe uma chance de você manter seu distintivo?

— Espero que sim.

Limpo a garganta.

— E... se não?

Ela solta um suspiro longo e pesado e passa as mãos pelos cabelos, puxando-os com delicadeza.

— Porra, sei lá, Reaper. Sinto que não sei mais nada. As últimas semanas não foram nada além de uma perturbação atrás da outra.

— É isso que eu sou? Uma perturbação?

De onde diabos saiu essa pergunta? E por que estou tão na defensiva?

Não importa. Está pairando entre nós agora, engrossando o ar com uma tensão tão palpável que eu poderia cortar com a faca que guardo na bota.

Ela congela e se vira para mim, jogando as mãos para cima, mas se de raiva ou frustração... é impossível dizer.

— Eu não sei *o que* você é, Reaper.

— Sim, sabe. Você mesma disse... sou um assassino insensível.

— Você não é insensível. — Vik balança a cabeça e se inclina para passar as pontas dos dedos ao longo da minha bochecha, e o polegar sobre meus lábios. — Você tenta esconder seus sentimentos, mas ainda posso vê-los sob todas aquelas cicatrizes que você não quer que eu toque.

Porra...

Lá vem aquele maldito aperto em meu peito de novo, e eu me afasto de seu toque, desviando o olhar em direção à janela, para a escada de incêndio, onde eu preferiria estar fumando um cigarro do que tendo esta conversa.

— Você não quer ouvir sobre elas, Vik. Não quer ouvir minhas histórias de terror.

— Eu não perguntaria se não quisesse.

— O que aconteceu ontem à noite naquele armazém... — Olho para ela e aperto meu punho no balcão. — Não é nada comparado a algumas das coisas que vi, algumas das coisas que fiz.

Os motivos das cicatrizes e da bebida que acabaram me dando alta. A razão pela qual nunca vou para casa ver meus pais é que não consigo olhar nos olhos deles, sabendo o que fiz e continuo fazendo.

Vik desliza do banco e me força a abrir as pernas até eu virar de frente e permitir que ela entre no meio das minhas coxas. Ela

captura meu rosto com as palmas das mãos e o inclina em sua direção.

— Não sei se vou continuar sendo policial ou não. O que eu sei... é que eu quero conhecer *você*. Quero conhecer o Roderick Dixon. E... quero conhecer Reaper. Quero saber o que te *transformou* em Reaper. Por que prefere ser ele a ser Roderick. Quero saber tudo o que estiver disposto a me contar. Tudo o que aconteceu na sua vida o trouxe até mim, a este momento no tempo. Um momento que não quero deixar passar em branco.

Suas palavras me cortam mais fundo do que qualquer faca. Em segredo, sempre desejei ouvir isso, mas, ao mesmo tempo, também sempre tive medo disso.

— É isso que você quer? Que eu fique?

— Ou vá... — O canto de sua boca curva para cima. — E eu irei com você.

— Você iria embora? Simples assim?

— Nem sei se terei mais um distintivo, pelo menos aqui em Nova York.

Quem dera fosse assim tão fácil, deixarmos tudo para trás juntos.

— E o que eu faço, Viktoria? Você me disse que não há lugar neste mundo para justiceiros que agem fora da lei.

Ela oferece um pequeno encolher de ombros, indiferente.

— Posso ter sido um tanto dura quanto a isso quando nos conhecemos, mas depois do que aconteceu com Yankovich, acho que justiceiros têm seu valor. E também não acho que o que fizemos nas últimas semanas é o que você faz todos os dias.

Suposição bastante ousada da parte dela.

Não discutimos exatamente o que eu estava fazendo antes de aparecer em Nova York, além da minha pequena missão em Manila que me trouxe para a cidade.

Engulo em seco.

— Não tenho feito muito desde que fui dispensado. Alguns favores para alguns amigos, e só.

Ela pode fazer suas próprias suposições sobre os tipos de “favores” que tenho feito, e algo me diz que, a essa altura, não estará muito longe da verdade.

Uma de suas mãos desliza da minha bochecha, passa pelo pescoço, e para no meu peito.

— E você vai continuar fazendo isso? Favores para amigos?

Se eu dissesse que *não*, estaria mentindo. E não quero fazer promessas que não posso cumprir.

— Tenho pensado em abrir um negócio. Uma empresa de segurança privada com Chaos e Mouth, e talvez alguns outros caras que estão prestes a sair. É provável que ainda faríamos algum trabalho

e favores para as pessoas, mas uma empresa de segurança legítima traria uma boa renda.

Um sorriso brinca em seus lábios perfeitos.

— Parece perfeito para você.

— Pode ser. — Respiro fundo, reunindo coragem para dizer as próximas palavras a ela. Palavras que nunca imaginei dizer a ninguém antes. — Seria perfeito se você estivesse ao meu lado.

Sua mão congela na minha bochecha, olhos verdes brilhando com lágrimas não derramadas.

— É isso mesmo que você quer?

É a mesma pergunta que me fiz mil vezes desde que a beijei pela primeira vez. A que tem chacoalhado tanto na minha cabeça que deixou marcas permanentes. Mas depois de tanto tempo sem saber a resposta, agora, parece tão óbvia.

— Tudo o que sei é que quero você, Viktoria. Quero sua boca esperta, sua atitude. Quero que você me desafie e brigue comigo para que possamos fazer as pazes do nosso jeito. Quero conseguir dormir à noite, e a única vez que isso aconteceu foi com você. É isso que eu quero. Se você também quiser.

Ela não me responde, apenas se inclina e pressiona os lábios nos meus em um beijo tão doce que é quase enjoativo. Mas, em vez de rejeitar o beijo, rejeitar Viktoria e me proteger, como sempre fiz durante toda a minha vida adulta, passo o braço bom em torno dela e a puxo contra mim, ignorando a dor que causa quando devoro sua boca e aprofundo nosso beijo.

Eu sabia que um acerto de contas estava chegando, que alguém teria que pagar pelo que fizeram com Eva, com *todas* aquelas garotas. Só nunca imaginei que sairia dessa me sentindo mais vivo do que nunca, e com a mulher que poderia ter arruinado toda a missão.

A mulher que agora detém meu coração e meu futuro.

SOBRE A AUTORA

Gwyn McNamee é advogada, escritora, esposa, e mãe (de um filho humano e dois peludinhos). Originalmente do Centro Oeste, Gwyn se mudou para a cidade do marido, Las Vegas, em 2015 e está aproveitando a trégua do frio e da neve. Gwyn vem escrevendo seus plots e ideias por anos e finalmente decidiu dividi-los com o mundo. Ela ama escrever histórias com uma pitada de suspense e ação, misturando com romance e cenas quentes.

Quando não está escrevendo ou vorazmente devorando qualquer livro em sua frente, Gwyn está ocupada aumentando sua coleção de tatuagens, jogando golfe e causando com seu perfeito mix de doçura e sarcasmo (geralmente de salto alto).

REDES SOCIAIS

www.instagram.com/gwynmcnamee
www.facebook.com/AuthorGwynMcNamee
<https://www.twitter.com/GwynMcNamee>
www.gwynmcnamee.com



GRUPO EDITORIAL

Five

<https://www.grupoeditorialfive.com>

<https://www.instagram.com/editorafive>

<https://twitter.com/EditoraFive>

<https://tiktok.com/@editorafive>

Table of contents

1. [Início](#)
2. [Prólogo](#)
3. [Capítulo 1](#)
4. [Capítulo 2](#)
5. [Capítulo 3](#)
6. [Capítulo 4](#)
7. [Capítulo 5](#)
8. [Capítulo 6](#)
9. [Capítulo 7](#)
10. [Capítulo 8](#)
11. [Capítulo 9](#)
12. [Capítulo 10](#)
13. [Capítulo 11](#)
14. [Capítulo 12](#)
15. [Capítulo 13](#)
16. [Capítulo 14](#)
17. [Capítulo 15](#)
18. [Capítulo 16](#)
19. [Capítulo 17](#)
20. [Capítulo 18](#)
21. [Capítulo 19](#)
22. [Capítulo 20](#)
23. [Capítulo 21](#)
24. [Sobre a autora](#)
25. [Sobre a Five](#)

Guide

1. [Cover](#)
2. [Beginning](#)
3. [Sumário](#)

1. [1](#)
2. [2](#)
3. [3](#)
4. [4](#)
5. [5](#)

6. [6](#)
7. [7](#)
8. [8](#)
9. [9](#)
10. [10](#)
11. [11](#)
12. [12](#)
13. [13](#)
14. [14](#)
15. [15](#)
16. [16](#)
17. [17](#)
18. [18](#)
19. [19](#)
20. [20](#)
21. [21](#)
22. [22](#)
23. [23](#)
24. [24](#)
25. [25](#)
26. [26](#)
27. [27](#)
28. [28](#)
29. [29](#)
30. [30](#)
31. [31](#)
32. [32](#)
33. [33](#)
34. [34](#)
35. [35](#)
36. [36](#)
37. [37](#)
38. [38](#)
39. [39](#)
40. [40](#)
41. [41](#)
42. [42](#)
43. [43](#)
44. [44](#)
45. [45](#)
46. [46](#)
47. [47](#)
48. [48](#)
49. [49](#)

50. [50](#)
51. [51](#)
52. [52](#)
53. [53](#)
54. [54](#)
55. [55](#)
56. [56](#)
57. [57](#)
58. [58](#)
59. [59](#)
60. [60](#)
61. [61](#)
62. [62](#)
63. [63](#)
64. [64](#)
65. [65](#)
66. [66](#)
67. [67](#)
68. [68](#)
69. [69](#)
70. [70](#)
71. [71](#)
72. [72](#)
73. [73](#)
74. [74](#)
75. [75](#)
76. [76](#)
77. [77](#)
78. [78](#)
79. [79](#)
80. [80](#)
81. [81](#)
82. [82](#)
83. [83](#)
84. [84](#)
85. [85](#)
86. [86](#)
87. [87](#)
88. [88](#)
89. [89](#)
90. [90](#)
91. [91](#)
92. [92](#)
93. [93](#)

94.	94
95.	95
96.	96
97.	97
98.	98
99.	99
100.	100
101.	101
102.	102
103.	103
104.	104
105.	105
106.	106
107.	107
108.	108
109.	109
110.	110
111.	111
112.	112
113.	113
114.	114
115.	115
116.	116
117.	117
118.	118
119.	119
120.	120
121.	121
122.	122
123.	123
124.	124
125.	125
126.	126
127.	127
128.	128
129.	129
130.	130
131.	131
132.	132
133.	133
134.	134
135.	135
136.	136
137.	137

138. [138](#)
139. [139](#)
140. [140](#)
141. [141](#)
142. [142](#)
143. [143](#)
144. [144](#)
145. [145](#)
146. [146](#)
147. [147](#)
148. [148](#)
149. [149](#)
150. [150](#)
151. [151](#)
152. [152](#)
153. [153](#)
154. [154](#)
155. [155](#)
156. [156](#)
157. [157](#)
158. [158](#)
159. [159](#)
160. [160](#)
161. [161](#)
162. [162](#)
163. [163](#)
164. [164](#)
165. [165](#)
166. [166](#)
167. [167](#)
168. [168](#)
169. [169](#)
170. [170](#)
171. [171](#)
172. [172](#)
173. [173](#)
174. [174](#)
175. [175](#)
176. [176](#)
177. [177](#)
178. [178](#)
179. [179](#)
180. [180](#)
181. [181](#)

182. [182](#)
183. [183](#)
184. [184](#)
185. [185](#)
186. [186](#)
187. [187](#)
188. [188](#)
189. [189](#)
190. [190](#)
191. [191](#)
192. [192](#)
193. [193](#)
194. [194](#)
195. [195](#)
196. [196](#)
197. [197](#)
198. [198](#)
199. [199](#)
200. [200](#)
201. [201](#)
202. [202](#)
203. [203](#)
204. [204](#)
205. [205](#)
206. [206](#)
207. [207](#)
208. [208](#)
209. [209](#)
210. [210](#)
211. [211](#)
212. [212](#)
213. [213](#)
214. [214](#)
215. [215](#)
216. [216](#)
217. [217](#)
218. [218](#)
219. [219](#)
220. [220](#)
221. [221](#)
222. [222](#)
223. [223](#)
224. [224](#)
225. [225](#)

226. [226](#)
227. [227](#)
228. [228](#)
229. [229](#)
230. [230](#)
231. [231](#)
232. [232](#)
233. [233](#)
234. [234](#)
235. [235](#)
236. [236](#)
237. [237](#)
238. [238](#)
239. [239](#)
240. [240](#)
241. [241](#)
242. [242](#)
243. [243](#)
244. [244](#)
245. [245](#)
246. [246](#)
247. [247](#)
248. [248](#)
249. [249](#)
250. [250](#)
251. [251](#)
252. [252](#)
253. [253](#)
254. [254](#)
255. [255](#)
256. [256](#)
257. [257](#)
258. [258](#)
259. [259](#)
260. [260](#)
261. [261](#)
262. [262](#)
263. [263](#)
264. [264](#)
265. [265](#)